

the
mighty
hunter

LORDS OF THE ABYSS

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MICHELLE
M. PILLOW





A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária. O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Facebook, grupos, blogs, sites) ou ainda, quaisquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo Rhealeza de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Rhealeza TRADUÇÕES *Presents*

Staff

Tradução: Yara

Revisão: Diana

Revisão final: Selene

Leitura Final: Hera

Formatação: Cibele

Grupo Rhealeza Traduções

04/2016





The Mighty Hunter

Série Lords of the Abyss#1-

Michelle M. Pillow

Sinopse

A Cientista Bridget Dutton não tem tempo para o amor tradicional. Seu coração pertence ao seu trabalho. Embora as leituras da química da água do oceano não sejam sua praia, ela está disposta a colocar seu tempo na oportunidade de explorar o abismo. Quando o seu barco é atacado, o sonho de Bridget pode se concretizar mais cedo do que planejado.

Caderyn, o Caçador, o homem mais sexy, e talvez o mais louco que ela já viu, talvez a tenha resgatado da morte, mas quem a salvará dele? Com um corpo deliciosamente quente e todos os movimentos certos, o homem é uma sedução ambulante, e muito difícil de resistir. Há apenas um problema. Caderyn afirma que eles estão no Abismo, vivendo em uma ilha amaldiçoada no Fundo do Mar. E, se isso não fosse ruim o suficiente, ele diz que é um Tritão.

Faíscas voam. Desejo. Calor. Mas Caderyn pode convencer a lógica Bridget? Há espaço para mais de um amor em seu coração?



Presente da traditora Para Equipe do GRT

Um pequeno mimo para vocês, garotas.

Nem se compara ao que vocês fazem: encontram os livros, depois traduzem, revisam e, por fim, editam.

É bem cansativo, mas quando vemos o resultado, percebemos que não tem coisa melhor.

Bem, espero que como eu, se divirtam muito com esse casal. Esse é meu presente para vocês, e meu muito obrigado por tudo que vocês fizeram e continuam fazendo.

Beijos

Yara T.



Capítulo Um

*B*ridget Dutton observava as ondas batendo ao longo da proa do navio enquanto ele cortava a água. Não importava quantas vezes ela fosse para o mar, ela nunca conseguia parar de olhar para a beleza dele - o azul brilhante da água estendendo-se como um campo em movimento para o horizonte. Ela adorava o som, o cheiro, a sensação de ser balançada pelas ondas para dormir. Mas havia também a excitação disso, o desconhecido.

Agora, com o brilhante luar que iluminava a superfície vítrea, a água era excepcionalmente bela de se ver. Não havia nada ao redor do barco, somente o mar e o céu noturno. Eles estavam a quilômetros de distância da costa, cercados por um azul cintilante.

—Sua mãe deve estar pensando que deu à luz a um golfinho. —Ned Devenpeck brincou, juntando-se a rampa.

Ele era o chefe da sua expedição. Seu sotaque ainda mantinha traços de seu nascimento holandês, mas depois de quase trinta anos de trabalho na costa da Flórida, principalmente estudando ecologia de peixes, seu inglês era perfeito. Dev era um homem mais velho, quase sessenta anos, embora não aparentasse. Anos passados nas ondas o haviam mantido em forma, e mal parecia ter mais de trinta e cinco anos, exceto pela curta mecha de cabelo grisalho, misturada ao cabelo escuro na sua cabeça. Como todos os cientistas, ele estava vestido para o trabalho com short cáqui, e um suéter de lã. Ele lhe entregou uma caneca de café.

—Você nunca entra na cabine até que seja hora de dormir ou trabalhar. —Respondeu Bridget, balançando a cabeça enquanto levantava a caneca. Ela o conhecia há algum tempo como cientista, mas estava começando a pensar nele como um amigo. Esta era sua primeira expedição

juntos, e ele a escolheu como a segunda no comando. Havia um pouco de flerte, e ela definitivamente respeitava seu trabalho, mas não iria a lugar algum. Ela tinha apenas vinte e seis anos, e isso era uma grande diferença de idade, especialmente na carreira. Ele estava relaxando, enquanto ela estava apenas começando.

—Na verdade, ela me acusou de ser uma pirata em minha vida passada, porque eu sempre cheguei em casa com tesouros do oceano.

—Oh, é? Onde você cresceu?

—Na costa do Oregon. A maioria dos tesouros eram apenas conchas do mar ou dólares de areia, vidro polido e pedaços de madeira flutuante. Mas uma vez, encontrei isso. —Bridget enfiou a mão na camisa e tirou o colar. Era um disco plano, com um buraco no meio, inscrito com símbolos estranhos. —Bridget alcançou-o em sua camisa e puxou seu colar. —Ninguém foi capaz de me dizer o que é e o que significa. Eu basicamente cheguei à conclusão de que alguém estava brincando com línguas antigas e o esculpiu. É muito novo para ser antigo.

Dev riu suavemente. —Eu nunca vi nada parecido. É da costa do Oregon? É a região errada para esse tipo de coisa. Embora, suponho que com as correntes... Bem, não importa. É provavelmente como você disse. Então, é essa a razão pela qual você ama tanto o oceano?

—Eu não sei. Fez-me pensar mais sobre ele, sobre o que poderia estar lá fora enterrado profundamente abaixo das ondas. Eu não consigo me conter. Eu amo o mar. É a última coisa desconhecida a explorar na Terra. Há tantas coisas que não sabemos sobre ele. Para cada nova espécie que classificamos, há mais cinquenta esperando na próxima montanha submarina.

—O que você está fazendo na Flórida, então? —Perguntou Dev. —Você deveria estar com uma equipe estudando o Atlântico, ou os efeitos da Força de Porto Rico em tsunamis. Por que ficar aqui me ajudando com leituras químicas chatas?

—Eu tentei fazer uma expedição para explorar naufrágios, mas Thurmond me disse que eu não tinha experiência suficiente no fundo do

oceano e na termoclina¹ para estar em sua equipe. Ele disse que se eu ocupasse esse cargo, e trabalhasse por um ano inteiro, ele reconsideraria meu pedido. E já que ele é o chefe, aqui estou eu.

—Thurmond é primeiro um político. —Disse Dev, sacudindo a cabeça. —Nós somos cientistas. A política não tem lugar na ciência. Bem, exceto para financiar meus projetos de estimação, é claro.

—Concordo. —Disse Bridget, erguendo a caneca de café. —Mas não se preocupe. Eu vou trabalhar neste barco até o próximo ano, e eu não vou reclamar.

—Eu não estou preocupado. —Disse Dev, piscando. —Jogamos os reclames aos tubarões. Não há ninguém em quilômetros para ajudar em um resgate. Como você acha que nos livramos de Grant?

—Quem é Grant?

—Exatamente. —Dev piscou novamente. Ele se afastou da grade. —Estou cansado. Vejo você de manhã.

Bridget riu. —Boa noite.

—Não fique acordada até tarde, garota. Isso é uma ordem.

Dev abriu a porta, e foi abaixo do convés para dentro da cabine principal.

Bridget sorriu para si mesma enquanto voltava-se para a água. Abraçando seu suéter em torno de seus braços, ela soube que não devia estar fora por muito mais tempo ou traria com frio. O ar era particularmente frio à noite, quando a brisa da água soprava sobre ela.

Assim que ela estava prestes a se virar, Bridget viu um movimento na superfície. Ela franziu o cenho apertando os olhos para ver melhor. Era provavelmente apenas um golfinho ou algo passando. Ela inclinou-se sobre a grade. Quando o barco avançou, ela viu que era realmente algo flutuando na água. Ela ficou rígida.

—Homem ao mar. —Sussurrou ela. De onde ele veio? Entrando em ação, ela correu para a porta da cabine e gritou: —Homem ao mar! Homem ao mar!

Alguém estava tocando violão e a música fez uma parada repentina, pontuada por um aumento de vozes. Quase uma dúzia de cientistas saiu correndo da cabine, alguns com coletes e kits de primeiros socorros. Dev virou-se para o homem com um holofote quando Bridget apontou para a água. Não demorou muito para que ele encontrasse o homem agarrado à madeira flutuante. A luz do ponto grande delineou a figura escura. Seu estômago estava apertado com preocupação. Quem era esse homem? E o que ele estava fazendo flutuando no meio do nada?

Bridget agarrou uma escada de corda ainda presa à grade, desde quando eles tinham tirado amostras da superfície. Ela jogou-a sobre o lado. A adrenalina infiltrou-se em suas veias e ela, sem medo, subiu pela grade até a escada. Ela não parou para pensar, apenas fez o que tinha que ser feito.

—Bridget, espere! —Ela ouviu Cassandra gritar.

—Vamos dar-lhe uma corda para que você possa amarrar-se.

—Estamos perto. —Gritou Bridget de volta. —Eu quase posso alcançá-lo!

O barco diminuiu a velocidade. A água fria, gelada, espirrou sobre ela molhando o suéter. Ela desceu. Seus pés mergulhando abaixo da superfície gelada. Colocando o braço em um degrau, ela inclinou-se.

—Quase! —Ela chamou, começando a tremer violentamente. —Só mais um pouco. Eu posso quase... Alcançá-lo!

O barco aproximou-se. Seu coração batia tão alto que não conseguia ouvir nada. O homem não se moveu quando ela chamou por ele. Seus dedos agarravam o tronco de madeira pela sua vida. Ela estendeu a mão, tocando a manga da camisa dele. O homem sacudiu-se, e ela ofegou em surpresa com o movimento súbito.

—O que está acontecendo? —Ouvindo alguém perguntar. A luz do local mudou, brilhando intensamente em seus olhos. Ela os fechou, virando as costas para a luz enquanto agarrava mais forte a manga do homem.

—Calma, estamos aqui para ajudar. Você está seguro agora. —Bridget o acalmou. —Ninguém o machucará. Vamos. Venha comigo.

O homem começou a mover-se, segurando-a enquanto tentava sair da água. Mais pesado do que ela, ela esticou seu braço no degrau. Bridget resmungou de dor, tentando segurar o homem e a escada. Chamando, ela disse: —Eu o peguei, mas preciso de ajuda para levá-lo.

Instantaneamente, mãos aproximaram-se para ajudá-la. Juntos conseguiram levá-lo para cima da grade. Bridget ficou na escada, olhando ao redor. Ela subiu alguns degraus, tirando as pernas da água gelada.

—Há outros? —Perguntou ela, tossindo levemente. —Descubra se há outros.

—Bridget, suba! —Gritou Dev. —Vamos dar uma volta pela área.

Bridget, sem ver ninguém na sua área imediata, subiu. Dev agarrou-a debaixo do braço, e ajudou-a sustentar seu peso quando ela chegou ao topo. Alguém envolveu seus ombros em um cobertor de lã. O homem que ela resgatou estava deitado no convés, coberto por um cobertor. Ela caiu de joelhos ao lado dele. Estava tremendo, mas seus olhos estavam abertos.

Bridget ficou tensa. Seu olhar escuro fixou-se nela, e seu cabelo preto estava emaranhado em sua cabeça. O homem usava linho à moda antiga ao redor do pescoço, uma epaulette² bordada e acolchoada, meias curtas e calção bufante, muito parecido com o que era usado nos velhos Galeões das Armadas em meados do século XV. Sua pele era escura, embora aparentasse uma palidez doente. Quando abriu a boca, uma torrente de palavras estranhas passou por seus lábios.

—Você acha que ele é de Cuba? —Perguntou Stevens, um cientista alto e esguio que passava mais tempo em um microscópio do que qualquer pessoa que conhecesse.

—Veja como ele está vestido. —Sussurrou alguém.

—O que ele está fazendo aqui fora?

—Você fala inglês? —Bridget perguntou, quando ele continuou no que parecia um dialeto espanhol.

—Devo ir. —Ele disse, tentando se sentar. Sua voz era rouca, e isso tornava ainda mais difícil entender seu sotaque. Ele estava muito fraco de sua provação na água, e caiu novamente no convés. —Monstros. Eles estão lá fora. Dentro...

—Monstros? —Perguntou Dev, ajoelhado ao lado de Bridget. Ela encolheu os ombros, sem entender.

—Ele veio de baixo. —Disse o homem. —Um monstro. Veio de baixo. Ele atingiu nosso navio.

—Militar? —Sugeriu alguém.

—Monstros. —Insistiu o homem, agarrando desesperadamente a camisa de Bridget. Ele a puxou para baixo, tremendo violentamente enquanto sua mão se agarrava em seu suéter. —Eles vêm de baixo. Eles matam todos. Eles controlam a água. Eles fazem com que ele se mova.

O navio bateu contra algo na água. Os olhos do homem arregalaram-se e ele começou a chorar, fechando os olhos no que parecia ser oração. Dev levantou-se e ela o ouviu ordenar:

—Você, ilumine o local, veja o que está lá fora. Todos procurem por sobreviventes. Esse homem veio de algum lugar.

—É tarde demais. —Gritou o homem, antes de precipitar-se em uma torrente de espanhol sem nexos. O navio bateu de novo ao lado de algo na água. Bridget puxou sua camisa, livre do aperto do homem.

—Muito tarde. Eles matam a todos.

—É só madeira flutuante! —Gritou Dev.

Bridget relaxou. Apontando para Stevens, ela disse: —Ponha-o abaixo do convés e seque-o. Ele está obviamente em estado de choque. Veja se você não consegue dele um pensamento coerente sobre o que aconteceu. Alguém deve entrar no rádio e tentar descobrir o que está acontecendo. Veja se há algum navio desaparecido, possivelmente algum tipo de filme ou equipe de encenação.

—Eu tenho o rádio. —Respondeu Peterson. O homem barbudo virou-se para ir abaixo do convés.

Bridget lutou para pôr-se de pé, segurando o cobertor com força enquanto trabalhava em torno do peito para aquecer. Suas pernas nuas e botas molhadas faziam seus músculos doerem com o frio extremo da brisa do oceano sobre a pele úmida. Ela se juntou a Dev na grade, enquanto procurava no mar. Os outros se espalharam e procuravam com luzes em todas as direções.

—O que você acha que aconteceu? —Bridget perguntou, vendo pedaços de madeira flutuando ao redor deles.

—Algum tipo de naufrágio. Há muito detritos na água para isso ser apenas um homem perdido no mar. Eu não entendo. Não há recifes nesta área para encalhar, a menos que ele tivesse flutuando por algum tempo.

—Mas se ele estivesse à deriva, não teríamos essa concentração de madeira. —Disse Bridget, pensativa. —Uma tempestade talvez? Um estranho furacão?

—Não. —Dev negou com facilidade. —O oceano está calmo, e nada foi apanhado pelo nosso equipamento. Não houve grandes tempestades por semanas. E se houvesse algo incomum, nosso satélite com ligação ascendente teria nos avisado.

—Você acha que ele quis dizer tubarões, não monstros? —Seu inglês não era o melhor. Bridget procurou na água. Mais detritos flutuavam. Seu estômago estremeceu. Ela não podia ver mais sobreviventes.

—Eles não teriam atacado um barco, mas se houvesse sangue na água... Eu não sei, talvez seja possível?

—Sim, é possível. —Respondeu Dev. Ele apontou para a distância. —Lá. O que é isso? —Então, olhando por cima dos ombros, ele gritou: —Preciso de uma luz aqui.

Uma luz desnatou a superfície escura do oceano. Os detritos tornaram-se mais espessos, rangendo ao longo do barco. Bridget estremeceu. —Foi arrancado. O que no mundo poderia ter causado tanto dano? Não há nada aqui além de água.

—É madeira. —Disse Dev, com o tom tenso.

—Tudo isso é madeira. E você viu o que ele estava vestindo? Isso não faz sentido.

—Equipe de filmagem? Talvez a pirotecnia tenha ido mal.

Bridget franziu o cenho. Até agora, era a única ideia que parecia razoável dado os fatos.

—Não, eles teriam navios de apoio para todos. —Dev voltou-se. —Tom, diga a Jon para verificar nosso rumo. Eu quero ter certeza de que não estamos fora do curso. Verifique os sensores e certifique-se de que não há recifes em torno desta área. —Dev visivelmente engoliu.

—Todo mundo, continue procurando por sobreviventes. Com essa madeira, o navio era muito grande para apenas um homem.

Durante um longo período de tempo todos estavam tranquilos, pois eles procuravam através dos detritos flutuantes, escutando o som de madeira batendo nas laterais de fibra do navio. Uma explosão de trombeta sobre a água, muito mais alto que qualquer grito. Ouviram o silêncio que se seguiu ao ruído abrasivo. O tempo infiltrou lentamente e ninguém chamou em resposta.

—Lá. —Disse Tom à sua esquerda. Dois mergulhadores estavam em plena marcha, pronto para ir para a água.

—O que é isso? Você vê?

Observaram quando uma vela enganchou em um raio quebrado. Um pulso estava emaranhado no mastro, mas o resto do corpo estava abaixo da superfície. Dev enviou os mergulhadores para a água para ver se a pessoa ainda estava viva. No entanto, quando arrastaram o corpo de um homem para fora da água, eles não ficaram surpresos de que ele estivesse morto há muito tempo. Ele estava vestido como o primeiro homem estranho, que agora estava debaixo do convés.

—Veja se ele tem qualquer identificação, e o embrulhe depois em um cobertor. —Dev disse suavemente. Bridget ouviu seu sussurro, "pobres almas".

Bridget esfregou os olhos. Eles tiveram um longo dia no mar coletando amostras, mas eles não estavam cansados quando eles se concentravam no oceano sem fim e sua nova missão de resgate.

—Você deveria tirar sua roupa molhada. —Dev disse. —Eu não preciso que você fique doente aqui comigo.

Bridget assentiu com a cabeça, e deu um último olhar sobre a água antes de ir abaixo do convés para o dormitório feminino. Os quartos basicamente consistiam de várias camas alinhadas ao longo das paredes. Sendo que tinha mais homens do que mulheres a bordo do navio, elas tinham mais espaço em seus quartos do que os homens. Mudando sua roupa molhada para calça jeans mais quente e uma camisa encapuzada grossa, ela rapidamente puxou o coque, apenas para enrolar seu cabelo comprido para cima. Quando ela terminou, um fio de cabelo preto agarrou-se a suas mãos pálidas. Seus dedos tremiam, e ela apertou-os em um punho, limpando a mecha de cabelo contra seu jeans,

A morte no mar era um risco a todos. O oceano não era algo que eles conseguissem controlar. Mesmo quando ela o admirava, a realidade do que podia fazer a humilhava. Bridget ouviu os gritos do sobrevivente, embora voltasse a falar em sua língua nativa. Ele parecia tão aterrorizado. Bridget queria ir até ele, mas sabia que sua ajuda era necessária no convés. Ela foi lá para cima.

Dois corpos foram retirados dos destroços, mas não havia mais sobreviventes. Cada cadáver só aumentava o mistério, pois os homens estavam todos vestidos com o mesmo traje de época, e os únicos papéis que encontraram, eram pergaminhos manuscritos em uma língua estrangeira. Apenas algumas palavras poderiam ser lidas, pois a água escorreu a maior parte da tinta.

Ainda assim, uma hora passou sem qualquer sorte, ninguém sugeriu desistir da busca. Jon estava tendo dificuldade para falar com alguém no rádio, mas insistiu que eles ainda estavam no curso. Steven relatou que o sobrevivente estava adormecido. Eles lhe aplicaram morfina do kit médico de emergência, para colocá-lo para dormir, já que ele não se acalmava.

Atravessaram a parte mais grossa dos escombros antes de circularem ao redor. O vento soou intermitentemente sobre suas cabeças. Além dos escombros, não havia nenhum sinal de um navio, fazendo-os acreditar que estava sozinho na água antes de ter afundado.

Bridget fechou os olhos brevemente, respirando fundo. O ar salgado punziu seu rosto, e ela tirou o capuz de seu moletom sobre sua cabeça. De repente, o barco balançou, bateu no lado estibordo. O alto balanço foi pontuado pelos gritos assustados daqueles a bordo. O barco inclinou tão violentamente, que ela caiu batendo no convés. Vários cientistas deslocaram-se um ao outro, enquanto o navio endireitava-se mais uma vez.

Bridget pendurou-se na grade, puxando-se para cima. Seu corpo tenso. Ela procurou desesperadamente para ver o que os tinha atingido. O barco inclinou novamente, desta vez bateu do lado do porto. Vários gritos soaram, mais alto do que antes. Um dos cientistas caiu ao mar na água escura.

—Onde está ele? —Stevens gritou. —Jerry?!

Bridget estava prestes a ir ajudar quando o barco foi atingido novamente. Ela viu um brilho estranho na água, uma breve passagem de luz azul prateada. Dev agarrou seu braço quando eles foram novamente atingidos, mantendo-a para não cair pela lateral como Jerry.

—Nós o pegamos. —Stevens disse enquanto puxavam Jerry de volta da água.

—Submarino? —Bridget perguntou a Dev, apontando para onde ela viu o brilho. Eles eram cientistas, e procurariam a resposta mais lógica primeiro. Outro vislumbre passou, este verde prateado.

—Você viu aquilo?

—Nunca ouvi falar de um submarino que se mova assim. —Respondeu Dev. —Até mesmo os pequenos submersíveis.

—Aliens? —Alguém perguntou, apontando para outro raio de luz.

Bridget agarrou a grade quando foram novamente batidos a estibordo. —Nova espécie muito grande de peixes do fundo do mar, subindo para a superfície para se alimentar?

—Eu vou com isso. —Anunciou Dev. —Alguém me pegue a rede e um arpão. Vamos tentar pegar essa coisa. Vamos ver o que está nos atacando, vamos? Venha agora! Mexa-se, gente! —Dev bateu palmas.

Os cientistas entraram em ação. Alguns subiram para a cabine. O que estava batendo no barco tinha parado. Os que estavam no convés olharam para o lado, tentando ver qualquer coisa que lhes desse uma pista sobre o que estava acontecendo. Stevens levou Jerry abaixo do convés para segurança.

—Eu gostaria que tivéssemos um submersível. —Disse Dev. Bridget assentiu com a cabeça. Eles não tinham motivo para levar um na viagem. —Nós poderíamos colocá-lo lá em baixo com uma alimentação de vídeo e usá-lo como um chamariz.

O mar ficou calmo mais uma vez por vários minutos. Stevens ordenou aos homens que deixassem cair à rede na água enquanto Dev esperava com seu arpão. Bridget observava; seu corpo tenso.

—Deveríamos realmente matá-lo? —Bridget perguntou, sempre a cientista primeiro.

—Talvez não tenhamos escolha. —Disse Dev, embora pudesse dizer pelo seu rosto que adoraria apanhar a coisa viva.

—Você viu o que fez com aquele outro navio.

Bridget assentiu com a cabeça. Ele estava certo, é claro. Uma estranha mistura de excitação científica e medo mortal bateram em suas veias. Ela prendeu a respiração, esperando.

A água foi agitada. Uma tensão palpável fez seu caminho sobre o convés, quando todos eles assistiram a rede mergulhar na água fria, sacudindo violentamente enquanto segurava algo. Stevens ordenou que parassem. Ao aproximar-se da superfície, Bridget viu o brilho purpúreo das escamas em forma de diamante, e o salpico de uma longa barbatana caudal. A forma como se movia, lembrou-lhe de seda na água. Era maior do que qualquer peixe que ela já tivesse ouvido falar. Uma longa e curta barbatana dorsal subia pelas costas, mas não conseguia ver a cabeça do peixe. Então, um braço macho subiu da água. Todos eles ofegaram em choque quando os dedos moveram-se.

—Ele ainda está vivo. —Disse Stevens, embora nenhum deles soubesse quem era "ele". —Essa coisa o está engolindo inteiro.

A forma como o corpo estava inclinado, parecia que o peixe havia engolido metade do corpo do homem, começando pelos pés. Os homens puxaram a rede mais forte, grunhindo em seus esforços, mas a criatura do mar e sua vítima não emergiram. Então, o corpo moveu-se e Bridget ofegou. A propósito, as escamas misturavam-se em carne, e não parecia um homem.

—Tritão. —Sussurrou Bridget, tentando desesperadamente ver a água escura. Tal descoberta seria fenomenal! —Dê-nos uma luz melhor aqui!

—Atire, Dev! —Gritou Stevens.

Dev nivelou o arpão. O navio balançou violentamente jogando fora seu alvo, e cortou a cauda da criatura. Bridget viu o sangue do Tritão segundos antes de a rede ser puxada para cima, vazia. Tinha sido cortada, e a criatura libertada.

Bridget gritou quando foi jogada pelo convés. O som do navio que se partiu debaixo deles perfurou a noite. Vários cientistas deslizaram para a água. Os olhos de Bridget encontraram-se com os de Cassandra, antes que a mulher passasse ao seu lado. Bridget nunca se deu bem com a mulher, mas isso não a impediu de agarrar seu braço. Os dedos de Cassandra deslizaram através de seu aperto. O barco empurrou de novo, desmoronando de uma maneira que não deveria ter sido possível. Água salpicava sobre as bordas. Eles estavam afundando, rápido.

Bridget gritou. Então, quando o primeiro choque de água fria bateu em sua pele, ela respirou fundo, as lágrimas escorrendo sobre suas bochechas enquanto as segurava. O tempo parecia estar parado enquanto ela afundava lentamente na água negra. A atração do barco que afundava, puxou seu corpo enquanto ela se aproximava. Ela balançou os braços, tentando nadar contra a corrente que a estava arrastando para baixo.

Seus pulmões queimavam, mesmo quando o frio se infiltrava em seus membros. Em segundos, ela não conseguia se mexer. Estava tão escuro, um sepulcro silencioso e aquoso. Ela não podia ouvir a luta dos outros. Ela não podia ouvir o navio rangendo. Então, um pequeno raio de luz apareceu diante dela. Ela estava morrendo? Era isso? A luz se apagou quando sua mente se apagou.

Um último pensamento passou por ela antes de deixar a escuridão a dominar. *Monstros. Eles vieram de baixo.*

Mortais malditos, interferindo!

Caderyn lutou contra a rede que o prendia. Os humanos não sabiam o que estavam fazendo, e os caçadores não deveriam caçar se não soubessem o que estavam procurando. As Scylla² eram criaturas perigosas. Eles eram

espíritos da água, estúpidos, imprudentes, sempre procurando. Os mortais nunca pegariam uma Scylla com uma mera rede.

Caderyn ficou rígido. Ele estava perto da superfície, tão perto que ele podia sentir o ar queimando sua pele. Se respirasse o ar da superfície, teria uma morte dolorosa. Ele cortou a rede com a barbatana afiada ao longo de seu antebraço, mas era difícil trabalhar contra os puxões dos mortais acima dele. Usou toda a sua força para ficar debaixo d'água.

Olhando para cima, ele viu um homem de cabelos grisalhos com uma lança afiada. O homem estava apontando para baixo na água. Caderyn sabia que a arma não o mataria, mas doía como as fogueiras do inferno. Então seus olhos focalizaram na mulher ao lado do homem com a lança. Ele só vislumbrou seu rosto, a imagem distorcida pela transição da água para o ar. Sua pele era pálida, e seus olhos eram um azul-cinza, como um mar tempestuoso no meio do dia.

—Não se mexa. Solon vai atirar no navio para que possamos libertá-lo.

Caderyn ouviu as palavras de Iason em sua cabeça. Todos os Merr podiam se comunicar por telepatia na água. Ele obedeceu à ordem e parou de lutar, confiando em seus companheiros caçadores. Olhando através da água escura, ele viu perfeitamente nas profundidades. O primeiro naufrágio fez com que a maior parte da vida marinha abandonasse a área.

Havia doze caçadores no total, divididos em quatro equipes de três. A equipe de Caderyn, conhecida simplesmente como Caçadores de Solon, consistia em si mesmo, Solon e Iason. Solon era o líder, porque ele escolheu levar o frasco ao redor de seu pescoço, cheio com o líquido que paralisaria a Scylla, para que pudessem pegá-la. O líquido era a única maneira de parar a criatura temível do mar. Por causa disto, Solon tinha que ter a palavra final quando veio capturar Scylla. Era ele que precisava entrar em posição. As outras equipes eram os Cavaleiros, os Soldados e os Guerreiros. Caderyn tinha trabalhado com sua equipe durante décadas, tanto tempo, que eles tinham aprendido a confiar uns nos outros e, geralmente, poderiam prever o movimento uns dos outros.

O barco acima dele balançou apenas forte o suficiente para lançar os mortais de lado, e afrouxar a rede. Iason subiu, levando sua barbatana para ajudar a rasgar a rede para libertar Caderyn.

—*Acertou um obstáculo?* —Perguntou Iason, acenando com a cabeça para a cauda de Caderyn.

Caderyn olhou para baixo com surpresa. Ele estava sangrando, mas não era ruim. —*Vou viver.*

—*Eu a vejo!* —Interrompeu Solon. —*Ela está aqui!*

Caderyn observou uma mancha escura no oceano passar. Bateu no fundo do navio rasgando seu casco. Eles estavam rastreando a Scylla por dias, apenas para descobrir que já tinha um alvo.

Solon passou nadando. Seus braços humanos estendendo-se através da água, enquanto sua cauda caía para o lado para mudar bruscamente de direção. Ele agarrou o frasco de seu pescoço, quebrando a corda pendurada. Caderyn e Iason rapidamente encurralaram a criatura sombria, enquanto Solon soprava o conteúdo do frasco sobre ela. A Scylla levantou-se direto para o navio.

—*Por todos os Deuses.* —Solon amaldiçoou. —*Não! Pare com isso!*

Caderyn observou desesperadamente o navio separar-se deles e começar a afundar. Ele escutou os gritos dos mortais acima. Mesmo enquanto amaldiçoava os insensatos humanos por tentar capturá-lo, sentia-se mal por eles. Infelizmente, não havia nada que ele pudesse fazer sobre seu destino. Era como o primeiro navio. A maioria dos mortais a bordo morreria esta noite.

A Scylla tornou-se subjugada e parou de se mover. Solon agarrou-a e arrastou-a para baixo em direção ao fundo do oceano. A criatura não teria energia para lutar por algum tempo, mas Solon não esperaria que recuperasse sua força. Caderyn virou-se para observar, quando os corpos dos mortais caíram, agitando-se na água.

—*Lá!* —Disse Iason, correndo para uma mulher mortal de cabelos vermelhos flamejantes. Ele viu quando seu amigo a agarrou. Ela lutou,

batendo contra ele, mas Iason era muito forte comparado ao seu corpo frágil. Caderyn viu-o fechar os lábios nos dela, puxando-a para seus braços.

Caderyn procurou por mortais, deslizando os braços para frente e para trás para pairar na água. Os homens passaram. Ele queria poder salvá-los, ajudá-los, mas tudo o que ele podia fazer era salvá-los da corrente, puxando-os para baixo e empurrando-os para a superfície, silenciosamente desejando-lhes sorte. Ele levantou os que ele poderia alcançar a tempo. Então, vendo uma fêmea, ele nadou para ela, esquivando-se da maior parte do navio quando ele afundou passando dele. Seus amplos olhos azuis o atingiram. Era ela, a que ele viu observando. Ela estava morrendo. Seu corpo falhou, e seus olhos olhavam para ele, sem vida, sua pele pálida. Uma fileira de bolhas deixou seus lábios entreabertos. Os fios de cabelo preto roçavam-no como suave grama marinha quando ele se aproximou dela.

Caderyn pegou seu corpo em seu peito. Ela estava tão fria quanto o oceano. Instantaneamente, ele pressionou seus lábios contra os dela, succionando-os em torno de sua boca. Ele sugou a água de seus pulmões apenas para substituí-la pelo ar que ele filtrou através de suas brânquias. Ela não se moveu, mas ele podia sentir seu coração batendo levemente contra seu peito, enquanto ele a segurava perto. Seu calor corporal só a sustentaria por pouco tempo, antes que a morte viesse reivindicá-la.

Para todos os efeitos, a caçada tinha sido um sucesso. A Scylla foi capturada e não mais vagava pelo oceano. Nadando nas profundezas do abismo, Caderyn deixou o naufrágio atrás dele. Quanto mais longe ficava da superfície, mais vida oceânica nadava em torno deles. A feroz vida no mar profundo não era incomodada por ele, e Caderyn os ignorava por sua vez. Estava escuro, mas seu olhar Merr cortou a escuridão como a luz do dia, seus olhos brilhando suavemente enquanto olhava em volta. Sentiu o oceano como se fosse parte dele. Deslizando, ele esquivou-se de uma lula.

Os seios da mulher eram suaves contra ele, fazendo uma onda quente de desejo inundar suas veias. Tinha passado tanto tempo desde que ele tinha encontrado a liberação com algo diferente que sua mão ou uma ninfa de prazer. Ele não podia fazer nada sobre isso agora, mas isso não ajudou sua concentração quando se concentrou em respirar por ela.

Caderyn empurrou-se ao limite, balançando a cauda com força e rápido. Seu corpo queimava. Cada músculo formigava com o esforço. Sua guelra trabalhava contra seu pescoço, esforçando-se para dar-lhe mais oxigênio, para mantê-la viva apenas por mais um momento. Não era fácil respirar por dois e nadar forte ao mesmo tempo, mas ele recusava-se a desistir dela, recusava-se a deixá-la ir. Muitos morreram no caminho. Mais do que ele gostaria de contar. Estava cansado de perder vidas, e por isso queria que aquela mulher vivesse.

Enquanto ele nadava, as pernas da mulher abriram-se, deslizando ao longo de sua cintura, arrastando-se atrás dele. Seus braços fizeram o mesmo em seu pescoço. Parecia que ela o segurava. Caderyn deu tudo de si no mergulho, empurrando para baixo nas profundezas do Abismo, sabendo que não tinha muito tempo antes que ela estivesse morta.

—*Lute!* —Disse ele, sabendo que ela não ouvia seus pensamentos como se fosse Merr. Isso não o impedia, enquanto continuava:

—*Só um pouco mais, lute.*

Capítulo Dois

Caderyn tirou os lábios da mulher inconsciente quando romperam a superfície da água. O ar era doce enquanto ele ofegava por respirar. A respiração não o feria aqui, quando estavam na caverna de cristal, o coração sagrado de sua cidade. As cavernas estavam localizadas no palácio de Atlas, capital de Ataran, lar da raça Merr, muito abaixo do mundo dos humanos.

Solon já estava fora da área da superfície. Os guardas da caverna teriam ajudado seu amigo a transportar a Scylla para uma cela onde ela poderia ser examinada. Iason ainda estava nas cavernas. Seu corpo já havia se transformado de volta. Sua cauda foi substituída por pernas mortais, suas barbatanas retraídas de volta em seu corpo, e até mesmo suas brânquias moldadas de volta em seu pescoço, até que ele parecesse tão mortal quanto qualquer homem do mundo da superfície. Seu amigo estava nu, ajoelhado ao lado da mulher ruiva que ele tinha resgatado da morte. Nenhum dos caçadores achava anormal a nudez. Eles nunca usavam roupas quando estavam no oceano.

Caderyn colocou sua mulher em uma borda rochosa ao lado do banco. Era superficial o suficiente para que a água não cobrisse seu rosto, e profunda o suficiente para lamber ao longo dos lados de suas têmporas quando ele moveu-se. Seu rosto estava pálido, seus lábios estavam azuis. Era um estranho contraste com o preto de seu cabelo.

Com um giro da barbatana, Caderyn empurrou-se para cima, balançando-se para sentar-se ao lado dela. Ele saiu do oceano, tirando a água de suas escamas. Sua cauda secou rapidamente, e ele viu quando a carne a substituiu. Quando pôde novamente ficar como um homem, ele levantou a mulher da beira, e puxou-a para a terra seca. Ele delicadamente a colocou perto de sua amiga. Empurrando seu cabelo para trás de seu rosto, ele torceu para fora, ouvindo a água pingando no chão rochoso.

Iason ficou de pé e olhou para as duas mulheres mortais. Caderyn prendeu a respiração e esfregou o rosto, tirando gotas de água de seus cílios. Depois, olhando para baixo, estudou as mulheres.

A mulher de Iason estava tão pálida quanto à dele, mas ela tinha um cabelo vermelho escuro e a dele tinha cabelos pretos. Ele não tinha dado uma boa olhada na beleza de cabelos escuros na água da noite, antes de apertar sua boca contra a dela. Agora que estava segura, sentiu a suave pressão de seus lábios como se ainda estivessem sobre ele. O beijo de respiração era mais íntimo do que outros beijos praticados quando fazia amor, porque transferia o dom da vida. Ele sentiu sua vida dentro dele enquanto ele a respirava. Tinham se ligado enquanto a salvava. Era uma conexão frágil que poderia ser desfeita, se ambos desejassem. Inclinando a cabeça para o lado, ele se perguntou se ela gostaria que fosse quebrada.

—Você sabe o que isso significa. —Disse Caderyn suavemente, ainda olhando para a mulher inconsciente com cabelos negros. Seu corpo doía para segurá-la, mas ele se conteve. Só porque ele tinha necessidades físicas, não significava que ele agiria sobre elas. Ele poderia não ser mais um homem, mas isso não significa que ele se transformou em um monstro.

—Sim. —Respondeu Iason. Fora da água, eles não usavam telepatia.

—Você acha que vai manter esta conexão? —Caderyn olhou para a ruiva, antes que seus olhos fossem atraídos uma vez mais para sua mulher. Ela usava um material grosso sobre as pernas, e uma estranha capa de túnica grossa. Ele nunca tinha visto nada parecido.

—Vamos ver seu temperamento quando ela acordar. —Disse Iason.

—Sim.

Os dois homens suspiraram. Caderyn não tinha certeza se estava satisfeito ou não. Claro que ele estava atraído pela mulher, mas... Mas o quê? Não havia nenhuma meta. Ele fez o seu dever. Ele fez o que tinha que fazer. Realmente não havia escolha. Suas leis eram claras. As mulheres eram raras em seu mundo, e se alguém era condenado à morte na água e pudessem ser salvo, eles deveriam salvá-los. Os seres humanos eram tão frágeis, que muitas

vezes não sobreviviam ao mergulho no Abismo. Muitas vezes, o Merr tentava salvar os humanos, só para vê-los morrer no caminho. É por isso que só conseguiam isso com aqueles já condenados à morte.

Caderyn não sentia nenhum remorso por tomá-la. Se essas mulheres vivessem, seria a vontade dos deuses. Estava fora de suas mãos.

—E agora? —Iason perguntou, coçando a parte de trás de sua cabeça. —Você se lembra do que fazer com elas já que as salvamos? Faz muitos anos que não temos fêmeas.

—Devemos levá-las a Althea. —Respondeu Caderyn, inseguro. Ele inclinou-se e levantou a mulher de cabelos escuros do chão. Ela era tão leve, frágil, mortal. Seu corpo endureceu em resposta ardente. Ela também era muito suave ao toque. Iason acenou com a cabeça e fez o mesmo.

—A curandeira saberá o que fazer com elas.

Caderyn sentiu o corpo da mulher estremecer incontrolavelmente em seus braços. Ela gemeu suavemente. Em Ataran, nunca conheceram doença física. Os ataques de criaturas do mar eram raros, já que eles haviam se acostumado a evitar os perigos. As únicas lesões que a maioria dos Merr sofria, era no campo de treinos, embora eles não batalhassem mais, exceto nos jogos. Ou, para os poucos escolhidos para serem caçadores, como Caderyn, Solon e Iason, eles poderiam ser feridos na caça. Somente os caçadores se aventuravam tão perto da superfície mortal.

As paredes da caverna estavam cobertas de pedras preciosas brilhantes, razão pela qual chamavam-lhes de as Cavernas de Cristal. As pedras coloridas refletiam como tochas, iluminando seu caminho enquanto subiam rapidamente pela rampa que levava à entrada do palácio. Caderyn carregou a mulher diante dele, segurando forte seu corpo delicado em seu peito. Ele olhou para seu rosto, desejando que ela abrisse os olhos e olhasse para ele. Dois guardas olharam para eles da entrada e depois para as mulheres, maravilhados. Era raro que um ser humano sobrevivesse à travessia do abismo, muito menos uma mulher.

Ambos os guardas usavam o tradicional chiton iónico³ do povo Merr. A camisa branca e curta era um pedaço retangular de material dobrado ao meio e costurado ao lado. Fixado ao longo das mangas e caído logo acima dos joelhos. Um cinto de fita era o único material sobre a cintura. A capa de chalmys cobria um ombro em uma ampla varredura verde. Eram presos no ombro com um broche de ouro circular, gravado com o antigo símbolo Merr do sol. Como a maioria dos Merr, usavam sandálias de couro amarradas nos pés.

—Eu vi quando você segurou a Scylla, meu senhor. —Disse Vitus, um protetor de aparência escura, acenando com a cabeça em aprovação. —Bem feito.

—Essas mulheres estão vivas? —Perguntou Brennus, um louro alto que esperava ser um dia um caçador. A única maneira que aconteceria era se o rei Lucius nomeasse mais equipes, ou se um dos membros da equipe fosse morto. E a única maneira disso acontecer seria se eles não retornassem a Ataran a tempo, ou estivessem perdidos para sempre no mar, ou se fossem arrastados para o mundo superficial e forçados a respirar o ar mortal.

—Sim. Por agora. —Caderyn assentiu, enquanto puxava a mulher protetoramente mais perto de seu corpo. Ele se perguntou sobre o sentimento de cuidado, certo de que tinha apenas a ver com o fato de que ele salvou sua vida, nada mais. A mulher estremeceu de novo em seus braços. —Estamos as levando para Althea. Informe o rei Lucius. Também, chame os catadores. Dois navios caíram. Solon lhe dará instruções.

—Sim. —Concordou Brennus, embora ele não tenha ido imediatamente, enquanto ajudava Vitus a empurrar uma grande pedra redonda em frente à abertura da caverna para bloqueá-la.

Os arquitetos da cidade tinham vitrificado os tijolos das paredes com uma mistura feita das pedras preciosas, que lhes deram um molde quase de incandescência azul. A luz era refletida de fora durante o dia, mas à noite tochas eram acesas pelos corredores.

A pedra azul vitrificada do palácio foi acentuada com azulejos decorativos amarelos e brancos. Eles formavam padrões lindos e intrincados.

Os corredores eram limpos e organizados. Grandes arcos passavam por cima enquanto saíam da sala da caverna, e entravam no corredor do palácio principal. Caderyn acenou com a cabeça para as poucas pessoas que se encontravam no corredor, recebendo vários olhares curiosos em troca.

Althea vivia dentro dos muros do palácio... Então, não demorou muito tempo para trazer as mulheres a ela. Sem bater, Caderyn empurrou a porta e entrou, não era realmente uma porta.

—Lady Althea? —Chamou. —Precisamos de sua ajuda.

A casa era como muitas no palácio. Uma grande área de estar quadrada, com sofás baixos, um escritório, um dormitório adjacente e sala de banho. No palácio tomavam suas refeições juntos no salão, assim não era necessário muito mais.

Althea veio de seu escritório. A curadora deu uma olhada nos homens e seus fardos antes de balançar a cabeça em silêncio. Ela fez um gesto para que a seguissem para o outro quarto. No escritório, havia duas camas baixas perto da parede distante. Os homens colocaram as mulheres sobre elas e se levantaram.

Althea era uma mulher esbelta, coberta com o melhor material de linho. O óleo foi esfregado no tecido, fazendo o vestido brilhar. O material verde claro era liso, tecido com um verde mais escuro ao longo das bordas no teste padrão das algas. Dois pinos mantinham a roupa nos ombros, deixando os braços nus. Seus cabelos castanhos estavam puxados para trás de seu rosto, presos em uma bobina intrincada ao redor da coroa.

—Ajude-me a tirar a roupa. —Ordenou Althea. —Os mortais não podem ficar molhados.

O intestino de Caderyn se apertou, mas ele manteve uma expressão séria ao obedecer. Agarrou a tesoura, cortando a grossa camisa molhada do corpo da mulher. Ela estava em boa forma, tonificada, quase atlética, mas não muito dura. Mesmo com seus músculos parecia suave, tocável. Ele se viu olhando para seus seios. Não era como se ele não tivesse visto peitos antes em seus muitos anos, mas ainda assim ele olhou o suficiente. Os mamilos

escuros lhe chamavam, estranhamente eretos, embora não os tivesse tocado. Sua boca molhou para beijar os picos duros. Então, vendo seu calafrio, ele sabia que era o frio que provocou a reação.

Um pé já estava nu, sua bota perdida no oceano, então ele deslizou a do outro pé. Caderyn puxou sua calça, tirando-a pelos seus pés. Seu corpo se apertou e seu coração acelerou em seu peito. A maneira como ela estava deitada fez com que suas coxas caíssem abertas. Suas pernas estavam raspadas de cabelo até o sexo. Apenas uma fina trilha de cachos escuros protegia sua abertura.

—Uma ferida eu posso cuidar, meus senhores, a outra... —Althea riu.

Caderyn olhou para Althea. Ela estava sorrindo enquanto assentia com a cabeça em sua perna. Ele olhou para baixo. O sangue saiu da ferida que recebera da lança, mas não era disso que ela estava provocando. Tinha ficado completamente ereto ao olhar para a humana. Olhando para Iason, viu que seu amigo estava em condições de despir a mulher de cabelos vermelhos.

—Aqui, ponha isso. —Althea jogou-lhes duas roupas simples que guardava apenas para essas ocasiões. Caderyn deslizou-a sobre a cabeça, amarrando-a no ombro. —Cuide de sua própria ferida, meu senhor, e vocês dois devem cuidar da outra aflição. Volte daqui à uma hora, e eu lhe direi o que descobri.

Ambos concordaram, deixando as mulheres com a curandeira. Caderyn olhou para trás, dando uma última olhada na beleza da mulher de cabelos escuros. As mãos de Althea estavam sobre ela, esfregando seus braços.

Iason limpou a garganta para chamar sua atenção, e Caderyn o seguiu para fora da casa da curandeira.

A mente de Bridget nadava com estranhos sonhos. Ela estava na água fria, mas algo quente a abraçava. É isso que acontece quando você morre? Era este o futuro? Ela estava apenas à deriva, no calor inesquecível em um mar de frio e escuridão. Ela não tinha certeza se isso era o céu ou o inferno. Parecia um pouco dos dois.

Ela não podia mover-se, não queria, cada fibra em seu corpo estava concentrada nos lábios contra os dela. Algo soprou em sua boca, enchendo seus pulmões. Sentia-se ligada a tudo o que a abraçava. Um homem? Um anjo? Um demônio? Era como se ele estivesse respirando sua alma nela, conectando-se com ela. Era íntimo, sedutor e sexy como o inferno. Ela queria que seu corpo movesse contra ele, para sentir mais, mas seus malditos membros não escutavam. Em vez disso, flutuavam como se ainda estivessem nos caprichos das correntes do oceano.

Quando os lábios deixaram os dela, a escuridão a consumiu completamente. Ela não tinha ideia de quanto tempo havia passado na prisão escura de sua mente. Quando ela pôde novamente sentir, foi a massagem morna das mãos em sua pele, aquecendo-a, acalmando-a. Ela queria abrir os olhos, mas não podia. Que sentimento estranho era a morte. Não eram senão sensações de calor que contrastavam com o frio amargo.

As mãos percorriam seus braços e pernas, sobre suas coxas, seu estômago, seus seios. Quando finalmente a deixaram, ela gemeu em protesto. Ela queria que voltassem. Sua pele zumbia onde haviam tocado, como se lhe dessem energia e vida.

Bridget estava mais consciente agora. Ela estava em uma cama. Seu corpo doía profundamente. Ela sentiu a pressão de um colchão contra suas costas. Seus pulmões queimavam e sua garganta crua doeu terrivelmente. Tudo que ela podia fazer era gemer.

—Shh. —A voz de uma mulher a acalmou.

Bridget piscou. A luz queimou seus olhos depois de tanta escuridão, mas ela viu uma bela mulher pairando acima dela. Era um anjo? A mulher afagou o cabelo molhado de seu rosto. Então, para seu espanto, Bridget observou através de estreitas fendas enquanto a mulher se inclinava para

beijá-la. A mulher puxou sua mandíbula aberta e respirou em sua boca. A mesma energia que sentiu nas mãos que a massageavam, encheram seus pulmões. A dor diminuiu. A mulher se afastou.

—Descanse agora. —Disse a mulher, soltando-a. —Você está segura. —Bridget obedeceu, fechando os olhos quando voltou a mergulhar num mar de sonhos.

A casa de Caderyn ficava na seção de caçadores do palácio. Havia apenas uma dúzia de casas no total, divididas em quatro salas para cada equipe. Cada sala tinha três quartos, de modo que cada homem vivia ao lado de seus membros da equipe, em apartamentos separados. Todos possuíam uma casa no campo também, porque quando eles desejavam escapar da cidade. Ao contrário do lugar da curandeira, suas casas tinham uma porta.

Dirigindo-se ao seu banheiro, Caderyn puxou um cordão. A água quente e fresca chovia do teto sobre uma plataforma. Ele jogou suas roupas emprestadas de lado e pisou sob o chuveiro. Seu corpo não se transformaria na água doce.

Usando sabão, ele lavou o sal de seus cabelos e o cheiro do oceano de sua pele. A ferida em sua perna rasgada já não sangrava. Ele duvidava que tivesse necessidade de fechá-la.

A espuma fez-lhe particularmente bem sobre seu pau, e ele seguiu o conselho da curandeira, com ambas as suas mãos ensaboadas sobre o eixo duro para livrar seu corpo de sua aflição. Ele torceu e bombeou em um ritmo rápido e constante. Como a imagem do corpo nu da beleza da mulher de cabelos escuros em sua cabeça era muito agradável, e não demorou muito para derramar sua semente.

Caderyn grunhiu de prazer. O lançamento parecia tão bom, ele não queria parar. Ele segurou suas bolas, massageando-as enquanto ele

lentamente se acariciava com o pau cheio. Desligando o chuveiro, ele foi tentado a encontrar sua ninfa de prazer. Ele tinha sido contra as mulheres sintéticas quando elas foram introduzidas pela primeira vez em sua sociedade. Mas serviram para um grande propósito. O que mais deveriam fazer os homens por uma eternidade sem mulheres para satisfazer suas necessidades?

Se o Merr não encontrasse a liberação, a tensão aumentaria, e as lutas começariam. Ele sabia, por que tinha acontecido antes. É por isso que seus desejos sexuais eram chamados de aflição. Depois da excitação de uma caçada, a tensão era sempre grande. Não havia nada como a liberação sexual para trazer os níveis dentro dele de volta ao normal. Além disso, se ele não recuperasse seus níveis, poderia ficar doente. Era apenas mais um dos efeitos colaterais de ser Merr. Muitos de seu povo estavam convencidos de que era uma punição adicional dos deuses, que eles seriam tão sexualmente estimulados, e não teriam qualquer forma de se libertarem.

Indo para seu quarto, ele destrancou um pequeno e delgado armário. Dentro dele estava tudo o que ele precisava para se deleitar. Os roupeiros eram padrão para caçadores. Os melhores instrumentos de prazer que os inventores do Merr poderiam ter inventado.

Sua ninfa de prazer estava pendurada em seus pinos junto com suas outras ferramentas de prazer. Sua cabeça era careca, seus olhos fechados. Examinando por cima dos bolsos que alinhavam a porta interior, ele puxou um disco redondo preto, encaixando-o no ponto em seu pescoço. O cabelo preto crescia de sua cabeça. Então, pegando um disco azul, ele o pressionou contra a têmpora. Os olhos da ninfa se abriram. Eles eram azuis, não a exata sombra que ele queria, mas teria que servir. Projetado para parecer uma mulher, o corpo da ninfa era macio e quase realista. Se ele a ligasse, ela moveria seu corpo contra o dele, piscando, suspirando, empurrando. A única coisa que ela não fazia era ter uma conversa real.

O instrumento de prazer não se parecia com a mulher humana que ele queria em sua cama, mas a coloração ajudou a fantasiá-la. Em comparação com a mulher ao vivo, a ninfa empalideceu. Mas o que mais ele poderia fazer? Ele queria estar completamente drenado de excitação quando ele a visse. Bastou pensar em seu corpo nu para deixar sua ereção mais dura. Não se

tornaria afligido, embaraçando-se quando ele fosse buscá-la na curandeira. Mesmo que ela o escolhesse de imediato e ele aceitasse, havia certas leis que deveriam ser mantidas. Ele não queria se humilhar.

Levando a ninfa, ele atirou-a em sua cama. Então, alcançando ao longo de sua espinha, encontrou uma série de botões. Ele empurrou um e o instrumento de prazer veio à vida, dobrando os joelhos e separando as pernas. Seus braços estenderam-se para ele, esfregando seu peito e pescoço enquanto ela gemia suavemente.

Caderyn não hesitou, e mergulhou dentro. A abertura molhada espremeu seu pau, e ele alcançou seu quadril para ajustar mais um pouco, apertando sua buceta com força. Ele fechou os olhos, pensando na beleza da mulher de cabelos escuros que tinha resgatado. Quando ele moveu-se, foi seu corpo que ele tomou e seu gemido que soou. Sua bunda apertou trabalhando em círculos, enquanto ele desejava que, pelo menos uma vez, pudessem ser seus dedos a rodear o buraco apertado enterrado dentro de suas nádegas firmes, estimulando suas terminações nervosas. Inclinando-se, os músculos de seus braços e tórax dobraram-se.

A tensão construía-se enquanto ele fantasiava sobre os seios macios, e o montículo raspado alinhado com cachos escuros. Caderyn bombeou mais rápido, sacudindo e ofegante. Não demorou muito para encontrar a libertação. Ele abriu os olhos quando gozou, derramando sua semente dentro da ninfa de prazer. Quase imediatamente um sentimento de desapontamento o encontrou. A ninfa sorriu para ele, com um olhar sensual. Uma vez ele pensou que era tão real, que ele poderia fingir que era uma mulher de verdade, e que ele não era tão solitário, mas agora, tudo o que ele poderia pensar era que a ninfa não era ela.

Caderyn afastou-se, respirando com dificuldade. Isso não fazia sentido. Ele tinha acabado de salvar a mulher. Por que ele ficaria tão obcecado por ela? Por que ele a desejaria tanto? Mais punição dos deuses? Ou seria a mulher a sua recompensa por expiar os pecados passados de seu povo?

Arrumando, ele vestiu-se, sabendo que fazia uma hora desde que deixou a curandeira. Ele definitivamente se sentia melhor, mesmo que

estivesse desapontado com a ninfa. Olhando para a mulher em sua cama sorrindo insipidamente para ele, ele disse: —Você tem sorte que você pode ser desligada nessa eternidade, ninfa. Eu daria qualquer coisa para uma pequena pausa desta vida.

Bridget abriu os olhos sentindo-se muito melhor, embora ainda um pouco fraca. Sua mente estava clara, e ela vividamente lembrava-se de estar no barco com os outros cientistas. Certamente, o resto foi um pesadelo. Tinha que ser.

Eles não poderiam ter encontrado o homem estranho vestido com roupas do estilo de 1500. O navio não foi atacado por um Tritão. Não capturaram uma das míticas criaturas do mar em sua rede. Bem. Ela podia aceitar que, embora fosse real, tudo o que acontecera fora um sonho.

Então, como exatamente ela entrou neste quarto?

As paredes eram planas, quase de tijolo cru na textura. Belos desenhos foram pintados diretamente sobre elas. Havia uma pequena mesa circular no canto com um vaso de cerâmica. Também pintado.

Bridget sentou-se na cama. A luz veio de cima, brilhando através de buracos decorativos esculpidos no teto. Ela viu o brilho de metal, e adivinhou que o lugar estava iluminado pela luz solar refletida. Estava baixa até o chão, e seus pés tocaram enquanto ela os colocava de lado. Uma pequena mesa de pedra estava no canto. Rolos foram colocados ao longo da parede em um cubículo em forma de diamante.

Ao lado dela, Cassandra estava inconsciente em uma segunda cama. Bridget realmente não conhecia muito bem a mulher, e as poucas vezes em que conversaram, as conversas foram tensas. Para uma cientista, ela realmente não parecia saber muito sobre o que estavam fazendo. Muitas

vezes, Bridget se perguntava por que Dev a levou. Mas apesar de tudo, ainda era muito reconfortante ver um rosto familiar.

Cassandra estava vestida com uma longa túnica branca. O vestido sem forma cobria seus braços, caindo frouxamente do ombro aos pés. Bridget olhou por cima do próprio corpo. Ela também usava a mesma roupa. Pela aparência dela, ela diria que era uma mistura de algum tipo de lã.

—Cassie? —Sussurrou Bridget, ajoelhada junto à mulher. Ela tocou sua bochecha. —Cassandra? Cassie, você pode me ouvir?

A testa de Cassandra estava quente. Ela gemeu, afastando-se dos dedos de Bridget. A mulher tinha febre.

—Olá? —Bridget falou. Suas pernas vacilavam enquanto ela caminhava até a porta. —Olá? Ajudem, por favor. Alguém? Minha amiga precisa de um médico.

Ela começou a roçar a porta de contas quando uma mão veio por ela. Bridget ofegou, caindo em surpresa. A mulher que tinha ajudado a tirar a queimadura de seus pulmões entrou. Reconheceu seu rosto imediatamente, só que ela não era um anjo.

—Você está acordada. —A mulher disse acenando com a cabeça. — Isso é bom. Bem-vinda a Ataran, minha senhora.

—Quem? —Bridget balançou a cabeça em confusão. Havia tantas perguntas nadando em seu cérebro. Ela olhou de volta para Cassandra. A mulher não se mexera.

—Eu sou Althea, a Curandeira. Você está em Atlas, a capital de Ataran. —A mulher sorriu.

—É uma ilha das Bahamas? —Bridget estava confusa demais. Não se lembrava de tal ilha, mas havia muitas delas na costa da Flórida. Era possível que eles tivessem se afastado tão longe do curso? O seu sistema de navegação estava desligado?

—É uma ilha, sim. —Althea assentiu, ainda sorrindo.

Ela olhou para Cassandra. —Por favor, ajude-a. Ela está doente. Temos que levá-la a um médico.

—Humm, eu sei. —Althea olhou para Cassandra, mas não foi até ela. —Pobre mulher.

—Bem, podemos dar algo a ela? —Bridget voltou para Cassandra e estendeu a mão para tocá-la.

A mão de Althea agarrou o pulso de Bridget. —Você não deve tocá-la, ou você pode ficar doente também. Agora que você está acordada, você deve deixar sua amiga. Devemos mantê-la separada até que esta doença corporal passe.

—Não posso deixá-la aqui. —Protestou Bridget. —Quem cuidará dela? Ela é minha companheira. Eu quero ficar.

—Ela não será abandonada. Não se preocupe. Vou ficar com ela até que ela possa ser removida. —Althea puxou Bridget para fora da porta. Ela estava fraca demais para lutar contra a força surpreendente.

—Nós somos imunes às suas doenças. Você não é.

—Que doença? Quase se afogar? —Bridget assentiu fracamente com o olhar severo da mulher, incapaz de fazer muito mais enquanto era levada para fora do escritório e para uma sala adjacente. A sala de estar era muito parecida com o escritório. Havia pinturas nas paredes e poucos móveis. Os sofás baixos parecidos com bancos não tinham encostos. Seus assentos de lã eram intrincados com tecidos, e muito bonitos. Os pisos estavam nus, varridos.

—Curandeira? —Bridget virou-se para a porta. Dois homens entraram. O primeiro tinha cabelos loiros mais compridos e olhos verdes brilhantes. Ele a olhou curiosamente, mas não olhou fixamente. O segundo homem chamou sua atenção. Ela sentiu que não podia respirar. Ele parecia familiar.

O primeiro homem curvou-se.

—Bem-vinda a Ataran, minha senhora. Eu sou Iason, o Caçador.

—Humm, Bridget Dutton. —Bridget afastou os olhos do belo estranho para olhar para o homem que falava. —Eu sou uma cientista do CCE, Comissão de Ciência Exploratória. Estávamos fazendo leituras de superfície bioquímicas fora da costa da Flórida.

—Bem vinda, lady Bridget. —Disse o segundo homem. —Sou Caderyn, o Caçador.

Caderyn tinha olhos lilases e cabelos castanhos ondulados que caíam sobre seus ombros. Ela nunca tinha visto olhos dessa cor, e não teria, embora isso fosse biologicamente possível. Músculos fortes eram o que ela conseguia observar nele, o que na verdade era pouco. Embora ele estivesse vestido, ela ainda podia ver a maior parte de seu corpo sob a túnica graciosamente drapejada. Só caía até a coxa. Suas pernas, braços e um ombro estavam nus, como o de Iason. Seu peito liso, sem pelos, estava bronzeado. Em seus pés, usava sandálias de tiras de couro.

Caderyn tinha características fortes em seu corpo musculoso - maçãs do rosto cheias, uma mandíbula forte, profundos olhos fixos, que pareciam perfurá-la. Havia um apelo muito potente e animal em direção a ela. Ela tremeu, excitada. Tal reação repentina não era do seu feitio.

—Espere! —Disse Bridget. Ela olhou ao redor novamente. Havia algo definitivamente estranho sobre esse lugar. Segurando seu dedo, ela moveu-se em torno dos homens para a porta frisada. Ela saiu para o corredor. Era o mesmo que a casa da curandeira. Alguém passou à distância, e ela viu que eles também estavam estranhamente vestidos. Ela foi para Bahamas uma vez em um cruzeiro. Isto não era Bahamas.

Tremendo, ela cobriu a boca. Sua mente correu com as possibilidades. O homem no barco com o mesmo vestuário, as peças de madeira do navio que tinham flutuado pelo barco. Agora essas pessoas, este lugar. Era como se ela estivesse na Grécia Antiga ou em Roma. Tinha seu barco de alguma forma atingido uma urdidura no tempo? Os cientistas teorizaram sobre viagens no tempo por anos. Isso era possível?

—Você está bem? —Bridget ofegou, pulando ligeiramente quando sua voz suave a afastou de seus profundos pensamentos. Ela virou-se, quase

surpresa ao ver-se sozinha com Caderyn. Ele praticamente se elevou sobre ela. Cada centímetro dele gritava guerreiro.

Ele fez um gesto de volta para a curandeira. Bridget entrou, tentando lembrar-se do que podia sobre a Roma Antiga. A única coisa que ela descobriu, foi que sua água era transportada por tubos de chumbo, e que ela não deveria beber. Só que, se fosse Roma, por que ela os entenderia? Ela não falava italiano, a não ser as frases básicas do filme mafioso. Então, havia o fato de que eles não pareciam ser confundidos por sua presença ou a menção do CCE como ela imaginou que as culturas antigas seriam.

—Eu não posso dizer se a doença se espalhará. Devemos separá-las por vários meses, até que sejam ajustadas completamente. —Althea estava dizendo.

—Outros? —Perguntou Iason.

Althea olhou para Bridget. Sua voz suave, ela disse: —Rigel.

Iason assentiu como se entendesse. Ela questionou o olhar que os três compartilharam.

—Tome-a, alimente-a. —Althea exortou Caderyn. —Deixe-a descansar e depois a leve para Aidan.

—Uma coisa. —Disse Iason a Bridget antes que ela pudesse sair. —A outra mulher. Qual é o nome dela?

—Cassandra Nevin. —Respondeu Bridget.

—Vá. —Althea pediu a Caderyn. —Leve-a. —Caderyn assentiu.

Ele fez um gesto para que Bridget o seguisse. Ela franziu o cenho. —Aidan? Onde estou? —Perguntou ela.

—Ataran. —Disse Caderyn. Franzindo o cenho, olhou para Althea.

—Muito descanso. —Disse Althea. Caderyn assentiu com a cabeça em compreensão.

Bridget o seguiu até o corredor. —Para onde você está me levando?

—Você não entendeu? —Ele perguntou. —Levo você para comer e descansar.

—Sim, mas onde?

—Ah. —Caderyn assentiu. Ele começou a andar, levando-a a seguir. —Minha casa. Eu encontrei você. É meu dever certificar-me de que você seja curada e cuidada.

—Espere. —Bridget parou. Ela oscilou, de repente, tonta. Sua mão estava pressionada na parede para apoio. Ela ficaria em sua casa? Sozinha com ele? Sozinha com o homem incrivelmente sexy, completamente musculoso, guerreiro-caçador, que parecia muito delicioso em uma túnica curta? Ou ele era casado? Isso era ainda pior. Ela teria que ficar e assistir o guerreiro-caçador sexy com sua esposa. A mulher seria provavelmente tão bonita com muitas e muitas crianças bonitas.

—Você deseja que eu a carregue? —Ele perguntou, olhando para ela.

Bridget instantaneamente deixou seus olhos percorrerem seu corpo. Será que ela queria aqueles braços fortes e musculosos a segurando?

Sim! Ela sentiu o calor de suas bochechas. *Concentre-se, Bridget. Não pense no corpo de um guerreiro-caçador sexy.*

—Você disse que me encontrou? Mas, eu pensei que foi Althea? —Os olhos de Bridget estavam novamente distraídos enquanto ele mudava de peso. O movimento expôs um pouco mais de sua parte superior da coxa. Esses homens usavam cueca? E exatamente quanta água do mar ela tinha engolido para fazê-la pensar tal coisa em um momento como este? —Eu pensei que ela havia me encontrado.

—Ela curou você. Eu te resgatei. —Respondeu Caderyn. —Isso faz de você minha responsabilidade.

Bridget estremeceu, lembrando-se da sensação dos lábios na escuridão. Era tão vívido. Este homem a puxou do oceano e lhe deu a RCP?

Seus olhos dirigiram-se para sua boca. Aqueles lábios firmes haviam estado sobre os dela? Ela estremeceu. Seu coração saltou em seu peito. Ela nunca tinha estado em torno de um homem tão poderosamente sexual como Caderyn.

—Suponho que deveria lhe agradecer por isso.

—De nada. —Caderyn moveu-se novamente, e ela o seguiu. A pedra estava fria contra seus pés descalços enquanto caminhava.

—Sua esposa não se importará? —Perguntou Bridget.

—Esposa?

—Sim, ela não vai se importar que eu fique em sua casa? —Ok, essa pergunta era tão flagrantemente óbvia. Por que ela não estava se concentrando em coisas mais importantes?

—Não tenho esposa. —Respondeu ele. Uma nuvem passou por suas feições e ela se perguntou o que era.

—Me desculpe. —Foi uma resposta automática para o olhar em seu rosto.

—Você lamenta por eu não ter esposa?

—Não, eu apenas... Bem, seu olhar. Pensei que talvez ela... Já não estivesse com... —Bridget mordeu a língua e fez um ruído fraco.

Ele parou, dando-lhe um olhar muito sexy mais uma vez. Ela se perguntou se o significado implícito era intencional.

—Eu nunca fui casado, não cheguei nem perto do casamento.

—Oh. —Novo assunto. Concentre-se no que é importante, não na vida amorosa do guerreiro-caçador. —Sabe o que aconteceu com minha embarcação, com a tripulação? —Bridget sentiu a garganta dela apertar. —Havia muitos cientistas a bordo quando nós caímos. Estão aqui também?

—Nós só conseguimos salvar você e Lady Cassandra. —Disse Caderyn, sua expressão mudando.

Instantaneamente, seus olhos se afastaram. Ela abanou a cabeça. —Ah não...

—Eu sinto muito.

Bridget oscilou, sentindo-se desmaiar. Mortos. Eles estavam todos mortos. Os amigos dela. Mortos.

Capítulo Três

Caderyn observou a mulher balançando para frente e para trás diante dele. Ele não gostou de contar a ela sobre os humanos afogados, mas era bom acabar com isso. Ela parecia quase completamente recuperada de suas lesões físicas, apesar da palidez de sua pele e os movimentos fracos de seu corpo. Seus cabelos não estavam mais encaracolados, mas caíam em úmidas ondas negras sobre seus ombros. Ela era uma das criaturas mais bonitas que ele já tinha visto.

Althea a tinha banhado e vestido. Ela cheirava docemente, como as flores do mar que floresciam na entrada de água da caverna. Ele estava secretamente agradecido por ela vestir o vestido informal. Bastava olhar para seus olhos azuis, e seu corpo já estava a meio mastro, como se não tivesse passado a última hora aliviando sua aflição.

Quando seu olhar vagou pela primeira vez sobre ele, ele viu apreciação em seus olhos. Ela tinha olhado seu peito por muito tempo, tanto tempo que ele pensou que ela poderia pedir para vê-lo. Ele gostaria de ter mostrado a ela. Caderyn ficou satisfeito quando não olhou para Iason da mesma maneira.

As perguntas sobre uma esposa foram estranhas, e ele não podia dizer se ela estava apenas tentando ser educada, ou se ela procurava por algo mais. Caderyn suspirou. Provavelmente estava sendo educada. Era muito cedo para esperar que ela se importasse com ele de tal maneira.

Ele a estudou cuidadosamente, vendo como ela aceitava as más notícias. Quando ela continuou a encará-lo com lágrimas nos olhos arregalados, ele ficou preocupado. Ele estendeu a mão para ela. A mulher seguiu-a com seu olhar perturbado, mas não a aceitou. Seus olhos ficaram

brancos. Desmaiando, ela caiu para frente. Caderyn a pegou, balançando automaticamente a mulher inconsciente em seus braços.

Com um suspiro pesado, ele soube que ela desmaiou. Ela passara por uma terrível provação.

Ele a carregava facilmente. Ela era tão leve, delicada, frágil. Uma onda de proteção o dominou novamente. Ele a abraçou mais perto, balançando-a para que seu braço caísse sobre seu ombro pelo pescoço.

Caderyn tinha que admitir que fosse estranho que não um, mas três mortais tinham sido salvos esta noite. Segundo Althea, Rigel havia trazido de volta outra mulher. Rigel era o líder dos Guerreiros. As duas equipes haviam rastreado Scylla e a separado em caminhos cruzados. Foi como o primeiro navio tinha sido bombardeado tão rapidamente. Depois de ajudar a equipe de Rigel a capturar a deles, Caderyn, Solon e Iason foram atrás da segunda Scylla.

Caderyn respirou fundo, cheirando a mulher. Ela era tão macia. Ele queria puxá-la para mais perto, queria sentir seu corpo contra o dele. Ele se absteve. Agora não era o momento para tais coisas.

Indo para sua casa, Caderyn levou Bridget para sua cama e a colocou para baixo. Ela gemeu suavemente, procurando por ele enquanto ele se afastava. Seus braços caíram para os lados e ela se virou, aconchegando-se em seu colchão macio. Sua fantasia dela nessa mesma cama voltou para ele. Olhando para o guarda-roupa, ele aproximou-se para ver se estava trancado antes de segurar a chave. Não havia razão para arriscar-se que ela mexesse ali e tivesse uma ideia errada sobre as suas intenções. Bem, sinceramente, ele tinha algumas dessas intenções, mas apenas com o seu consentimento.

Caderyn respirou fundo. Seu intestino apertou. Seria tão fácil posicionar seu corpo, levantar as pernas e empurrar dentro. Tinha sido tanto tempo desde que ele teve carne real - séculos de fato. Ele suprimiu um gemido.

Ela responderia a ele se ele a tocasse? Ele estendeu a mão para seu tornozelo nu, observando seu rosto enquanto ele fazia contato, passando ligeiramente seus dedos sobre sua carne em pequenos círculos. Como as

mulheres reais reagem quando desejam um homem? Ele parecia lembrar-se que elas gemiam muito, fazendo ruídos suaves na parte de trás de sua garganta, ofegando e suspirando. Movendo os dedos um pouco mais alto em sua panturrilha, ele esperou. Bridget gemeu suavemente.

Caderyn sorriu. Sim, assim.

A pele de Bridget não se parecia como a da ninfa do prazer. Era mais quente, mais real. Ele passou os dedos pela perna dela, deixando seu braço empurrar para cima seu vestido quando ele tocou seu joelho. Ela gemeu novamente. A ninfa movia-se, podia ser treinada para fazer isso, mas havia algo excitante sobre não ser capaz de programar a mulher antes, para responder de certa maneira. Havia algo assustador também.

Caderyn puxou a mão para trás como se estivesse queimada. Ele não podia controlar sua resposta, não podia fazê-la querer que ele estivesse em sua cama, não poderia fazê-la falar palavras de desejo para ele. E se ele oferecesse e ela dissesse não? E se ela dissesse sim e ele não pudesse fazê-la chegar ao fim? Ele sabia como fazer uma mulher chegar ao clímax?

A falta de confiança não era algo com o qual ele estava familiarizado. Ele era um caçador Merr, acostumado a estar no controle. Eles tinham algumas mulheres Merr únicas em sua sociedade, mas elas eram como Althea, como ele. Ele nunca tentou tomar qualquer uma delas como amantes. Por estarem tão isolados, era melhor não ter relações que não terminassem em compromisso. Para sempre era um longo tempo para manter um rancor contra um velho amante. Rancores poderiam ferver e explodir. Eles aprenderam isso no começo.

—Para sempre é um longo tempo para cometer um erro. —Caderyn disse suavemente. Ele estava pronto para esse compromisso, ou assim ele pensou.

Ainda...

Bridget gemeu, piscando. Ele viu a confusão dentro dela enquanto ela se sentava na cama. Ela olhou ao redor, seus olhos parando sobre ele.

—Eles estão todos mortos. —Ela sussurrou.

O corpo de Caderyn ficou tenso quando ela se virou para chorar no travesseiro. Ele estendeu a mão para tocá-la, mas se afastou. Ela desejaria seu conforto? Ele não podia tirar a dor dela. Ele não poderia acabar com sua dor antes que fosse a hora certa. Caminhando até a porta, ele disse desajeitadamente: —Vou deixar você sozinha.

Bridget gritou pelos cientistas perdidos, ignorando as palavras de Caderyn. Era melhor que ele a deixasse sozinha para que pudesse reunir seus pensamentos e sentimentos. Ela tentou se agarrar à esperança fugaz de que eles tinham conseguido, de que eles tinham sobrevivido de alguma forma. Foi um tiro longo, mas trouxe uma pequena quantidade de conforto.

Eles estavam longe, e Jon havia dito que não conseguia comunicar-se com ninguém no rádio. Se eles tivessem passado por algum tipo de vórtice de tempo, faria sentido. De alguma forma, viajar no tempo era mais reconfortante agora do que monstros no mar. Mesmo agora, talvez Dev estivesse bebendo hidromel com Vikings, e Jon estaria em algum mundo futurista brincando com gadgets.

Embora, para ser honesta, havia muito que eles não sabiam sobre o fundo do oceano. Era bem possível que houvesse estranhas criaturas do mar lá embaixo, criatura que poderiam ser vistas como monstros. A mitologia estava cheia delas. Talvez as criaturas estivessem subindo para se alimentarem. Em muitos casos, a mitologia era baseada em verdades.

Como cientista, ela teve que admitir que a teoria do monstro marinho fosse mais provável do que a viagem no tempo. Então e esse lugar? As pessoas estranhas, e as roupas? De um lado, eles eram muito modernos. Por outro, eles eram muito antigos.

—Tem que haver uma explicação lógica para isso. —Bridget levantou-se e começou a andar. Concentrar-se no problema científico em questão era muito mais fácil do que enfrentar as emoções que corriam desenfreadas sob sua superfície instável. As emoções eram confusas. A lógica e a ciência eram constantes. Elas poderiam ser contadas. Por isso adorava a ciência. Sua própria natureza a consolava. Era a mesma razão pela qual ela nunca realmente se saía bem em relacionamentos sérios. O amor não tinha lógica.

Bridget enxugou os olhos, afastando as lágrimas. Desejando que ela tivesse uma caneta e papel para resolver seus pensamentos, ela fez uma lista mental de probabilidades. Lógica. Ela poderia ser lógica.

—Eu vou ficar ao seu lado. Apenas pergunte o que quiser. Estamos abaixo da superfície do oceano. Um habitat subaquático. —Disse Aidan. O homem era mais baixo em estatura, com cabelos castanhos curtos e olhos castanhos. Ele usava calça de lã solta, e uma camisa de lã mais curta. Ele foi apresentado a ela como "alguém que poderia explicar melhor para ela".

Bridget olhou fixamente para Caderyn, e depois para o homem que estava ao seu lado. Uma noite cheia de sono não a tinha preparado para esse comentário. A casa de Caderyn era muito parecida com a de Althea, embora as cores estivessem mais amenas. Havia um antigo vaso de latão no canto, um pouco manchado pelo tempo. Os sofás azuis baixos tinham linhas verdes escuras entrelaçadas. Eles tinham encostos espessos sobre eles, ao contrário dos bancos de Althea. Ela esperou, mas ele não disse mais.

—Eu sinto muito. Você acabou de dizer que estamos em um habitat submarino? —Bridget perguntou. Não era uma possibilidade que ela tinha considerado antes, mas fazia sentido. Embora, a decoração fosse um pouco estranha para um habitat. Talvez tivessem um decorador eclético, e fossem completamente autossuficientes fazendo suas próprias roupas.

Aidan assentiu. Caderyn não se mexeu. Os dois olhavam para ela como se esperassem que ela fosse entender a qualquer momento. Esse momento seria... Agora.

—Isso é um projeto do governo? —Bridget arqueou uma sobrancelha. —Foi isso que aconteceu? O governo estava trabalhando em algum tipo de peixe-humano híbrido que se soltou e atacou os navios. Eu sabia que a pesquisa genética algum dia ficaria fora de controle. Claro, eles dizem que só estão crescendo algumas células-tronco, ou tentando replicar sangue, mas então, bam! Você tem um monte de percalços genéticos mutantes que enlouquecem e não podem ser contidos.

Caderyn parecia ter levado uma bofetada. Nada poderia ser feito para isso. Ela se perguntou se isso seria de alguma forma seu projeto favorito. Ele era algum tipo de cientista militar? Explicaria o físico, mas não as roupas.

Bridget franziu o cenho, sacudindo a cabeça. —Você realmente deveria ter vergonha de si mesmo, interpretando Deus assim. Nós não somos deuses. Nós somos cientistas. Estudamos a natureza, tentamos curar doenças. Tentamos tornar a vida melhor. Nós não fazemos nossas próprias criaturas.

Eles não se moveram.

Bridget recuou horrorizada, sacudindo a cabeça. —Ah não. Não se soltou, não é? Você o soltou. Você fez isso atacar os navios. Você estava testando, não é? E você trouxe de volta as mulheres. Você não vai nos deixar ir?

Ela agarrou seu estômago, sentindo-se doente.

—Você vai nos impregnar com essas coisas, não é? Argh, é o plano perfeito. Ninguém sabe onde estamos. Mas, e se eu dissesse que eles sabem. E se eu dissesse...? E você vai impregnar... Aqueles meio-peixes... —Bridget afastou-se, imaginando se ela já estava grávida. Ela tocou seu estômago, pressionando-o com força. Aidan ergueu a mão para ela.

Ele a olhou como se estivesse louca. —Você está tirando uma conclusão errada, minha senhora.

—Então, você nos salvou e vai nos deixar ir? —Perguntou Bridget. Caderyn tinha a mandíbula apertada enquanto olhava para ela. —Você vai nos ajudar?

—Bem, na verdade, não há saída deste lugar. —Aidan disse a ela. — Por favor, venha sentar-se e deixe-nos contar tudo para você.

—Vamos assinar qualquer papel que você precisar afirmando que não vamos revelar nada que temos visto aqui. —Bridget olhou em volta. — Ninguém acreditaria em nós de qualquer maneira. Roma antiga que flutua debaixo do oceano? Eles vão pensar que engolimos muita água do mar. Apenas nos devolva as roupas e nos jogue na praia mais próxima.

—Minha senhora, por favor. —Disse Caderyn, sua voz dura. —Sente-se.

—Quero que me leve à Cassie. —Disse Bridget. Vendo o olhar vazio de Caderyn, ela disse: —Cassandra. Cassie. A mulher ruiva com quem eu estava. Quero que você me leve a ela agora.

—Ela se foi. —Disse Caderyn.

—Ela está morta? —Bridget sussurrou, seus olhos arregalados.

—Não, não. —Aidan assegurou-lhe. —Lorde Iason levou-a ao campo para sua casa lá, para que ela possa recuperar-se e não espalhar sua doença para você.

A cabeça de Bridget doía. Ela estava tão confusa. Indo para o sofá, ela finalmente se sentou. —Eu pensei que você tivesse dito que estávamos debaixo d'água. Como ele pôde levá-la para o campo?

—Vou começar do começo. —Disse Aidan. —Bem, meu começo. Meu nome é Aidan Douglass. Nasci em mil oitocentos e noventa e três em uma província do sul da Escócia.

—Viagem no tempo? —Bridget sussurrou. Quando ele falou, ela ouviu apenas o menor vestígio de um sotaque escocês. Ela não tinha percebido isso antes.

—Não. —Disse Aidan.

—Vou deixar vocês dois discutirem isso. —Caderyn não olhou para ela quando saiu. Bridget descobriu que realmente sentia falta de sua presença silenciosa, mesmo que estivesse zangado com sua opinião.

Quando estavam sozinhos, Aidan continuou. —Eu era um estudioso, um historiador se você quer saber, a caminho da África para explorar as grandes pirâmides, para descobrir o tesouro enterrado, esse tipo de coisa. Nosso barco, o Bella Donna, foi atacado da mesma forma como o seu foi. Ele afundou. Como não havia mulheres a bordo, fui salvo e trazido para cá.

—Como é cavalheiresco. —Bridget riu suavemente, embora ela não sentisse nenhum humor real no momento. —Eles salvam as mulheres primeiro.

—Sim, bem, é cavalheiresco se você for uma dama. —Disse Aidan.

—Viagem no tempo? —Bridget mordeu o lábio. Espere um minuto, ele acabou de chama-la de dama?

—Não, o tempo aqui não é como no mundo superficial.

—Isso faria você ter mais de cem anos. —Disse Bridget, olhando para ele.

—Sim, não é? —Aidan deu uma risadinha. —Eu não pensei sobre a idade por algum tempo agora.

—Por que você não envelheceu? —Perguntou Bridget. Ela estremeceu, juntando as mãos. O vestido de lã era quente, mas ela ainda se sentia gelada.

—É este lugar. Uma vez que seu corpo se aclimate a ele, você nunca adoce e você nunca envelhece. —Aidan inclinou-se para frente. —Você gostaria que eu parasse? Podemos discutir isso mais tarde, se você estiver se sentindo oprimida por isso.

—Vou ficar bem. —Disse Bridget secamente. —Por favor, continue.

—Ah! —Disse Aidan. —Me perdoe. As senhoras do meu tempo eram muito mais... —Ele deu de ombros acrescentando diplomaticamente. —Delicadas.

—Ok. —Bridget respirou fundo. Era hora de começar a analisar a lógica desse homem com o raciocínio dedutivo. —O que é este lugar? É o céu? Inferno?

—Não realmente, pelo menos não no sentido que eu sabia. —Aidan se recostou, descansando seus braços sobre o dorso do sofá. —Pelo que eu percebi, essa sociedade era o centro do mundo antigo. Governou muito sobre a terra. Grécia, Itália, Egito, que era um império vasto naquele tempo. Naquela época eles eram conhecidos como os Atlantes.

—Como em Atlântida? A cidade perdida que caiu sob as ondas em um dia? —Bridget perguntou com incredulidade. Todo cientista que trabalhava no oceano conhecia o mito de Atlântida. Talvez esses homens tivessem engolido muita água do mar.

—Sim, a mesma. —Aidan assentiu, parecendo satisfeito por ela saber disso. —A terra dos Atlantes prosperou com pouco esforço. Eram grandes guerreiros que nunca foram derrotados na batalha. Segundo eles, eles foram abençoados pelo deus, Poseidon. Se você não está familiarizada, ele era o deus do mar.

—Mito grego. —Era tudo o que ela podia dizer.

—Sim, exatamente. —Aidan assentiu com entusiasmo, seu rosto animado com excitação. —Mas, como todas as grandes civilizações, eles ficaram arrogantes com o poder. Naquele tempo a vida após a morte era um lugar sombrio, não como o céu que pensamos - ou pelo menos o que eu pensava. —Aidan suspirou, tornando-se quase nostálgico. —Mal posso esperar para saber como o mundo mudou nos últimos cem anos. Vocês americanos alguma vez obtiveram seu licor de volta? Ou ainda é ilegal? E o automóvel? Alguma coisa vingou disso ou vocês estão de volta às carroças? Oh, e o que é cinema? Um amigo meu jurou que encontraria uma maneira de fazer o filme falar. —Aidan riu, balançando a cabeça com a própria ideia. —Que fio vivo era aquele. Qual era seu nome mesmo? Henry? Harry? Bem,

tenho certeza de que o escrevi em algum lugar, mas já faz quase dez anos que não abri os diários que eu mantive em...

—Você está dizendo que a vida após a morte para os Atlantes era um lugar sombrio. —Pedi Bridget, tentando manter Aidan no caminho certo.

—Sim, sim. Destino terrível a vida após a morte. Todas essas pessoas podiam desfrutar de suas vidas mortais. Então eles pararam de adorar Poseidon, e começaram a adorar a si mesmos como deuses na terra. Eles se tornaram preguiçosos, levando tudo o que tinham dado por concedido. Não havia mais batalhas para lutar, então eles invadiram seus vizinhos, levando mais do que eles precisavam. Um dia, o rei Lucius, depois de muito festejar e beber proclamou ao seu povo que nunca morreria, pois nunca desejava deixar o seu paraíso abundante na terra, que era mais belo do que o reino dos deuses.

—E Poseidon não gostou disso. —Concluiu Bridget.

—Exatamente. Poseidon amaldiçoou a cidade por sua vaidade e auto amor. Ele lhes deu o que eles queriam. Ele concedeu-lhes a imortalidade, condenados para sempre a andar em seu paraíso terreno, e em nenhum outro lugar. Esta terra, ele mergulhou na água, prendendo-os para que eles nunca pudessem pisar no solo mortal novamente. Aqui ficaram, no fundo do oceano, sua terra vagando sem rumo com as correntes. —Aidan suspirou. —E agora somos parte dela, nunca podemos sair.

—Suponhamos que por um momento eu acredite em sua história selvagem. —Disse Bridget, fazendo o possível para argumentar em uma situação irracional. Ela inclinou-se para frente, enfiando os dedos juntos. —Chegamos aqui para que possamos ir.

—Não.

—Não?

—Não. —Repetiu Aidan.

—Tudo bem. Então, como eles me resgataram se eles estão sempre presos aqui. —Bridget sorriu, sentindo como se estivesse cutucando buracos em sua lógica enlouquecida.

—Eu disse que nunca mais podiam pisar no solo mortal. —Respondeu Aidan. Ele sorriu, obviamente aproveitando o debate acadêmico. —Ou, aliás, respirar o ar mortal. É uma das poucas coisas que podem matá-los

—Ar nos mata.

—Ah, mas eles nadaram até a superfície onde eles me encontraram. —Disse Bridget. —E o chão do oceano? É solo.

—Aletas. —Aidan sussurrou. —Seu, ahhh, meio peixe mutante, percalços genéticos eu acredito que você os chamou.

Bridget empalideceu. Se isso era verdade, então não era de admirar que Caderyn tivesse se enfurecido com suas palavras. Ela o insultara, não o trabalho dele. —Caderyn? Ele é... Um Tritão? Com uma vida real, nadar pela água, tritão? —Aidan assentiu. —E Althea? Ela seria uma sereia?

—Eles preferem ser chamados de Merr.

—Oh —Bridget cobriu a boca. —Acho que vou ficar doente.

Aidan levantou-se rapidamente. Ele olhou em volta antes de agarrar o antigo vaso de latão e empurrá-lo para ela. —Aqui.

Bridget engoliu sua bílis. —Eu não posso vomitar nisso. Olhe como é antigo!

—Certo. —Respondeu Aidan, pondo-a de volta. —Excelente ponto.

—Desculpe. —Bridget conseguiu soltar os dedos. Ela respirou fundo várias vezes. —Não posso acreditar. A coisa dos deuses eu posso lidar. Eu sempre acreditei que havia algo maior do que nós lá fora. Mas a cidade perdida de Atlântida? É um mito, uma lenda. Isso não pode ser Atlântida.

—Sim, lá em cima é um mito. Aqui, o país é chamado de Ataran. Esta cidade é Atlas, e está realmente sobre uma pequena colina, não a grande

montanha da lenda. —Aidan sorriu. Aproximou-se da porta. —Eu vou deixar você. Falaremos novamente em breve. Tenho certeza que você vai ter muitas mais perguntas para mim. —Bridget fez um ruído fraco, puxando a mão dela longe de sua boca tempo suficiente para dar-lhe um aceno fraco.

Ela estava cansada, cansada demais para lidar com tudo agora. Ela esfregou a têmpora e não disse nada.

—Você está aceitando isso muito bem. —Disse Aidan da entrada, soando impressionado. —Eu estive em prantos por semanas.

—Ainda é cedo. —Murmurou Bridget. —Me dê tempo.

Caderyn andava pelos corredores, as palavras ecoando em sua cabeça.

Peixe-híbrido humano. Mutantes, percalços genéticos. Você vai nos impregnar com essas coisas.

Lá se vai cortejá-la, para tê-la em sua cama. Sua repulsa não poderia ter sido mais clara.

Embora, se ele lembrasse corretamente, aquela foi sua primeira reação também, quando eles tocaram a água salgada, e viram o que eles tinham se tornado. Talvez depois que cem anos se passasse, ela não pensaria sobre os Merr de tal maneira. Talvez se ele mostrasse quão cultos eles eram, o quão longe eles iriam, ela iria aceitá-lo. Não era como se fossem bárbaros para começar. Eles tinham sido civilizados.

De qualquer maneira, suas palavras o machucaram, mesmo que tentasse não o tomar de forma pessoal. Por que sua opinião importa tanto para ele? Não era como se a conhecesse. Ele tinha salvado sua vida, claro, mas ele não a conhecia. Ela era apenas um humano que ele salvou da morte. Era bem possível que ela não fosse destinada a ser dele. Talvez lhe tivessem permitido viver de modo que pudesse pertencer a alguma outra pessoa. Não

havia nenhum sinal dizendo de quem seria a esposa, ou que ela seria a noiva de Merr. Todos esperariam, mas não havia como saber com certeza.

Olhando ao redor das paredes do palácio, pensando em seus longos anos, Caderyn sabia que era possivelmente muito mais cruel salvá-la e trazê-la aqui, do que deixá-la morrer. Mas, leis eram leis. De que outra forma eles iriam se redimir com Poseidon? No entanto, nenhum deles realmente sabia se tal coisa era mesmo possível. Eles não tinham visto o deus desde que ele os jogou no mar. Não importava quanto tempo passasse, era um dia que nunca esqueceriam.

Ao ver Aidan descendo o corredor, ele assentiu.

—Ela aceitou bem. —Aidan assegurou-lhe. —Eu acho que ela vai ficar bem em alguns dias, depois que ela tiver tempo para se ajustar. Também temos sorte. Ela é uma cientista. Mal posso esperar para descobrir tudo o que mudou lá em cima. Aposto que ela pode explicar algumas das coisas que os catadores trouxeram de seu mundo.

—Obrigado por falar com ela. —Disse Caderyn. Às palavras de Aidan, ele percebeu que ela poderia estar aqui para ajudá-los como um povo, e não como a noiva de alguém.

Aidan assentiu, sorrindo para si mesmo enquanto se afastava. Havia sempre um zumbido de excitação sempre que algo do mundo humano era trazido de volta para analisar. Ter três seres humanos para lhes dizer do mundo, era como ouro impressionante.

Decidido a dar-lhe alguns dias para se ajustar, Caderyn afastou todas as perguntas de sua mente. Voltou para sua casa, encontrando-a no sofá onde a tinha deixado. Ela realmente parecia melhor depois de uma noite de descanso.

Quando ela olhou para ele, um olhar atordoado, embora levemente de aceitação em seu rosto pálido. Seu olhar moveu-se para baixo sobre seu corpo, olhando fixamente por muito tempo em suas pernas descobertas. Ela mordeu os lábios em preocupação.

—Você deve estar com fome. —Disse ele. —Venha, eu vou levá-la para o salão do palácio para jantar. Não se preocupe. É cedo ainda, e não haverá muitas pessoas. Entretanto, devo apresentá-la ao rei Lucius antes que possamos comer.

—Rei? —Bridget olhou para o seu guarda-roupa, sentindo o cabelo dela. —Eu não posso conhecer a realeza agora. Estou muito cansada.

—Você está bem. —Assegurou Caderyn. —Eles não vão se importar com o que você se parece. Amanhã, depois de ter descansado mais, vou fazer com que os alfaiates te avaliem para comprar roupas mais adequadas.

Bridget engoliu nervosamente, mantendo os olhos nele. Ela olhou para suas roupas.

—Eles vão mostrar-lhe placas de design, para que você possa escolher o que você gosta. —Ele ofereceu.

—Eu não posso pagar. —Disse Bridget.

—Pagar?

—Trocar, pagar, seja o que for que você dê em troca de alguma coisa. —Bridget olhou para ele, finalmente encontrando seus olhos. —Você tem trabalho para alguém como eu? O que devo fazer aqui? Não sei se acredito no que Aidan disse, mas se é verdade, o que devo fazer?

—Você não deve se preocupar com essas coisas agora. —Disse Caderyn. —Você será cuidada. Um lugar será encontrado para você. Venha, ande comigo. Você vai se sentir melhor depois de comer.

Caderyn ficou levemente surpreso quando ela não protestou. Ele a levou para fora de sua casa em direção ao salão do palácio. Ela deu pequenos passos, mas não parou.

—O que você quer comigo? —Sua voz tremia.

—Eu te disse. Não se preocupe com isso agora. —Disse Caderyn, vendo sua impaciência. Eles tinham todo o tempo do mundo.

—Preciso de respostas. —Disse Bridget. Ela agarrou seu braço. O toque voluntário enviou uma onda de choque nele. Ele olhou para seus dedos pálidos enquanto eles se deitavam contra sua pele mais escura. —Por favor, Caderyn. Por que estou aqui? Porque eu? O que vai acontecer?

Ele levantou a mão para seu rosto. Seus dedos tremiam quando ele a tocou levemente. —Primeiro você vai encontrar o rei. Então você vai comer. Então você vai descansar.

—E depois?

—Então, quando estiver recuperada, nossos estudiosos irão questioná-la sobre o seu mundo. —Caderyn acariciou sua bochecha, satisfeito por ela não se afastar dele. Apesar do que ela dissera, talvez ela não fosse repelida por ele, sua espécie. Talvez ela estivesse apenas sob choque. Ele tentou ser paciente com ela.

—Estamos sempre curiosos sobre como as coisas mudaram.

—Então?

—Você pode ler o futuro em seu mundo tão facilmente, Bridget? Para nós Merr, não podemos prever o que vai acontecer amanhã. —Caderyn inclinou-se mais perto, avaliando cada reação à sua proximidade. Enquanto movia-se, ela ofegou, afastando-se como se estivesse saindo de um transe.

—Você é um Tritão. —Ela disse, tremendo. Ela virou os olhos para frente, recusando-se a olhar para ele.

Caderyn fechou a mão em um punho e a afastou. Com raiva, ele disse: —Sim, eu sou. Assim como a maioria das pessoas aqui. Lembre-se antes de começar a chamar-nos de genética mutante e percalços novamente.

Bridget ofegou.

Caderyn reprimiu sua raiva. Com seus lábios apertados, ele disse: —Venha. Você deve estar com fome.

Bridget estremeceu ao caminhar pelo corredor ao lado de Caderyn. Ela não queria admitir, mas acreditava nele. Quando ele disse que era um Tritão, que ela estava em um mundo subaquático, ela acreditou nele. Havia outras explicações mais lógicas para o que estava acontecendo, mas na verdade acreditava na resposta ilógica de Caderyn. E pela a vida dela, ela não conseguia entender o porquê.

Suas palavras duras não poderiam ter sido mais claras. Aqui embaixo ela era a aberração mutante, não ele. Ela se perguntou se os "estudiosos" a cutucariam como uma experiência científica, como um alienígena capturado de algum tipo. Não era isso que os humanos faziam com as novas espécies? Eles estudavam, testavam, dissecavam.

Havia isso, e então havia o fato de que ela se sentia atraída por Caderyn, e em um nível muito primitivo. Mesmo que ele parecesse um homem, ele não era um. Ele era um Merr. Era uma espécie diferente. Não só ela era a aberração neste mundo, mas estava destinada a estar sozinha nele.

Ela pensou em seu mundo. Se eles tivessem capturado um Tritão, eles não o teriam preso em uma gaiola de vidro? Eles teriam colocado em exposição para o mundo ver - assim como eles faziam com golfinhos e baleias. Caderyn em seu mundo seria uma atração de parque temático.

—Você vai me colocar em uma gaiola? —Ela perguntou.

Caderyn piscou, olhando para ela. Ele ficou irritado novamente.

Bridget podia ver isso em seus olhos. Ela esperou que ele sorrisse como ele fez na casa de Althea. Ele não o fez. —Vou me divertir?

—Não entendo. —Disse Caderyn, franzindo o cenho. —Você pode achar diversão. Sim. É isso que você está perguntando?

—Não, quero dizer...

O som de vozes a cortou. Eles tinham chegado a uma porta alta e arqueada. O salão do palácio estava cheio de pessoas. Muitos deles eram homens e vestidos como Caderyn, embora houvesse mulheres também. Algumas das mulheres usavam longos vestidos românticos e bobinas douradas sobre suas cabeças. Outros pareciam vestidos mais como uma antiga influência egípcia. Algumas pessoas usavam calças como Aidan, embora não parecesse ser o estilo mais popular.

—Eu pensei que você tivesse dito que estaria vazio. —Bridget hesitou já se sentindo como um espetáculo. Caderyn deu-lhe um empurrão suave em suas costas. Quando entraram, o saguão ficou em silêncio. Todas as pessoas olhavam para ela em aberta curiosidade.

—Normalmente é. A notícia de sua chegada deve ter se espalhado pela cidade. Eles vieram te ver. —Respondeu Caderyn.

Bridget olhou para seu belo rosto. Ela desejou que ele tivesse dado um tempo a ela para endireitar-se. Certamente ela estava fazendo uma impressão hedionda. Como a aberração mutante, ela precisava parecer melhor. Seus cabelos haviam secado ao ar, o que significava que eles ficariam frisados em torno de sua cabeça em uma horrível variedade de cachos. Ela nunca pôde manter os cachos desobedientes sob controle.

Caderyn deixou sua mão deslizar de suas costas para seu braço, enquanto ele a conduzia através da multidão. Em uma longa mesa em frente ao corredor, ele parou. Inclinando a cabeça, ele disse:

—Rei Lucius, quero apresentar-lhe a Senhora Bridget, a Cientista.

Um murmúrio levantou-se sobre a multidão. O rei Lucius ficou de pé, olhando-a. Ele tinha olhos azuis brilhantes e cabelo castanho claro que era mais comprido do que a maioria e caía em suas costas. Por sua estimativa, a maioria dos homens neste lugar era uma bela espécime. Ela tinha certeza de que isso significava que ela estava no inferno. Cercada por homens bonitos, viris, e que não poderia ter um relacionamento com Tritões porque eram muito diferentes. Oh, sim, é melhor ela não se esquecer da parte “por uma eternidade”. Bem, não é como se ela tivesse realmente tido relacionamentos

antes. Mas, ela poderia - teoricamente - se quisesse. De repente, estava louca por não ter mais relações sexuais e trabalhar menos.

—Aidan nos disse que você é um humano erudito. —Disse Lucius. Bridget olhou em volta do salão cheio. Ela nunca foi de falar em público, então ela meramente assentiu com a cabeça. —Maravilhoso! Quão afortunados nós fomos por encontrá-la. Por favor, junte-se a mim na minha mesa.

Caderyn levou-a a uma cadeira ao lado do rei, e tomou seu lugar ao lado dela. Os reunidos encontraram suas mesas, abertamente olhando para ela em curiosidade. Observando como o rei tomava um gole de sua taça, ela lentamente pegou a que estava diante dela e fez o mesmo. Era um licor de algum tipo, muito forte. Ela tossiu levemente, e instantaneamente as mãos de Lucius e Caderyn estavam sobre ela, e o salão se calou.

—Você está bem? —Perguntou Caderyn, preocupado.

—Minha senhora? —Perguntou o rei Lucius.

Bridget assentiu e sussurrou: —É forte.

—Você não está ferida? —Lucius persistiu. Ele a acariciou como se esperasse que ela se transformasse em poeira se pressionasse mais forte. —Devemos chamar a curandeira?

—Estou bem. Realmente. —Bridget viu-se se inclinando mais perto de Caderyn.

O rei acenou com a mão e a reunião começou novamente. Ela ouviu risos ao redor dela, e a excitação parecia zumbir pelo ar. Servos vieram com tigelas de água. Ela seguiu o exemplo de Caderyn, e mergulhou os dedos, lavando as mãos.

Serviçais trouxeram bandejas de alimentos. Ela quase engasgou ao ver que peixes estavam no menu. Quase horrorizada, olhou para Caderyn. Ele não parecia notar.

—Sinto muito. Nós teríamos planejado um banquete apropriado para você, se a tivéssemos conhecido antes. —Lucius disse, chamando sua atenção de volta para ele. —Mas eu prometo corrigir isso em breve.

Bridget olhou para a grande festa com admiração. Havia peixes gigantes assados, cheios de vegetais, e temperados com o cheiro de gengibre. Havia uma pilha de pão torrado quente, ovos mexidos, nozes, tâmaras, tigelas de frutas, cântaros de vinho e cerveja. Era mais comida do que ela já tinha visto em algum lugar. Exceto talvez em um Buffet de restaurante.

—Permita-me. —Disse Caderyn suavemente ao seu lado. Ele serviu um pouco de cada prato, colocando-o sobre o prato retangular. Ela o observou, tocada pelo doce gesto. Quando ele a olhou fixamente, ele deu um leve aceno de cabeça, mas não sorriu. Não havia talheres, exceto as colheres de servir. Comiam com as mãos, apanhando a comida com o pão plano.

Caderyn jantou em silêncio, sem falar. O rei, no entanto, fez-lhe perguntas após pergunta. Ela não tinha certeza se era sua novidade ou uma verdadeira curiosidade sobre o mundo acima que o incitou. Sobremesas doces, recheadas com frutas e vitrificadas com mel, foram trazidas. Ela não queria a massa, mas estava com muito medo de ofendê-los, e forçou-se a comer.

Quando terminou, estava tão satisfeita que não conseguia respirar. Parecia que horas se passaram, antes que Caderyn finalmente se levantasse, escoltando-a pelo corredor. Ela estava feliz em sair de lá.

—Você foi bem. —Foi tudo o que ele disse.

Bridget questionou-se por suas palavras, mas não perguntou. O pequeno elogio deu-lhe algum prazer. Estava cansada demais para pensar direito. Estes haviam sido os mais longos dias de sua vida, e ainda não era noite.

Caderyn levou-a para sua casa, mostrou-lhe o banheiro, e pediu-lhe para tentar descansar um pouco mais enquanto saía. Bridget o observou partir antes de se virar para o quarto. Tudo que ela queria fazer era dormir, e esperar que de manhã ela descobrisse que tudo isso era um sonho ruim.

Capítulo Quatro

O sonho não terminou. Tornou-se ainda mais surreal. Na manhã seguinte, ela foi poupada do salão de banquetes quando Caderyn lhe trouxe uma bandeja de frutas para o café da manhã. As grandes fatias rosa tinham um sabor salgado e doce ao mesmo tempo, e eram muito suculentas. Enquanto ela comia, ele a deixou, só para voltar com vários alfaiates machos.

—Um presente de Lucius. —Disse Caderyn, com a mandíbula apertada. Ele saiu novamente, deixando-a sozinha com os homens.

Bridget se perguntava por suas palavras. Caderyn tinha dito que iria buscar seus alfaiates. Agora era um presente de Lucius? Ela tentou não ler nada. Era mais provável não ser nada.

Os alfaiates a mediram para os vestidos. Eles entregaram seus materiais e placas de moda para escolher. Era tudo esmagador, e ela realmente desejava que Caderyn tivesse ficado para ajudá-la. Ela não tinha ideia do que era considerado traje normal, então ela só escolheu coisas com as quais ela esperava se misturar com todos os outros. Algumas vezes os alfaiates franziam o cenho por suas escolhas, mas quando ela tentava obter sua opinião, eles se recusavam a dizer.

Levou a melhor parte de dois dias para eles terminarem sua medição, e para passar por todo o material e padrões. Durante esse tempo, ela teve muitos visitantes. Caderyn ia e voltava, mas quase não falava. Ele trouxe sua comida, parecendo entender que ela não queria voltar ao refeitório. Finalmente, depois que ela concordou com mais vestidos do que ela já tinha em sua vida, os alfaiates a deixaram sozinha.

Naquela noite, voltou a dormir sozinha na cama de Caderyn. Ela cheirava como ele, o que tornou realmente difícil dormir. Ela se sentiu

terrivelmente excitada e incapaz de fazer algo a respeito. Ela olhou ao redor de seu quarto, realmente nervosa por espionar. Mas, a única coisa que ela realmente queria olhar, era o guarda-roupa alto. Estava trancado.

Bridget sabia que Caderyn ficava no sofá, mas nunca se queixou do inconveniente. Ela tomou banho todas as noites, adorando a sensação da água morna. Depilar-se era estranho, quando ela teve que usar uma lâmina reta, mas ela conseguiu com apenas alguns cortes.

A manhã de seu quarto dia no palácio, enquanto colocava a bandeja de frutas em uma pequena mesa para ela, Caderyn disse: —Os estudiosos pediram para conhecê-la, minha senhora.

Bridget se levantou, aproximando-se dele e da bandeja.

—Você sabe, você salvou minha vida. Você não tem que me chamar assim.

Ele a estudou, sua expressão sombreada. —Sim, eu tenho.

Bridget tocou seu braço. Ela olhou timidamente para onde seus dedos deitaram contra sua carne forte e bronzeada. Mordendo o lábio, ela disse: —Eu nunca te agradei por isso.

—Sim, você agradeceu quando eu a trouxe da curandeira depois do afogamento. Você não deve se lembrar. De nada. —Ele respondeu. O cheiro dele, o calor de sua proximidade, agitou algo dentro dela. Noites passadas tentando não ter fantasias sobre ele surgiram. —Mas, eu estava apenas cumprindo meu dever.

—Mas, você me alimentou, me deu sua cama. —Bridget deixou sua mão correr acima de seu braço nu. Ele era tão quente. Apenas estar perto dele fez com que a umidade se juntasse entre suas coxas, fazendo com que ela ficasse tão molhada, que não podia ver em linha reta. Havia algo sobre esse homem caçador e guerreiro, que sempre a fazia querer saltar sobre ele, abraçar sua cintura com as pernas e oferecer-se a ele. Quando ele não se afastou, ela olhou nos olhos dele.

—Gostaria que houvesse algum jeito de te retribuir por tudo que fez.

—Minha senhora. —Começou ele.

Bridget cortou-o levantando-se na ponta dos pés e colocando os lábios levemente sobre os dele. Ela esperou para ver o que ele faria. Seus olhos arregalaram-se no que devia ser surpresa, mas ele não se afastou em repulsa. Ela descansou suas mãos em seus ombros, e fez de novo, roçando seus lábios aos dele. Desta vez, ela não parou. Ela puxou seu rosto para o dela, aumentando a pressão. Separando seus lábios, ela gemeu suavemente, correndo sua língua ao longo da abertura de seus lábios. Ele tinha gosto de vinho e frutas.

Mãos lhe roçaram a cintura levemente, mas não a puxaram para perto. Elas caíram. Ele deixou que ela o beijasse, permitindo que sua boca trabalhasse contra a dele. Então, agarrando suas mãos, ele a afastou.

—Você não tem que fazer isso. Eu não quero. —Ele disse, deixando-a ir e afastando-se.

Bridget não queria abrir os olhos. Ele a estava rejeitando. Respirando fundo, ela acenou com a cabeça. Ela estava tão excitada, tão necessitada, e ele não estava nem um pouco afetado. Só depois que ela se afastou dele abriu os olhos.

—Você devia comer. —Caderyn parecia com pena dela, o que só a fazia sentir-se pior. Grande, agora era rejeitada e compadecida.

—Bem. Se você ainda quiser, eu vou encontrar seus estudiosos. — Bridget deu uma mordida, fazendo o seu melhor para agir indiferente. As fatias eram azedas, com apenas um toque de doce, como uma laranja e limão. No entanto, em sua pressa para não parecer afetada, ela enfiou na boca a comida, engasgando ligeiramente. Ela engoliu em seco, tossindo violentamente. Caderyn deu-lhe um tapinha nas costas. O toque era puramente funcional. Isso acabou com seu ego mais do que suas palavras jamais poderiam. Ela não disse nada.

Depois que ela comeu, ela o seguiu.

—Aidan estará lá?

Caderyn finalmente sorriu. Ele riu como se fosse uma piada particular.

—Sim. Ele é um deles. Ele está muito ansioso para sondar sua mente.

Bridget riu nervosamente de sua escolha de palavras. "Sondar" soou suspeitamente como algo de ficção científica. Embora, olhando ao redor para o povo Merr e mundos subaquáticos...

—Caderyn? —Ela perguntou, mordendo seu lábio.

—Sim?

—Temos que ir neste exato momento? Podemos apenas andar pelo palácio? Ou talvez a cidade? —Bridget realmente esperava que ela pudesse sair e encontrar o céu acima de sua cabeça.

—Se você quiser. —Ele respondeu facilmente. Ele relaxou alguns minutos depois de seu pedido. Ela notara que ninguém parecia estar com pressa nesse lugar.

O palácio era praticamente o mesmo onde quer que fossem. Os longos corredores conduziam à ala dos caçadores onde vivia Caderyn, ao refeitório, às cozinhas, aos aposentos do rei onde Caderyn se recusava a levá-la. Na verdade, ele passou por eles um pouco rápido demais.

Enquanto caminhavam, passavam por várias pessoas que ela não conhecera, cada uma procurando encontrar o 'humano'. Na maior parte, os Merr eram bons. Eles estavam muito interessados nela, e a tratavam com mais respeito do que ela esperava. Bridget sorria tão educadamente quanto podia, e dava a menor resposta possível.

Caderyn era um cavalheiro o tempo todo. Nem uma vez ele a tocou nem a olhou por muito tempo. Ela se desapontou. Era como se ele não estivesse atraído por ela. Bem, a julgar por sua reação a seu beijo, ele não estava. Sentia-se como uma idiota. Se ele realmente era um Tritão, ele provavelmente não era atraído. Era muito ruim. Ela o achou incrivelmente sexy. Quanto mais ela estava em sua presença, mais atraída ela se tornava - pelo menos em um nível muito primitivo. Ela passara mais tempo fantasiando

sobre sexo com Caderyn, do que pensava em lógica e ciência. Essa foi a primeira vez para ela.

—Isto é real? Quero dizer, você não parece... —Bridget hesitou quando ele virou seus olhos lilases para ela. Ela realmente gostava de seus olhos - violeta escuro. Eles eram lindos. —Você parece humano. Quero dizer, você é? Isso é algum tipo de brincadeira? Ou uma instalação militar de lavagem cerebral de algum tipo para me confundir?

—Você ainda não acredita em nós?

—Como eu posso? Estamos falando a mesma língua. Se o que você afirma for verdade, você estaria falando algum tipo de dialeto antigo. Ninguém aqui parece ter um sotaque...

—Não é a mesma coisa. Você ouve a sua língua, eu ouço a minha. — Disse ele. —Pelo menos, é o melhor que podemos fazer disso. Ou talvez seja que, automaticamente, todos falamos a mesma língua aqui. É difícil dizer com certeza. Às vezes você apenas tem que aceitar que é o que é.

Bridget assentiu com a cabeça.

—E se eu te mostrar? —Caderyn aproximou-se dela.

Bridget voltou a assentir. Ela olhou por seu corpo firme até as pernas. Com ele de pé, tão perto, que ela podia sentir o calor dele, cheirar a fragrância limpa de seu sabão. Ele tinha provocado seus sentidos desde aquele primeiro dia.

—Sim.

—Como quiser minha senhora.

Ela o seguiu pelo corredor até um quarto. Dois guardas estavam diante de uma grande porta circular. Um estava sentado numa cadeira, brincando com a bainha de seu manto escuro. O outro se encostou à parede. Os dois olharam surpresos com a intrusão.

—Brennus. —Disse Caderyn.

—Sim, meu senhor. —Disse o homem que estava sentado. Ele imediatamente se levantou.

—Vou mostrar à lady Bridget as cavernas. —Caderyn fez sinal para ela.

Os dois guardas se entreolharam. Não tão rápido como antes, Brennus assentiu. —Sim.

Os homens empurraram a porta redonda de lado, esticando sob seu peso. A caverna estava escura, mas quando deixaram a porta aberta, a luz refletia-se nas paredes da caverna. Gemas coloridas viraram tochas, refletindo a luz pela passagem.

—É adorável. —Ela ofegou de prazer, intrigada pela passagem da caverna. Minúsculas luzes dançavam sobre sua mão enquanto a levantava.

—Cuidado onde pisa. —Disse Caderyn, estendendo o braço para guiá-la. O caminho era feito de rocha irregular. Eles seguiram-no para baixo por vários passos. Bridget parou para estudar as paredes várias vezes. Ele gentilmente puxou seu braço, fazendo-a seguir.

—Essas cavernas são o coração de nossa cidade.

—Que cheiro é esse? É familiar. —Disse Bridget, respirando fundo. O ar era doce, uma espécie entre madressilva e rosa, mas ainda mais tangente.

—Flores do mar. As mulheres colocaram em seus sabonetes. — Caderyn afastou-se dela, descendo uma ligeira inclinação.

—Aqui é onde nós a trouxemos da água.

Bridget afastou-se. Diante deles havia um estreito poço de água. Ela não conseguia ver o fundo, mas a luz das pedras preciosas refletia-se como estrelas multicoloridas. A superfície vítrea ainda estava lá.

—Eu me lembro do frio. —Ela sussurrou, aproximando-se dele.

—Você veio a mim.

—Sim. —Ele respondeu, sem recuar.

—E você... —Ela tocou seus lábios, tentando desesperadamente se lembrar.

—Eu respirei por você. —Caderyn olhou para sua boca. Por um segundo, ela tinha certeza de que ele iria beijá-la. Ele não o fez.

—Como? —O coração de Bridget batia rápido. Por que ela estava se torturando por causa disso? Ela era a aberração mutante aqui. Ele não podia querê-la. Era possível que um humano e um Merr não pudessem nem mesmo "funcionar" juntos no quarto.

—Assim. —Ele inclinou-se para frente. As mãos dele foram para trás de suas costas, como para manter-se de tocá-la. Bridget ficou rígida, observando-o quando abriu a boca e inclinou a cabeça para o lado. Sua boca roçou a dela, envolvendo seus lábios. Ela fechou os olhos. O calor dele espalhou-se por seu corpo. O desejo se agitou fortemente em seus membros, e ela tentou mantê-lo à distância. Ela não o tocou, e ele não a segurou, exceto por seus lábios. Separando ligeiramente os lábios, respirou-o. O ar de seus pulmões a encheu. Foi incrivelmente íntimo.

Justo quando ela estava prestes a mover sua boca ao longo dele em um convite sensual, ele se afastou. Calmamente, ele perguntou: —Você entende que eu não vou te machucar?

—Sim.

Ele parecia preocupado. —Você ainda quer ver?

—Sim, mostre-me. Eu preciso saber que é verdade antes que eu possa até mesmo começar a aceitar o que está acontecendo aqui.

—Não poderei falar com você. Usamos telepatia quando estamos na água. Caderyn estendeu a mão para o ombro e soltou a alça. Sua roupa deslizou para o chão e ele deu um passo para trás. Bridget não pôde evitar. Ela tinha que olhar. Estava completamente nu e completamente humano na aparência. Suas pernas fortes levavam a quadris muito finos e uma cintura magra. Aninhado entre suas coxas estava um pênis muito humano, muito grande, e estava extremamente ereto.

Bridget engoliu nervosamente. Caderyn olhou para baixo e riu, envergonhado pela sua grande excitação. Virando-se, ele lhe deu uma visão muito agradável de sua bunda esticada. Ele tinha covinhas acima das nádegas quando ele virou-se.

Ok, o que posso dizer!

Como se ela não estivesse excitada o suficiente para começar! Agora ela tinha essa imagem flutuando em seu cérebro. Seu corpo inteiro surgiu com a excitação quente líquida, agrupando entre suas coxas e umedecendo seu sexo. Bridget fechou as mãos em punhos, obrigando-os a ficar ao lado dela.

Levantando os braços sobre a cabeça, ele mergulhou na água negra. Bridget ofegou quando ele desapareceu da superfície, quase com medo do que poderia estar lá embaixo. Ela não podia ver nada. Passaram-se vários segundos, transformando-se em minutos mais longos. Ela não aguentou, e inclinou-se sobre a água, preocupada. Ela deveria mergulhar atrás dele? Nenhum homem poderia permanecer sob a água tanto tempo.

—Caderyn? —Ela perguntou suavemente, antes de levantar a voz para gritar. —Caderyn? Você pode me ouvir? Para onde você foi?

Caderyn deixou seu corpo mudar completamente enquanto observava Bridget de baixo. Ele gostou de levá-la ao castelo, passar tempo com ela, mesmo que ela parecesse nervosa em torno dele. Mas, realmente, como ele poderia culpá-la por seus medos? Eles eram apenas humanos.

Quando ela o beijou em sua casa mais cedo, tinha sabor doce nos lábios, tão doce que ele quase devolveu seu beijo. Mas ela mesma dissera. Ela estava apenas beijando-o para pagá-lo por salvar sua vida. Ele não queria que ela o beijasse porque se sentia obrigada, porque sentia que lhe devia algum tipo de dívida de vida. Sem dúvida, era assim que ela olhava para ele. Ou pior,

ela estaria com ele porque tinha medo de seu destino. Ele não queria ser sua única opção. Naturalmente, não seria esse o caso, mas seria o seu raciocínio.

Caderyn sabia que seu desejo constante por ela tinha de ser aparente. Ele não conseguia parar de olhar para seu corpo toda vez que ela estava perto, e sua excitação estava sempre dura e cheia. Não parecia certo aliviar-se quando ela estava no quarto ao lado, dormindo. Bem, a tentação o tinha feito ceder uma vez, mas ele tinha ido ao chuveiro para cuidar da aflição.

Sua transformação em forma Merr era principalmente da cintura para baixo. A água gelada arrefeceu sua ereção antes que a tomasse completamente. Era apenas um pequeno alívio físico, pois seu sangue ainda se agitava com uma paixão inédita. Houve um momento de desconforto enquanto ele respirava o primeiro gole de água através de suas brânquias, mas ele tinha feito isso tantas vezes no passado, que ele não deu mais do que um aviso de passagem.

Bridget parecia preocupada enquanto olhava para ele. Ele assistiu curioso quando ela levantou seu vestido e mergulhou seu dedo do pé na água. Ela o empurrou de volta. Inclinando-se sobre o lado, ela se esticou nas profundezas, segurando sua longa manga para fora do caminho. Sua mão chegou perto de seu rosto, mexendo a água enquanto ela procurava, e ele sabia que ela não podia vê-lo.

Franzindo o cenho, ela mordeu o lábio. Ele percebeu que ela fazia isso quando estava desconfortável ou concentrada. Sua boca moveu-se. Ela estava chamando seu nome. Ele a ouviu distorcida pela água. Aproximando-se na água, seus dedos voltaram a se aproximar antes de se afastarem.

Caderyn pegou um fio de algas e o empurrou ao lado dela. Seu ombro bateu em sua mão antes que ela caísse de volta em surpresa. Sua boca se abriu como se ela fosse gritar com ele, mas em vez disso, só um grito saiu.

Bridget olhou fixamente para Caderyn. As barbatanas brotaram de seus antebraços quando lhe ofereceu um pedaço de algas marinhas. Ela comeu devagar. Suas barbatanas eram roxas, um tom mais claro do que seus olhos, como o branco e prata de uma concha do mar. A pele de seu antebraço cresceu em torno dele. Não havia como ela poder ter sido colocada. As brânquias agitaram-se antes de ficarem planas em seu pescoço. Seu cabelo estava alisado para trás de seu rosto forte.

A cientista dentro dela estava completamente intrigada. A mulher dentro dela estava assustada. Vendo o giro da sua cauda ondulando a superfície, a cientista nela ganhou. Ela rastejou para mais perto dele, deixando as algas no chão da caverna. Escamas roxas prateadas espanavam em torno de seus olhos, tão leve que eram quase imperceptíveis. Seus dedos tremiam quando ela estendeu a mão para tocá-lo. Ele não se moveu.

Sua pele estava fria da água. Ela deixou seu dedo tocar sobre as escamas, antes de sua mão deslizar sobre sua bochecha e pescoço, roçar sobre uma brânquia. Seu olhar pousou sobre o dela, mas ela evitou os olhos dele quando ela olhou para a cintura, curiosa sobre o que aconteceu com "aquela" parte dele quando ele mudou. Foi coberto em escamas também? Com a garganta seca, sussurrou:

—Posso ver o resto?

Ele mergulhou antes de subir em uma borda rochosa sob a superfície da água. Bridget puxou os dedos para trás. Suas pernas tinham desaparecido, assim como todos os vestígios de sua ereção. Em seu lugar havia uma longa cauda roxa prateada. A longa barbatana caudal na parte inferior se desenrolava tão fina quanto à seda molhada.

Ela estendeu a mão para a sua calda, assombrada, começando pelos quadris dele, curiosamente correndo pelo longo comprimento sobre sua excitação desaparecida, para onde haviam sido suas coxas. Os músculos se moviam sob sua mão, se contorcendo tão sutilmente. Não era uma fantasia. Era realmente ele. Caderyn era um Tritão. Ela estava em uma ilha subaquática cheia do povo Merr.

Bridget fez um ruído fraco, afastando a mão dela. Era verdade. Ele era um Tritão. Ela estava atraída por um Tritão. Não admira que ele não a tivesse beijado de volta. Sentia-se como se tivesse sido chutada. Uma parte dela segurava a esperança de que ela e Caderyn poderiam estar juntos - pelo menos sexualmente.

Eu sou a aberração mutante aqui. Por que algum deles poderiam me querer?

Ela se perguntou por que não a incomodava demais saber como ele movia-se. Talvez fosse porque as sementes de desejo por ele haviam sido plantadas desde o primeiro momento. Ou, talvez, era porque ela estava apaixonada pelo oceano desde que era uma menina. Era obrigada a ser mais receptiva.

Caderyn desviou o olhar, limpando a água de sua cauda. Sua pele começou a se transformar, tornando-a ainda mais real quando ele lentamente voltou para sua forma humana. Bridget fechou os olhos, lutando contra as lágrimas. Ver era acreditar, e ela tinha todas as provas de que ela precisava.

—Lady Bridget. —Proclamou o rei Lúcius, descendo para as cavernas. Ele olhou para Caderyn, um olhar interrogativo em seu rosto quando viu o homem nu. A túnica mais longa do rei era cortada com fios de ouro. Ela notou uma leve tensão entre os dois homens. —Eu estava sob a impressão de que você estaria com estudiosos o dia todo.

—Caderyn foi gentil o suficiente para me mostrar o palácio. —Bridget rapidamente levantou-se, esperando que ela não deixasse que Caderyn tivesse problemas com seu pedido. —Ele tem sido um anfitrião muito gracioso, e eu estava prestes a convencê-lo a me levar para a cidade.

—Maravilhoso! Eu vou me juntar a você. —Lucius disse, galantemente tomando seu braço.

Caderyn colocou suas roupas em volta de seu corpo e as prendeu no ombro. Sua formosa forma estava de volta ao normal. Bem, seu normal de qualquer maneira. Ele a olhou, os olhos se estreitaram, mas não disse nada enquanto empurrava seus longos cabelos molhados de seu rosto, cobrindo as

brânquias. Andando atrás dela enquanto o Rei a conduzia de volta ao palácio, ele não disse uma palavra. Os guardas fecharam a porta atrás deles. Ela olhou para trás, feliz por ver que Caderyn não iria deixá-la sozinha com o rei Merr.

Lucius a escoltou pela porta da frente até o pátio interior do palácio. Grandes arcos passavam por cima enquanto caminhavam para fora. Instantaneamente, ela olhou para cima. O céu era azul escuro, muito escuro durante o dia, mas ainda era claro.

—Atlas é considerado sagrado pelo nosso povo. Estas paredes envolvem todo o caminho ao redor da cidade. —Lucius explicou, apontando para as paredes saindo do portão principal, e para baixo sobre o vale.

Linhas amarelas brilhantes percorriam as paredes azuis. O azul quase parecia brilhar na luz. As imagens das criaturas do mar foram descritas ao longo das paredes, levantando-se fora da superfície lisa. Ela reconheceu alguns como o peixe abismo, mas outros eram tão fantasiosos que ela se perguntou se eles eram mitos. No vale estava a cidade de Atlas. As estradas eram distribuídas uniformemente em uma grade quadrada, muito limpa e ordenada.

—A maioria dos Merr prefere viver fora dessas paredes no campo. —Lucius continuou.

—As paredes são para proteção? —Perguntou Bridget, distraída. Era realmente difícil se concentrar quando ela estava imaginando Caderyn nu. Fantasias impiedosas mantiveram-se estalando em sua cabeça, ideias que envolviam seu corpo molhado e nu no chão da caverna, cercado pelas luzes multicores refletindo das paredes de pedra preciosa. Ela olhou para o lado, tentando ver se seu pau ainda estava ereto. No entanto, uma pergunta definitivamente tinha sido respondida por ela. Os Merr não usavam roupas íntimas sob suas túnicas.

—Não. —Lucius riu, chamando sua atenção de volta para ele.

—É exatamente do jeito que sempre foi. —Lucius conversou, mantendo-a ocupada enquanto a conduzia pelos portões da frente e por um caminho de terra. A cidade era exatamente o que ela poderia esperar de uma

cidade antiga. Não havia calçadas ou postes de concreto, e as casas eram próximas formando blocos de cidade inteiros, sem becos ou entradas. As estradas eram pavimentadas com pedras grandes. As casas não tinham janelas reais, exceto pelas fendas estreitas ao longo da parede.

Não muito longe do palácio do mercado, havia uma grande estátua erguida na praça de pedra. Adequadamente, era de uma sereia, sua longa cauda esticada atrás de seu corpo nu. O detalhe no artesanato era incrível. Bridget não pôde evitar, olhou automaticamente para Lucius e Caderyn. Caderyn franziu o cenho. O rei sorriu, piscando audaciosamente.

Lojas foram construídas em um padrão circular em torno do mercado. Alguns vendiam roupas feitas, outros vendiam produtos assados, peixes e outras carnes. Bridget não podia ter certeza, mas ela supôs que fossem do oceano.

Um homem na esquina soprava lindos jarros de vidro, enquanto sua esposa tecia um tapete intrincado em um tear. Bridget sabia que eles estavam casados, porque Lucius insistiu em parar em todas as lojas e apresentá-la. Realmente desejava que não o fizesse, pois não gostava de toda a atenção. Mas, o que ela poderia dizer? Ele era o rei.

Estranhamente, não havia crianças entre a população e todos os adultos pareciam ser espécimes saudáveis entre as idades de vinte e cinco e quarenta anos. Como cientista, ela achou uma anomalia muito curiosa. Incapaz de parar, perguntou a Lucius: —Onde estão as crianças? Eles vão para a escola? Ou eles aprendem com seus pais?

O sorriso do rei desapareceu pela primeira vez naquele dia.

Bridget olhou para Caderyn. Ele levantou a mão para o lado em um gesto fraco antes de dizer: —Você gostou do vaso de vidro azul? Venha, vou dar um presente para você.

Bridget estudou os homens e depois assentiu. Pensando melhor, ela respondeu: —Sim. Obrigada. —Caderyn a escoltou de volta ao soprador de vidro.

—Nester, o azul. O quero entregue à minha casa.

—Sim, meu senhor. —Respondeu Nester, sorrindo para Bridget.

—Gostaria de mais alguma coisa? —Perguntou Caderyn suavemente.

—Não. —Então, discretamente, só ele podia ouvir, ela disse: —Você não precisa pegar isso para mim. Já estou muito em dívida com você.

—Você pegou a roupa de Lucius sem protestar.

Bridget olhou para o rei. Observou-os à distância. —Eu não queria ser rude.

—E você não tem nenhum problema em ser rude comigo? —A voz de Caderyn era tão macia quanto à dela. Ela percebeu que ela tinha se aproximado dele sem querer.

—Não. —Bridget deu um passo atrás. —Quero dizer sim. Quero dizer, não, eu não quero ser rude com você. —Caderyn voltou-se para Nester, que esperava pacientemente.

—O azul.

—Sim, meu senhor. —Nester entregou o vaso azul à esposa.

Bridget forçou um sorriso, perguntando-se o quanto o homem tinha ouvido.

—Caderyn, posso lhe perguntar uma coisa? —Disse Bridget quando o homem estava longe.

—Você acabou de fazer. —Uma leve contração no lado de sua boca disse que ele estava brincando.

Bridget lhe lançou um olhar irônico. —Você diz que estamos debaixo de água, mas olhe para o céu.

—Cúpula. Além disso, este é o Abismo.

—Oh. —O homem voltou, parando qualquer outra discussão sobre o assunto. Ela olhou para cima, incomodada pelo fato de que não parecia estar debaixo d'água. No entanto, ela tinha visto Caderyn mudar, e podia ver o estranho palácio e cidade com seus próprios olhos.

Quando completaram a turnê do mercado, Bridget não falou muito. Até o rei Lucius estava quieto. Quando voltaram para o palácio, era hora da refeição da noite. Ela foi levada novamente para o corredor. Ela se sentiu estranha na túnica branca, mas pelo menos seu cabelo estava puxado para trás desta vez, e não tão crespo. A refeição foi como sua primeira vez no hall. A única diferença era que o peixe foi assado e temperado com ervas. Bridget envolveu um taco de peixe com o pão plano em vez de rasgá-lo como os outros, acrescentando legumes à criação. Caderyn e Lucius a observavam com curiosidade, antes de tentar fazer igual. Ambos concordaram em aprovação.

Bridget estava quieta durante a refeição. Desejava poder ficar sozinha com Caderyn. Havia tantas perguntas que ela queria fazer a ele. Depois da refeição, ela ficou surpresa quando o rei Lucius a escoltou de volta para casa de Caderyn. Caderyn não veio com eles.

—Espero que esteja confortável aqui. —Disse Lucius. Como sempre sua voz era agradável, seu tom educado. O rei era um homem legal.

—Sim, Caderyn tem sido muito amável. —Bridget sorriu.

—Espero que a sua não seja a única bondade que você notou.

Bridget congelou. O rei estava flertando com ela? Ela estudou seu rosto. Ele estava sorrindo para ela, mas ele estava sorrindo a maior parte do dia. Havia algo mais do que a curiosidade geral sobre sua cultura? Ela pensou em suas perguntas. Ele tinha perguntado muito sobre como era na terra, mas ele também perguntou sobre sua vida. Ela estava casada? Ela deixou alguém para trás? Qual era a natureza do seu trabalho?

—Todo mundo tem sido maravilhoso. —Disse Bridget diplomaticamente. —Ainda estou tentando me acostumar com a ideia desse lugar. Tem sido muito para processar.

O sorriso de Lucius se alargou. Ele se inclinou para frente, hesitou e então pressionou um leve beijo em seus lábios. Bridget não se moveu. Seus lábios estavam quentes, mas ela estava muito chocada para notar muito mais do que isso. O rei estava flertando com ela. Saber disso a surpreendeu.

—Boa noite, minha senhora. —Lucius curvou-se ligeiramente para ela, antes de caminhar de volta para o salão de banquetes.

Bridget apenas balançou a cabeça. O rei a tinha beijado. Um rei! Um rei Tritão! Se algum dia esse sonho acabaria, agora seria a hora. Se o rei era atraído por ela, então isso significava que um Tritão e uma mulher humana podiam...

Ele não se sente atraído por mim. Disse Bridget, pensando em Caderyn. A realização a punziu. Se fosse apenas muito diferentes, ela poderia entender isso. Mas não ser atraído por ela depois que ela praticamente se atirou nele...

Não era que ele não pudesse. Era que ele não queria. Ele não me quer.

Bridget olhou para a porta da casa de Caderyn. Ela não queria ir lá agora. Queria ficar sozinha. Dirigindo-se na direção oposta ao rei, ela correu pelo corredor.

Por que importava se ele a queria? Não era como se ela realmente fosse ficar aqui. Será que ela ficaria? Ele era parte peixe. Ela não era? Ou ela estava pensando nisso da maneira errada? Era mais como se ela fosse americana e ele fosse Merr? Eles tinham diferentes origens, mas eles eram inicialmente os mesmos. Nunca em sua vida quis tanto um laboratório.

—Se eu pudesse testar seu cabelo, ou talvez uma amostra de sangue. —Disse para si mesma, coçando a parte de trás da cabeça, agarrando-se aos frios e duros fatos da ciência para evitar olhar para a emoção. —Talvez se eu pudesse fazer um sequenciamento de DNA... —Bridget continuou murmurando para si mesma, sem realmente observar onde ela estava indo. —Eu poderia comparar as duas espécies e determinar o nível de compatibilidade para...

—Minha senhora?

Bridget olhou para cima, perdida em pensamentos. Demorou um momento para se concentrar no homem à sua frente.

—É Aidan. —Disse Aidan, sorrindo.

—Sim, claro, Aidan. Como você está?

—Tudo bem, mas eu provavelmente deveria estar fazendo essa pergunta. —Aidan disse. —Você parece pálida.

—É... ah... foi... bem... hum...

—Esquisito? —Aidan perguntou. —Peculiar? Estranho? Fantástico? Um pesadelo?

—Você poderia dizer assim. —Disse Bridget com uma pequena gargalhada. —Eu não acho que a ficha caiu ainda. Quero dizer, quando penso nisso, sei o que todo mundo está dizendo. Eu sei que você me diz que não há saída, mas como cientista, não posso aceitar. Nós entramos. Nós temos que ter uma saída.

—Caderyn sabe que você está saindo pelos salões sozinha? —Aidan olhou atrás dela.

—O que você quer dizer? —Bridget franziu o cenho.

—Ele é o seu guardião. —Disse o homem, como se fosse do conhecimento comum. —Eu só pensei que ele estaria preocupado com você andando por conta própria, até que você esteja mais acostumada com o lugar.

Bridget arqueou uma sobrancelha. —Desculpe, eu estive aqui por tanto tempo que eu esqueci que você pode não saber tudo o que nós tomamos por certo.

Aidan fez sinal para ela segui-lo. —Aqui, o fato de que ele é considerado seu guardião, significa que você está aos seus cuidados, até que você decida se casar. Não se preocupe, você se acostuma com algumas das maneiras antiquadas de pensar. Ele te puxou para fora da água, então você

está sob sua guarda. Tipo, como essa velha crença, se você salvar a vida de alguém, essa vida se torna sua responsabilidade. E a pessoa salva está em dívida com aquele que o salvou.

—Casar? —Bridget guinchou, quase sufocando em sua própria língua. —Eu não tenho planos de me casar. Eu realmente nunca quis me casar. Há coisas muito mais importantes na minha vida. Eu tenho uma carreira para pensar.

Aidan lançou-lhe um olhar de dor. —Não mais.

De tudo o que ela suportou, essa frase foi a pior. Nenhuma carreira? Sua carreira era sua vida. A ciência era sua vida. Era tudo o que ela podia se lembrar de querer ser quando crescesse. Ela queria estar no oceano, estudá-lo, explorá-lo.

—Então você está dizendo isso... —Bridget piscou, uma lágrima escorregando sobre sua bochecha. —Você está dizendo que eu estou presa no fundo do oceano com um bando de peixes, e eu não posso ser uma cientista? Este é o Fundo do Mar. O abismo! Você sabe quantas espécies indocumentadas estão lá fora esperando para serem descobertas?

—Indocumentadas para quê? —Perguntou Aidan. Ele deu ao seu braço uma leve atração quando ela parou de se mover. —Nós já sabemos o que está lá fora. Os Merr são conhecidos há séculos.

—Então, eu não posso...? Eles não vão me deixar...? —Bridget sentiu-se desmaiar. Ela ergueu as mãos impotentes para o lado.

—Casada? Com quem? Para fazer o que? Ser uma esposa? Uma esposa antiquada, que cozinha, limpa e faz outras coisas maravilhosas? Por toda a eternidade? —Bridget respirou fundo, ofegando descontroladamente quando ela começou a hiperventilar. Aidan arregalou os olhos. —Estou no inferno. Eu morri e este é o inferno.

—Você pode escolher seu próprio marido. —Ele disse, como se isso ajudasse.

Bridget bufou. —Então eu escolho nenhum.

—Então você está sob a guarda de Caderyn.

—O que isso significa exatamente? Sob sua tutela?

—Significa que ele cuidará de você. Ele aprova aqueles que procuram a sua mão e lhes permite cortejar você. —Aidan parou em uma porta estreita.

Bridget ficou tensa. Isso só ficava cada vez pior. —Mas, eu não quero ser cortejada. Não tenho uma palavra a dizer a quem me corteja?

Aidan levou-a para um quarto longo e retangular. Dentro havia uma estranha coleção de artefatos humanos, dispostos em longas mesas. Os objetos pareciam dispostos de acordo com a época. Havia âncoras, ganchos, várias moedas datando da antiguidade.

—Onde estamos? —Bridget perguntou fracamente. —O que é este lugar?

—A maior parte do que está aqui foi resgatada de naufrágios. —Disse Aidan. Bridget ofegou. —Não, não, eu posso ver o que você está pensando, e você não deve. Eles não são responsáveis por afundar os navios. Embora, essa é a conclusão que eu pensei em primeiro lugar. Eles meramente coletam dos destroços do fundo do oceano, depois de ter havido um naufrágio.

Bridget aproximou-se da mesa, incapaz de segurar sua curiosidade. Ela estudou as moedas primeiro.

—Pelo que eu poderia deduzir, a moeda com a palmeira é de Cartago. Essa é da Espanha. —Aidan continuou a apontar para elas. —Viking. Fenício Árabe.

—Isso é meu. —Disse Bridget com admiração, alcançando o disco redondo com as estranhas esculturas. A cadeia ainda estava em volta, mas estava quebrada. Aidan deixou que ela o pegasse.

—Althea me trouxe isso. —Disse Aidan. —Ela disse que você o tinha enrolado em seu pescoço. Eu não posso dizer de quando ele data, no entanto.

—Não. É apenas algo que eu encontrei ao longo da praia. —Bridget fechou os dedos ao redor dele, querendo mantê-lo. Lentamente, ela colocou

de volta sobre a mesa. Havia pedaços de seda amarelada, vasos lascados, um busto grego, ferramentas de navegação enferrujadas, talheres de estanho, pedaços de cristal e seções de armadura.

—Eles pareciam ter feito muitas escavações durante a Idade Média. Penso que, antes de nós, muitos dos seres humanos trazidos aqui, eram daquele tempo. Dizem que algumas das mulheres Merr costumavam atrair os marinheiros para a água e levá-los para baixo, embora eu não saiba se os contos são fáticos, já que ninguém fala disso. —Aidan encolheu os ombros. —Explicaria como eles conseguiram tantos artefatos pessoais, como as moedas e algumas joias. Também explica alguns de seus padrões de fala, como os "meus senhores" e "minhas senhoras".

—Sim. —Bridget acrescentou suavemente.

—Sim. —Aidan assentiu, concordando com ela.

Aidan caminhou até uma mesa com relíquias quebradas. Ele continuou falando sobre os artefatos, mas ela não estava mais o ouvindo. Ele tocou levemente um livro encadernado de couro, um entre muitos. Alguns eram troncos de navio, entortados pela água. Havia alguns romances. Um, em particular, parecia ser um livro de romance de bolso rasgado da década de 1970.

—Sim. —Aidan deu uma risada desconfortável. —Os catadores trouxeram uma caixa cheia desses romances. Eles estão sendo traduzidos e analisados.

—Você está analisando uma caixa cheia de romances inútil? —Bridget perguntou, com uma pequena risada.

—Eu não sei o quanto você vai aprender com eles.

—Alguns deles são baseados historicamente. Na verdade, eles preveem o futuro, ou eles são apenas fantasiosos?

—Não, não prevemos o futuro.

—Ah, que vergonha. Bem, talvez não digamos isso às mulheres. Elas gostam da ideia de homens que se transformam em dragão. Supunha-se que desde a mudança Merr havia outros que fizeram tão bem. Os outros mudam?

—Não que eu saiba. —Disse Bridget.

—Ah. —Aidan voltou a sua visita aos artefatos. Havia uma pintura de uma menina, a superfície estava com bolhas e rasgada. —Há outras pinturas, mas elas são mantidas em um cofre. Eles não se vestiam tão bem quanto esta. —Aidan continuou falando.

Bridget olhava para tudo, sem realmente ver. Sua mão levantou, examinando uma coleção de facas velhas, sem sentir as lanças.

A realidade estava batendo-lhe forte hoje. Ela adivinhou que o entorpecimento sobre sua situação não poderia durar tanto tempo. Isso seria para sempre. Este mundo. Essas pessoas. Essa vida. Era para sempre. Até que ela pudesse provar o contrário, esses eram seus fatos. Ficou com raiva - zangada com Caderyn por salvá-la, zangada com o destino por deixá-la aqui embaixo, zangada com a sociedade Merr por existir.

A raiva era muito mais fácil de sentir, do que a rejeição e desejos não correspondidos. Bridget respirou fundo. Caderyn foi quem a trouxe aqui, então ele era o único com quem se irritar.

—É nossa esperança que você possa nos ajudar com o que descobrimos. —Admitiu Aidan. —Qualquer conhecimento que você tem seria apreciado.

—Aposto que sim. —Ela murmurou entre os dentes, sem pensar realmente enquanto respondia ao homem. —Aposto que sim.

Capítulo Cinco

—Bridget? Bridget?

Bridget ouviu a voz de Aidan através da névoa irritada se assentando sobre seu corpo. Ela não o ouviu, não prestou atenção. Como poderia? Aparentemente, Caderyn a vendeu no mercado!

Seu corpo tremia quando ela virou-se para a porta. Antes que ela soubesse, ela estava passando pelo palácio para o salão de banquetes. O riso soava e o som só alimentava sua indignação. Ela ergueu a mão, apenas ligeiramente surpresa ao ver uma faca agarrada em sua palma.

—Bridget, espere. —Disse Aidan atrás dela. Ela o sentiu tocar seu braço levemente e se afastou bruscamente.

—Seu filho da puta! —Gritou Bridget, satisfeita quando o corredor se acalmou instantaneamente. Ela estava cansada de andar na ponta dos pés em torno deles, preocupando-se com o que eles pensavam, observando cada palavra por medo de que ela fizesse uma besteira ou os insultaria.

Bridget invadiu a mesa principal, olhando para Caderyn. Ela se recusou a deixar seu coração vibrar ao vê-lo, embora o órgão traiçoeiro tentasse. Ele sentou-se ao lado do rei, bebendo vinho como se fosse apenas mais um dia, e tudo estivesse certo em seu pequeno mundo submarino perfeito. Lentamente, baixou a taça e observou-a. Era como olhar para ele pela primeira vez - seu rosto esculpido, seus traços bonitos. E se ele fosse atraente? Preferia passar o resto da vida masturbando-se e sozinha, do que dormir com ele agora. Caderyn não se moveu, e isso a irritou mais.

—Você não é bom, filho da puta. Como você ousa!

—Vejo que a euforia desapareceu. —Disse o rei Lucius, rindo um pouco. Ele levantou-se, dando um tapa no ombro de Caderyn. —Ela não mostrou condescendência, então ela é toda sua até que se acalme.

Bridget olhou para o rei. Ele olhou para a faca em sua mão e riu mais forte, incitando várias das pessoas próximas a fazerem o mesmo. O rosto de Caderyn estava branco quando ele se levantou lentamente.

—Boa sorte. —Disse o rei, recostando-se na cadeira. —Você vai precisar dela.

—Você vai precisar de mais do que sorte quando eu terminar com você. —Advertiu Bridget.

—Lady Bridget...

—Não é 'Lady Bridget', companheiro. —Bridget irritou-se. —Quem te deu o direito de tentar me fazer relacionar-me com alguém? Na verdade, quem te deu o direito de me salvar em primeiro lugar? Talvez eu não quisesse ser salva. Talvez eu estivesse bem até que você e seu pequeno barco esmagassem os meus amigos.

—Bridget. —Disse Caderyn, com a voz cheia de advertência.

—Não! —Gritou ela, erguendo as mãos, sem se importar se toda a sala a ouvisse. —Você não consegue falar comigo. Você tentou-me... —Bridget gaguejou enquanto tentava pensar na palavra certa. De alguma forma “você tentou me vender” parecia muito grosseiro. —Ela apontou a lâmina para ele. —... Arranjar pretendentes.

Ele colocou a mão sobre a mesa e saltou sobre ela em um movimento gracioso para ficar diante dela. Seu pulso acelerou. Ok, então isso foi um truque realmente impressionante. Ela sacudiu a cabeça, recusando-se a ser influenciada pelo seu talento físico. Empunhando a faca, embora ela realmente não soubesse o que ela faria com ela, ela tentou parecer severa e má. Não era como se ela pudesse esfaqueá-lo, e ele não parecia muito assustado que ela tentaria.

—Na verdade, você não é mais meu guardião. —Declarou. Um suspiro percorreu a multidão e depois murmúrios de surpresa.

Caderyn arqueou uma sobrancelha, um sorriso curvando um lado de sua boca. —Bridget? Você tem certeza? É o que você deseja?

—Claro, tenho certeza! —Bridget se irritou. Ele não precisava ficar tão feliz por isso. Ele foi quem a salvou. Ela não o colocou nessa posição para começar. Ele mesmo fizera isso.

—Eu não quero que você tente me empurrar para cada homem que anda por aí, apenas porque você não quer lidar comigo.

—Então, eu aceito. —Disse ele, sorrindo ainda mais. —Quando?

—De imediato. —Ela respondeu. O que ele queria dizer com quando? Por que seu decreto para libertar-se dele não teria efeito imediato?

Caderyn assentiu.

—Bom. —Ela bufou. Bridget franziu o cenho. Então, olhando para a faca, ela fez uma careta e entregou-a para ele. Ele a pegou, e seu dedo demorou enquanto roçava ao lado do dela. —Estou feliz por você mostrar alguma razão porque eu teria esfaqueado você se você não tivesse. —Ela começou a virar-se quando Caderyn deu um passo à frente e a puxou para seus braços.

Era a última coisa que ela esperava. Ele a beijou, não apenas um pequeno beijo polido na boca, mas um beijo. Um verdadeiro beijo. O tipo de beijo que ela sentiu fluir todo o caminho até seus dedos do pé. O tipo de prazer que altera a mente, que reivindica sua alma, que faz seus mamilos formigarem e seu sexo doer para ser preenchido. Seu corpo aqueceu, e ela não conseguiu suprimir o gemido que saiu da sua boca. O salão aplaudiu.

Caderyn se afastou, abraçando-a. Muito suavemente, ele disse. —Não havia necessidade de me ameaçar com uma faca. Eu teria dito sim se você tivesse me perguntado.

—O que...? —Começou Bridget, confusa. Ela tinha a sensação de que havia mais coisas do que ela sabia, mas era muito difícil concentrar-se no desejo correndo um curso louco através de suas veias.

Antes que ela pudesse concentrar-se sobre o gosto dele em sua boca e terminar um pensamento completo e coerente, Caderyn virou-a para enfrentar a multidão. —Meu rei, povo de Atlas, posso apresentar minha esposa, lady Bridget do Caçador.

O salão aplaudiu. Bridget olhou fixamente para Caderyn. Sua o quê? Sua o quê?!

Oh, Deus.

Oh, Deus.

Oh, Deus.

—Meu rei, posso ter sua bênção? —Caderyn perguntou, gritando sobre os aplausos.

O rei sorriu e acenou levemente a mão como se dissesse, "assim seja". Os lamentos aumentaram. Lucius olhou-a rapidamente antes de balançar a cabeça. —Saiba que, a partir de hoje, Caderyn, o Caçador, tomou uma esposa.

—Onde está aquela faca? —Perguntou Bridget sob a sua respiração, tentando agarrar a lâmina da mão de Caderyn. Deixou-a ir entregando-a sem protesto. Quando ele olhou para ela, ele estava sorrindo, um sorriso largo espalhado por seus traços. Ela contemplou esfaqueá-lo com a lâmina, mas sabia que ela nunca poderia prejudicar outra pessoa. Com um grunhido, ela se virou e invadiu o corredor. Ela tinha que se afastar dele. O bando inteiro de Merr era insano.

Aidan olhou para ela com a boca aberta. Ela passou por ele. Bridget conhecia seu temperamento, sabia que ela precisava ficar longe da situação antes de fazer qualquer coisa estúpida - bem, mais estúpida do que ela já tinha feito. Primeiro ela colocou a faca para trás antes de se machucar, então ela correu para longe do palácio e se escondeu.

Oh. Meu. Deus.

Casados.

Caderyn ficou atônito. Bridget o havia escolhido. Seu medo de que ela o rejeitasse não era fundado. Ela o escolheu. Ela o queria como seu marido, o escolheu acima do rei.

A aceitação tinha acabado de sair dele antes que ele pudesse pensar em detê-lo. Seus desejos haviam sido atormentados por ela desde aquele primeiro toque subaquático. Ele a queria tanto, só o medo o impedira de contar a ela como se sentia. Tinha sido tão difícil não aprofundar os beijos que ela lhe deu. Mas, até que ele dissesse as palavras, fizesse suas intenções conhecidas a ela, ele não poderia desonrá-la assim.

Quando Lucius quis o direito de apostar sua reivindicação, como um idiota, Caderyn disse sim e se afastou. Foi um inferno ver o rei pressionar. Ele quase morreu quando Lucius a levou do salão de banquetes. Com certeza ele voltaria com ela para que ela pudesse declarar sua decisão. Quem poderia deixar passar a oportunidade de ser rainha por toda a eternidade?

Mas ela tinha. Ela o escolheu.

Caderyn moveu-se para segui-la, querendo-a de volta em seus braços. Os alfaiates não tinham terminado suas roupas, e ela ainda usava as túnicas brancas simples emprestadas de Althea. Ele não se importava. Ela ficaria linda em qualquer coisa.

A excitação estava fervendo dentro dele, elevando seus desejos e mexendo em seu sangue. Se ela o permitisse, ele faria amor com ela à noite toda. E ele se certificaria de que ela fosse trazida ao prazer a cada vez.

Ela o escolheu.

Casada? Com Caderyn?

—Espere, Bridget. —Chamou Caderyn. —Desacelere. Espere.

Bridget caminhou mais rápido para se afastar dele. Os aplausos no salão de banquetes diminuíram gradualmente à medida que ela se afastava dele.

—Você sabe que poderia ter me avisado antes de fazer isso. —Disse ele.

—Eu não fiz nada. Eu não pedi para ser sua ou qualquer coisa. —Ela rosnou, segurando o punho da faca para trás em sua mão por segurança, de modo que a lâmina não estivesse balançando descontroladamente enquanto andava. Girando ao redor para enfrentá-lo, ela ficou surpresa quando a lâmina encontrou-se com sua carne, especialmente depois que ela tinha sido cuidadosa enquanto invadia os salões com ele. Caderyn arregalou os olhos. Um longo e atônito silêncio passou entre eles. Ela sentiu o sangue escorrendo sobre seus dedos. A raiva instantaneamente a soltou. Ambos olharam para baixo ao mesmo tempo. Sem fôlego, ela disse: —Oh, meu Deus. Eu não queria...

Bridget soltou a lâmina, incapaz de se segurar. Estava presa em seu lado. Ela se esfaqueou. Quase atrasada, a dor aguda disparou através dela e ela ofegou, tremendo terrivelmente.

—Bridget? —Caderyn parecia horrorizado. O vestido branco absorveu o vermelho de seu sangue. Ela viu suas mãos tremerem enquanto ele arrancava a lâmina dela. Quase instantaneamente, seus joelhos enfraqueceram e ela caiu. Ele a pegou em seu forte abraço, levantando-a. Ela tremeu, enfraquecida pela dor. O que ela tinha feito?

Mulher tola! O que você fez?

Caderyn puxou Bridget para perto de seu peito, correndo para sua casa. Seus olhos se fecharam quando ela desmaiou, caindo desmaiada contra seu peito.

—Caderyn? —Disse o Rei Lucius atrás dele. —O que aconteceu?

Caderyn continuava correndo. Ele sabia que o rei estava preocupado, mas ele não podia parar, não agora. Bridget era sua esposa. Ele cuidaria dela da única forma que sabia. Ela ainda era muito nova para Ataran, para se curar sozinha.

Caderyn abriu a porta e a fechou atrás dele. Sem parar, pôs Bridget na cama e abriu a túnica. O sangue escorria da ferida, manchando a cama. Ele não se importava. As camas podiam ser substituídas, mas levaria-lhe quase uma eternidade para encontrar Bridget.

Recuando, ele rapidamente tirou sua roupa. Ele tinha que lhe dar sua energia. Estava enfraquecendo muito rápido bem em suas mãos. Sua esposa precisava de todo o seu corpo e ele estava mais do que disposto a dar a ela, mesmo que o matasse.

Caderyn colocou seu corpo nu sobre o dela. Suas coxas escarranchavam em suas pernas. Ele colocou a mão sobre o lado ferido, pressionando-a firmemente. Ela choramingou, balançando a cabeça para frente e para trás. Concentrou-se em curá-la, dando-lhe forças. O calor deixou sua mão, espalhando-se sobre seu corpo. Sua carne tornou-se sensível ao toque, e ele sentiu cada lugar do seu corpo nu apertado contra o dele. Seus mamilos endureceram contra ele, assim como seu pau apertou e endureceu contra ela.

A energia fluía dele, para dentro dela, um fluxo contínuo de vida que se juntou a eles. Bridget balançou, e ele quase gemeu ao sentir seu estômago macio pressionando contra sua ereção. Seus lábios se separaram, e ele não pôde resistir. Ele teve que beijá-la. Nem uma vez ele pensou em parar. Ela era sua esposa. Ela escolheu estar com ele. Além disso, ela estava gemendo de prazer, e quem era ele para negar o que ela queria?

Seus lábios se tocaram, e ele enfiou a língua em sua boca. Ela tinha um gosto tão bom. Seus lábios eram muito mais suaves, muito mais doces do que a ninfa do prazer. Vagamente, ele pensou em como ele nunca mais precisaria da coisa novamente. Um arrepio de prazer tomou conta dele. Ele tinha uma esposa. Tinha Bridget.

Uma mão manteve-se de lado enquanto a outra sustentava seu peso. Ele tinha que provar mais, sentir mais. O desejo de acasalar-se com ela era forte. A aflição de seu corpo tinha sido negada muitas noites. Seus quadris se agitaram novamente, empurrando contra ele para imitar o ato sexual. Era difícil, mas ele resistiu a despedaçá-la e empurrar-se como fez com a ninfa.

Beijando uma trilha sobre seu pescoço, ele se abaixou sobre seu corpo. Um peito macio e redondo o chamou. A textura de seu mamilo contra sua boca era o céu. Ele brincou com ele, testou-o, sacudiu a língua de um lado para outro sobre o sólido botão.

Caderyn não conseguia desacelerar. Seu corpo chupou seu poder dele, e ele quis dar a ela. Sua mão deixou seu lado, e no lugar da ferida estava uma nova cicatriz.

O sangramento tinha parado. Ele limpou o sangue de sua mão sobre o lençol, enquanto beijava seu outro peito, dando ao mamilo o mesmo tratamento que o primeiro.

A boca de Caderyn tornou-se agressiva, mordendo levemente para ver o que aconteceria. Ela gemia a cada vez. Suas pernas agitavam-se entre suas coxas. Elas levantaram-se, pressionando em sua bunda, abrindo suas pernas, abrindo seu corpo da maneira mais erótica. A pequena tira de cachos que guardava sua fenda roçava ao longo de sua ereção, fazendo-lhe cócegas, até que seu membro quase pulsava com dolorosa necessidade.

Desesperado, ele alcançou entre seus corpos. Ele segurou sua ereção em busca de seu calor úmido, e ele quase gozou em toda a sua barriga. Caderyn grunhiu se segurando. Ele encontrou seu sexo pronto para ele, e deslizou seu dedo ao longo das dobras, roçando para cima e para baixo ao longo de sua fenda, até encontrar a pequena pérola escondida lá. Seu corpo tremeu cada vez até que ela estava circulando seus quadris para ele, forçando suas coxas mais abertas. Ele trabalhou sua mão contra ela várias vezes. Quando ele deslizou para baixo, seus quadris empurraram para cima, forçando um dedo a deslizar dentro da passagem apertada e úmida de seu sexo.

Tão quente.

Tão molhada.

Tão apertada.

Caderyn gemeu quando sua buceta agarrou seus dedos. Bridget cavalgou em sua mão, empurrando seu corpo para baixo, de modo que seu dedo se movesse para dentro e para fora em um ritmo lento. Seu polegar tocou seu clitóris enquanto trabalhava contra ele. Ele não podia resistir, quando ele deslizou um segundo dedo com o primeiro, sentindo a seda apertada de seu corpo se estendendo contra ele.

Caderyn assistiu, espantado com a ferocidade em que procurou seu prazer. Os joelhos de Bridget se dobraram, empurrando violentamente suas coxas. Seu corpo tremia, arqueando-se descontroladamente sob ele, enquanto aumentava a velocidade. Ela empurrou-se em seus dedos, forçando sua mão contra seu pau, que por sua vez empurrou seu pau contra seu estômago duro.

—Ah. —Ela ofegou suavemente. —Ah! Sim. Não pare. Não pare.

A buceta de Bridget apertou o dedo com força enquanto ela gozava. Seus dedos deslizaram até seu peito, esfregando suavemente o montículo. Ele a olhou fixamente, observando a visão erótica.

—Argh. —Gemeu, seu corpo tenso. Caderyn não conseguia se segurar, quando seu orgasmo empurrou sua mão para cima duramente contra seu pau. Ele gozou, pulverizando sua semente em todo o estômago.

Bridget sentia-se quente. A dor diminuiu, substituída por um prazer tão intenso que ela queria mais, precisava de mais. Quando um dedo esfregou ao longo de seu clitóris, atingindo o doce ponto que sempre a deixava selvagem, ela precisava senti-lo dentro dela. Imprudente, ela empurrou para cima. Ela sabia como trabalhar seus quadris apenas para fazer o dedo esfregá-la como se ela precisasse ser esfregada.

Quando ela gozou, a dor se afastou. Ela ouviu alguém grunhir, bem antes de uma torrente de umidade quente espalhar sobre seu estômago.

Todo o seu corpo zumbia de vida. Sentia-se possuída, necessitada. Bridget abriu os olhos. Caderyn estava acima dela. Era sua semente espalhada sobre seu estômago. Ela queria mais. Era como se uma força dentro dela exigisse que ela o tomasse de novo, drenando-o mais e mais até que ele desmaiasse por pura exaustão.

Com esse único propósito em mente, ela alcançou entre seus corpos e agarrou seu pau. Apertando-o, ela exigiu: —Mais.

Caderyn ofegou e ela acariciou-o até que ele ficou duro mais uma vez. Cada roçada de sua pele contra ela fez seu corpo chiar de desejo. Seu corpo estava bem preparado, livre de pelos. Ela estava molhada para ele. Ela era tão sensível. Como seu corpo ficou tão sensível?

—Humm. —Ela gemeu, balançando inquieta, acariciando-o com mais força. Ele era grande na palma da mão, quase intimidante. Sua ereção cresceu quanto mais ela o acariciava.

—Bridget, espera. —Ele suspirou, tentando tirar os dedos dela. —Você não entende.

—Eu quero você em mim. —Ela gemeu. Por que ele estava se afastando? Ela sentiu seu pau. Um homem não ficaria tão grande se ele fosse repellido.

—Eu já estou em você. —Caderyn ofegou para respirar. Seus olhos a devoraram enquanto levantava-se da cama. —Eu quero dizer...

Bridget riu. —É grande, querido, mas não tão grande. Volte para a cama. Eu quero mais. —Quando ele parecia que ainda protestaria, ela deixou suas coxas caírem abertas. Caderyn engoliu em seco, mas não desviou o olhar.

—Não faça isso... Eu não posso... Você sente minha energia em você por causa da ferida da faca. Eu te curei. É por isso que você está agindo assim.

—Eu estou agindo assim porque eu quero você. —Bridget se levantou da cama, perseguindo-o. Ele estava contra o batente da porta. Ela aproximou-se dele, passando as pontas dos dedos pelo peito. Agressivamente, empurrou a cabeça para trás e levantou-se nos dedos dos pés para beijar seu pescoço. Ela mordeu e lambeu seus músculos duros, chupando seus pequenos mamilos entre os dentes.

—Oh, doce azul! —Exclamou ele.

Ela beijou para baixo. As luzes de teto do quarto suavizaram ao contraste de suas características duras. Sua cabeça foi empurrada para trás, e ele estava respirando com dificuldade. Bridget gemeu suavemente, vagamente consciente de que ela nunca tinha feito nada tão ousado em sua vida. Suas pálpebras caíram sobre seus olhos, e sua voz era uma sensual.

—Eu quero provar você todo.

Ela puxou seus quadris magros, empurrando-o de joelhos no chão. Era como se seu corpo não pudesse resistir à sua vontade. Um toque leve e ela sentiria a energia pulsando de seus nervos dentro dele, controlando-o. Ela faria exatamente o que ela queria para ele, e ele não seria capaz de dizer não.

Quando ele estava sentado, ela ficou de quatro, e lambeu seu pau duro da raiz para ponta crescida, permitindo que ele tivesse plena visão de seu corpo. A excitava saber que seus olhos a observavam. Com cada arranque de seus lábios, ele se esticava e flexionava lindamente abaixo dela. Ela experimentou o resíduo de seu recente clímax. Sua língua girava em torno do cume de seu pau, gostando da forma como ele ofegava, e empurrou a toques leves.

—Bridget... Oh! O que você está fazendo?

—Shh, eu quero brincar. —Amuando, ela deu a ele seu olhar mais irresistível. Lentamente, lambendo seus lábios, ela entrou no papel de sedutora final e disse: —Seu pau tem um gosto tão bom. Você não vai me deixar beijar, Caderyn? Você não vai me deixar chupar seu pau grande, duro, para você? —Ela agarrou o pau e lambeu a ponta. —Por favor, Caderyn, quero provar você. Por favor.

Ele parecia chocado com suas palavras, realmente atordoado era uma palavra melhor para ele. Bridget não fazia ideia de onde vinha essa ousadia. Ela inclinou-se sobre ele mais uma vez, aproveitando seu momentâneo espanto, para chupar-lhe profundamente em sua boca.

Bridget sorriu em vitória quando ele a tocou. Ele massageou seus ombros, emaranhando seus dedos em seu cabelo longo. Ela tomou seu tempo, brincando com ele com a boca, fazendo uma tortura.

Bridget apreciava os sons primitivos que ele fazia na parte de trás de sua garganta. Ela realinhou seu corpo para que ela pudesse usar suas mãos para aproveitar plenamente. Agarrando a base de seu pau, ela trabalhou seus dedos lentamente, levemente, correndo as pontas para cima e depois para baixo para provocá-lo. Com cada golpe, seu aperto aumentou, torcendo ao redor, variando os movimentos. Ela continuou, espantada que ele parecesse ficar mais duro a cada puxão. Suas coxas apertaram enquanto ele empurrava seus quadris para dentro de sua boca.

Bridget cobriu suas bolas, rolando-as suavemente em sua palma, antes de mergulhar um dedo embaixo na coleção de nervos enterrados abaixo dos globos suaves. Caderyn recompensou seus esforços com sacudidas duras de

seu corpo, e arfadas aquecidas por ar. Se ela estava preocupada com ele reagir como um homem, ela não precisava estar. Cada resposta era primitiva e crua, cada gemido, cada arrepio.

Sua língua saiu, balançando sobre sua ponta. Bridget fez um pequeno som de prazer, deixando-o saber que ela gostava. Caderyn flexionou e tremeu debaixo dela, e o gosto do pré-sêmen passou sobre sua língua. Estava uma delícia. Ela queria mais.

Beijando a cabeça de seu pau, ela girou a crista antes de chupá-lo profundamente em sua boca. Ela puxou para trás, mordiscando seus dentes para cima e para baixo nos lados de seu pau antes de prendê-lo novamente.

—Bridget. —Ele gemeu. —Ah. Oh. Humm. Eu nunca senti algo assim. Hum, sim.

Os ruídos primitivos tornaram-se mais altos. Ela soprou e chupou seu pau. Seus dentes puxaram o eixo. Ele era tão grande que não conseguia levá-lo até o fim. Tirando a mão das bolas, colocou uma palma no chão para equilibrar, e começou a acariciar o comprimento extra com a mão livre.

O aperto em seu cabelo, empurrando e puxando, ajudavam a trabalhar sua boca sobre ele, empurrando tão profundamente quanto ela poderia tomá-lo. Ela manteve suas carícias, puxando suas bolas, acariciando seu pau.

—Bridget, não posso me segurar. Eu vou...

Bridget sugou mais forte, recusando-se a desistir. Queria saboreá-lo. Seu corpo inteiro ficou tenso. Caderyn gozou, banhando sua boca com sua semente. Ela gemeu em apreciação, bebendo o sabor doce salgado.

—Onde...? —Ele ofegou por respirar. —Como...?

Bridget arqueou uma sobrancelha em espanto. O olhar em seu rosto era inestimável.

—Você não tem sexo oral aqui?

—Oral? —Ele balançou a cabeça. —Não que eu tenha ouvido. No entanto, faz muitos anos que não mergulhamos sob a superfície. Talvez tenha esquecido muitas coisas.

—O que você não esqueceu? —Ela perguntou. —Mostre-me.

—Você quer dizer... De novo?

—Eu quero mais. —Ela ronronou, batendo os cílios. Ele ainda estava encostado na armação, olhando para ela com espanto. —Mas na cama. Este chão está machucando meus joelhos.

—Você tem certeza?

—Pergunte-me isso de novo e eu encontrarei outra pessoa.

Bridget foi até a cama, rastejando sobre o colchão, com sua bunda no ar. Parte dela sentia-se como se estivesse observando toda a cena do lado de fora. Sua boca se abriu, seu corpo moveu-se, mas tudo estava no desejo, no instinto, na necessidade gananciosa. Ela nunca agiu assim, mas não conseguia parar. Ela ficou de quatro, jogando seu cabelo longo sobre seu ombro para olhar para ele.

—Um homem grande e saudável como você certamente pode gozar mais algumas vezes.

—Algumas? —Bridget quase riu de seu olhar de surpresa. Ela se afastou dele, deixando seus pés balançarem sobre o lado da cama.

—Humm, pelo menos. —Uma mão morna segurou seu quadril, explorando suavemente seu lado. Ela fechou os olhos, sem se mover. Os dedos lhe roçaram as coxas, separando-as ligeiramente por trás. Ele a tocou, acariciando seu sexo com mãos confiantes. Seu corpo estava tão molhado, molhado demais. Não deveria ser possível. Normalmente, ela precisava de muito mais persuasão física real para se tornar tão excitada.

O toque de Caderyn era eletrizante. Era como se sua mão vibrasse levemente sobre sua pele. Seus nervos a alcançaram, seguindo a pincelada de seus dedos. Voltou a espiar por cima do ombro. Ele acariciou seu pau para

que ele estivesse novamente em pleno mastro. Bridget gostava de observá-lo, ficou espantada com o fato de que ele podia ficar duro novamente tão rápido, e só poderia supor que o Merr era uma raça extremamente viril.

Enquanto se acariciava, ele enfiou um dedo grosso dentro dela. Ela balançou. Não foi o suficiente desta vez. Ela queria mais.

—O que mais faz o seu povo? —Ela perguntou gemendo, mesmo enquanto continuava balançando contra ele. —Mostre-me.

—Gostei que tivesse feito isso comigo. —Disse ele sem constrangimento.

Bridget começou a se virar e ficar tensa, surpresa, quando seu dedo úmido saiu de sua fenda, e mergulhou no seu buraco apertado enterrado em suas nádegas. A estranha nuvem que a inundou começou a se elevar diante da surpreendente sondagem. Ela ficou tensa, pronta para dizer-lhe para parar. Ele deslizou o dedo corajoso mais profundo, cercando-a em círculos pequenos e rasos, esticando-a. Um grande número de nervos que ela nem sabia que existia explodiram de prazer. Ela ficou tensa, arqueando-se para fora da cama.

—Caderyn? —Ela respirou, confusa. O homem não praticava sexo oral e, no entanto, ele tinha admitido gostar de ser tocado por trás? Fale sobre surpresas.

—Vejo que você também gosta. —Sua voz era tão confiante, sem embaraço. Um dedo a cercou e outro alcançou seu clitóris. Suas pernas abriram-se mais para permitir-lhe acesso completo ao meu corpo.

Sua boca se abriu. Ela olhou por cima do ombro. Seus olhos lilases quase pareciam brilhar quando ele olhou para ela, e ela viu o estranho sombreamento de roxo prateado ao longo deles. Um olhar possuído atravessou suas feições. Ele apertou a mão dela enquanto se acariciava.

—Caderyn, não aguento mais —Gritou ela. —Por favor!

Caderyn tirou o dedo de sua bunda e moveu-se para agarrar seus quadris. Ele trouxe seu corpo para o dela, esfregando sua cabeça grande

através de seu creme, para cima e para baixo em sua fenda. Então, estreitando sua buceta, ele empurrou dentro dela e gemeu.

Os olhos de Bridget arregalaram-se com a sensação de seu pau esticando-a. Ela não teve muitos amantes no passado, mas ela definitivamente não era uma santa. Fazia algum tempo, e sua buceta estava apertada. O calor úmido do seu corpo facilitou o ato enquanto movia-se com movimentos fracos, erguendo-a completamente aberta para ele. Justo quando ela pensou que não poderia mais, ele empurrou mais fundo. As costas de suas coxas comprimiam ao longo de suas pernas, quando ele deu um empurrão firme, ajustando-se ao punho. Prazer e dor a encheu, e ela nunca se sentiu tão conectada, tão completa.

—Oh. —Bridget gemeu. Foi bom. —Sim.

—Ah, apertada. —Ele grunhiu. —Eu gosto muito.

Caderyn estava atrás dela. Os pés dela pendiam da cama. Ele agarrou seus quadris, empurrando seu corpo para cima e para baixo em seu pau enquanto ele a montava. Seus movimentos eram ásperos, duros, quase batendo nela. Ela gritou, querendo que ele desacelerasse para que pudesse saborear o momento. Mas, quando sua boca abriu, ela pediu: —Mais rápido. Foda-me mais!

—Eu gosto de como você me aperta. —Ele respondeu, obedecendo ao seu comando e empurrando com mais força.

—Mais, ela exigiu.

Caderyn deu-lhe mais, deixando-a ter cada centímetro da sua grossura.

—Ah, Bridget.

Bridget gozou, forte. Nunca sentira nada tão intenso. Seu corpo sacudiu, respondendo ao seu clímax com o dele. Era como se todo o seu corpo tivesse explodido. Seus braços tremiam debaixo dela. Ela instantaneamente enfraqueceu e apagou.

Caderyn tropeçou, espantado, olhando para o corpo imóvel de Bridget. Ele sentiu o instante em que ela apagou. Seu poder sobre ele tinha parado.

Sem conseguir respirar, tentou diminuir o batimento cardíaco. O orgasmo o enfraqueceu, mas também a curou. Ele tentou resistir a ela quando ela ligou-se a ele, sabendo que ela sentia seu desejo por ela. Deixando-se cair no chão, ele inclinou a cabeça ao longo da parede onde encontrou o guarda-roupa para formar um canto.

A cura era arriscada quando feita em tal nível, mas ele não tinha escolha. Ela era sua esposa, e ele tinha que lhe dar sua energia. Funcionou também, porque apenas uma cicatriz rosa permaneceu onde a lâmina da faca entrou em seu lado.

Mas, ao dar sua energia, ele não tinha muito para si mesmo. Caderyn fechou os olhos, muito fraco para mover-se, e um pouco agradecido que ele teria a chance de se recuperar antes de exigir sexo novamente. Suas pernas arrastavam para fora no chão duro, e suas mãos descansavam ao longo de suas coxas, imóvel. Logo adormeceu rapidamente.

Capítulo Seis

Bridget não conseguia mover-se de seu lugar no colchão macio. Seu lado doía, e ela sentia-se como se estivesse pendurada. Isso era estranho, já que ela nunca bebia em excesso.

—Que sonho. —Ela sussurrou, suspirando. A roupa cheirava a frescor, como flores de mar. Caderyn a tinha pulverizado com o cheiro? Era estranho na circunstância presente. —Que sonho estranho.

Lentamente, ela percebeu que estava nua e não só seu lado doeu, mas seu interior estava dolorido, como se ela tivesse feito sexo - muito sexo. Ela esperava que o quarto fosse cheirar a sexo, mas tudo o que ela podia sentir era o cheiro das flores do mar. Olhando com um olho aberto, viu um cobertor azul nadar diante de sua visão. Isso levou a uma parede azul.

O palácio de Merr. Ela estava no palácio. Não era um sonho. Mas, se o palácio não era um sonho, então...

Bridget levantou-se, torcendo-se na cama. Caderyn tinha ido embora, mas a pontada em seu estômago deu lugar ao fato de que eles tinham realmente feito sexo. E não apenas o sexo - perversamente delicioso, cheio, que embarça demais olhar você mesma no espelho - sexo da manhã seguinte. Oh, Meu Deus! O tipo de sexo que você não poderia enfrentar a pessoa no dia seguinte - ou nunca mais. Era o tipo de sexo que justificava mudar para um país diferente.

—Oh, não. —Ela gemeu, cobrindo seu rosto. Ela realmente havia dito a ele que ela queria provar tudo dele? Ela tinha realmente sugado seu pau tão agressivamente? Bridget gemeu de horror. Não terminou aí. Ela continuou exigindo mais. Ele a tinha levado por trás, bem aqui, na mesma cama.

—Oh, Deus, não. —Bridget ficou tonta. Seu dedo foi onde nenhum homem foi antes, e ela tinha gostado, gritado por mais. Ela apertou a bunda, completamente envergonhada pelo que ela tinha feito tão aberta e voluntariamente.

Bridget caiu e enterrou o rosto na cama. Havia mais, muito mais. Era tudo um pouco confuso quanto ao tempo, mas o que tinha acontecido era claro.

Ela o encontrou no chão, dormindo contra a parede. Ele parecia tão bonito, seu corpo musculoso, duro, apenas esperando por ela para despertá-lo. Ela o acordou com a boca em seu pau, e seu dedo testando sua bunda dura como ele afirmou gostar, exigindo mais dele. Oh, sim, ele não estava mentindo. Ele realmente gostou quando ela fez isso. No entanto, ela ainda podia imaginar o olhar surpreso em seu rosto de ter sido acordado assim.

Caderyn a tinha tomado de novo e de novo. Eles tiveram relações sexuais ali no chão, seu corpo em cima do dele enquanto ela montava em suas coxas. Então eles foram para o chuveiro, o sofá, a cama. De alguma forma, frutas foram envolvidas. Ela não conseguia parar de gemer. Será que ela realmente tinha lhe dado um boquete com fruta? Bridget nunca olharia para o café da manhã do mesmo jeito novamente. Na verdade, ela duvidava que alguma vez comesse um pedaço de fruta sem corar.

—Oh, Deus!

Ele a observara também. Eles tinham feito isso com luz suficiente para ver tudo claramente. Ela não era nenhuma puritana, mas era mais conservadora do que isso. Claro, se o humor estivesse bom, uma menina poderia mostrar alguns truques especiais. Mas todos eles? Todas as posições que ela poderia imaginar? Caderyn deve pensar que ela é uma verdadeira prostituta. Depois do modo como agiu, tinha a certeza de que pensava em si mesma como uma prostituta. Pior ainda era o fato de que ela tinha gostado tanto, e apenas pensar nisso, a fazia querê-lo novamente e novamente.

Bridget gemeu. Era impossível. Nenhuma pessoa poderia ter tanto sexo em apenas uma noite. Como poderia ter permitido que isso acontecesse? Era como se ela estivesse drogada.

Uma roupa cintilante no final da cama chamou sua atenção. Era um pouco do material que ela escolhera com os alfaiates. Erguendo-a, ela encontrou um vestido parecido com um sári. A camisa tinha mangas curtas e apertadas e encaixava-se em sua cintura e seus quadris. Sobre sua camisa, o material azul prateado pendurava em torno de seu corpo, criando uma longa saia que tinha uma fenda do lado até a coxa. Era lindo, mas não era o padrão de vestido românico mais conservador que ela tinha escolhido para a maioria de seus trajes. Ela se perguntou quem o havia mudado. Havia também duas sandálias de couro - do seu tamanho.

Seu estômago grunhiu, mas ela o ignorou. A ideia de um café da manhã de frutas era muito mortificante para pensar. Bridget olhou para fora do quarto. Para seu alívio, a sala estava vazia. Fazendo uma corrida para o banheiro, nua, ela abraçou as roupas em seu peito.

Uma vez trancada no banheiro, ela rapidamente tomou um banho, tentando lavar o cheiro de Caderyn de sua pele, enquanto recusava-se a pensar em como ela tinha banhado seu corpo molhado e nu com as mãos e a língua neste lugar. Em sua mortificação, esfregou a pele um pouco vigorosamente. Quando suas mãos atingiram sua cintura, ela se encolheu.

Bridget inclinou-se. Ela encontrou a cicatriz em seu lado. Não estava muito ruim. Aparentemente, ela só tinha se machucado com a faca, porque já estava curada. Por alguma razão, ela se lembrou de uma dor abrasadora e excruciante. Como um arranhão causou tanta agonia?

Depois do banho, ela vestiu suas roupas novas e colocou as sandálias. Penteando os cabelos, ela lutou para tirar os nós com o pente de metal de Caderyn. Ela realmente sentia falta de sua escova de cabelo.

A sala ainda estava vazia, e ela decidiu que agora era o melhor momento para sair da casa de Caderyn. Ela não queria enfrentá-lo - nunca. Não depois da maneira desenfreada como agira. Seu rosto esquentou quando olhou para o fundo do sofá, e lembrou-se de algumas das posições mais sórdidas da noite.

—Oh, Deus. —Ela sussurrou.

A sorte estava com ela. O corredor estava vazio. Para onde ela deveria ir? Ela estava em uma ilha, debaixo de água em uma bolha gigante. Não era exatamente como se ela pudesse se esconder. Embora fosse tentador, ela não estava prestes a prender a respiração enquanto flutuava no Abismo. Só a pressão lá embaixo poderia matá-la.

Antes que ela percebesse onde estava indo, ela encontrou-se de pé na entrada para a sala de artefatos. Aidan estava inclinado sobre um texto, rabiscando notas em pergaminho com uma pena.

—Eu preciso de mais fatos. —Disse Bridget.

Aidan saltou ao som de sua voz, girando com a mão sobre o peito.

—Você está acordada.

—Quero provas de que este é o Fundo do Mar. Como eu sei que não estamos a apenas uma milha abaixo da superfície? Quero alguém para me levar para a água e me mostrar. Quero uma prova sólida e científica.

—Você é teimosa, não é? Você não pode simplesmente aceitar e seguir em frente? —Aidan voltou-se para o texto, acenando com a pena enquanto falava. —Estamos cercados pelo povo Merr. Tenho mais de cem anos. Desenterro minhas velhas revistas para provar isso a você, se você quiser. —Ele virou para olhar para ela. —Sem mencionar o fato de que você sobreviveu ao seu naufrágio, e está usando roupas estranhas, e comendo comida estranha. Você parece linda, aliás.

Bridget arqueou uma sobrancelha em suas palavras. Ele estava me enrolando? Ela se recusou a desviar-se.

—O povo Merr poderia facilmente ser apenas uma anomalia da natureza. —Ela raciocinou. —Ou mais do que provável uma experiência do governo. Você poderia estar mentindo para mim, e o diário poderia ser falsificado. Eu tenho visto roupas estranhas em Nova York durante a Fashion Week. Quanto à comida, bem, sim é mais difícil de explicar, mas talvez alguém tenha descoberto uma maneira de alterar geneticamente a vida marinha. Ou talvez você tenha descoberto como pescar nas águas do Fundo do Mar. Ou as

criaturas do Fundo do Mar estão subindo do Abismo para se alimentar, devido a alguma mudança ecológica, e você as está pegando dessa maneira. Há um bom número de explicações lógicas. Então, repito, quero provas.

—Você tem uma resposta para tudo, não é? —Aidan sacudiu a cabeça. —Por que é tão difícil para você aceitar? Até mesmo você deve admitir que sua lógica seja forçada.

—Não mais forçada do que estar vivendo debaixo d'água, em uma biocúpula criada por Poseidon, o deus do mar. Para aceitar sua explicação, eu teria que aceitar que existe algum tipo de magia sobrenatural e divina. Mas, tendo sido uma cientista, eu sei que o que eu sugiro é o mais provável. Sim, é uma tentação exagerada, mas é provável, tanto quanto possível, mais do que uma maldição mágica e uma cidade subaquática.

Aidan sorriu abertamente. Ele olhou de volta para seu texto, parecendo dividido entre debater com ela e continuar seu trabalho.

—Por favor, me ajude. Eu só quero dar um mergulho rápido. —Bridget deu um passo à frente.

—Você quer provas? Ou você quer sair lá na água como uma cientista? —Aidan perguntou com conhecimento de causa.

Bridget mordeu o lábio, inquieto. —Ambos.

—Eles não vão deixar você entrar na água. —Ele insistiu. —Você nunca vai sobreviver. Além disso, é muito escuro lá fora, e com seus olhos, você não será capaz de ver alguma coisa. Você provavelmente será comida dentro dos primeiros minutos, se a temperatura não a matar primeiro.

—Eu quero ver. —Ela insistiu. —Eu preciso ver por mim mesma. Por favor. Se o que você está me dizendo é verdade, então eu esperei minha vida inteira por essa chance. Eu quero ver o Fundo do Mar. Eu quero aprender. Preciso saber o que está lá. Que isso é real.

Aidan respirou fundo, contemplando por um momento. Calmamente, ele disse: —O que você procura está nas fronteiras. Lá você vai saber com certeza que este lugar é real, e ver mais do Fundo do Mar do que você sempre

quis. É o melhor que posso fazer. Não posso ajudá-la a entrar na água. A única saída são as Cavernas de Cristal, e elas são constantemente guardadas e por boas razões.

—As fronteiras? —Bridget repetiu, sentindo um formigamento de excitação. —Como eu chego lá?

—Apenas comece a andar em qualquer direção, e você vai chegar lá eventualmente. —Aidan riu. —Lord Caderyn deveria ser capaz de levá-la. Todos os caçadores têm lares nas fronteiras. Ele deve estar caçando, mas depois desse truque que você fez com a faca, o rei ordenou que ele ficasse fora da água até que fosse resolvido.

Bridget sentiu uma pontada de culpa. Ela ignorou. —Quão longe é isso?

—Não é tão longe se você for à direção certa. —Aidan sorriu gentilmente para ela, que estava distraída.

—Qual direção é a direção certa?

—A floresta não é lugar para uma mulher ficar sozinha. Alguns dizem que algumas tribos de mulheres selvagens vagueiam pelos bosques. Apenas certifique-se de levar seu marido com você. Caderyn irá mantê-la segura. Ele saberá o caminho.

O mundo de Bridget parou. Marido? Fechando os olhos, ela gemeu. —Oh, Deus, como eu poderia esquecer isso?

Tinha estado tão preocupada tentando superar a vergonha de forçar Caderyn para dentro de sua cama, que tinha esquecido tudo sobre o pequeno episódio no refeitório.

—Eu ouvi que a cura pode perturbar a mente. Embora, desde que você esteve ah... Dormindo... Por quase uma semana, eu pensei que houvesse passado a confusão. —Aidan sorriu.

—Uma semana? —Exclamou Bridget. Ela tocou seu lado, sentindo a cicatriz através de sua roupa. Não é de admirar que ela tivesse tantas

lembranças de sexo. Foram também muitas vezes para ser de uma noite. Ótimo, então ela basicamente passou a semana dormindo, comendo e fodendo seu novo marido. Se ela tivesse sido outra pessoa além dela, teria sido a lua de mel perfeita. Queria morrer.

—Você ainda não conversou com Lorde Caderyn, não é? —O sorriso de Aidan caiu. —Ele não sabe que está acordada, não é?

Seu olhar deve ter respondido por ela, porque ele suspirou e pousou a pena.

—Você se esfaqueou e ele curou você. —Aidan disse. —Você está melhor, mas é uma boa coisa que ele tenha feito por você. Você deve ter se machucado mesmo. Mas, eu diria que você quase drenou suas energias. Pobre homem mal podia sentar-se ereto, e ele estava andando meio engraçado cada vez que eu o vi sair de sua casa.

—Drenei suas o quê? —Bridget queria morrer. Isso foi bom para ele? Antes que ela pudesse parar as palavras, ela disse. —Ele lhe disse que fizemos sexo?

Aidan engasgou, derrubando o tinteiro que derramou no chão, arruinando sua calça. Ele encarou-a, e inclinou-se para limpar a bagunça.

—Eu quis dizer que você o drenou da força de sua vida quando ele a curou. Eu não quis dizer que você o drenou de... Seu... Deuses bons no céu!

Bridget virou-se e correu mortificada. Ela não ficou para ouvir o resto.

Os pés de Bridget tropejavam pelo chão enquanto corria pela cidade. Um pacote de comida saltava pesadamente em seu ombro. Ela o tinha roubado do salão vazio do banquete. Estava em um carrinho, apenas parado lá.

Os blocos da cidade tinham que acabar algum dia, não é? Ela tinha visto uma floresta logo após o vale. Se ela pudesse chegar à floresta, ela ficaria bem. Aidan tinha dito a ela que a floresta era perigosa, mas certamente essa era apenas a sua formação à moda antiga. Ela não era uma mulher indefesa. Ela poderia cuidar de si mesma. Tinha feito uma aula de autodefesa uma vez.

Fugir era uma ideia estúpida para começar, e ela realmente não estava surpresa quando Caderyn a alcançou perto da praça da cidade. Ainda assim, quando o ouviu rosnar. —Bridget, o que você acha que está fazendo? —Ele teve que correr atrás dela.

Ela estava mortificada demais para enfrentá-lo. Apenas ouvir sua voz fez seu coração pular em seu peito, e uma piscina de umidade formou-se entre suas coxas. O que aconteceria quando ela realmente olhasse para ele? Tocasse nele? Será que ela se jogaria nele como um demônio do sexo sem graça?

Ouvindo seus passos a alcançando, ela correu mais rápido, soltando a comida. Era muito pesada e só a desacelerava. Ela ouviu Caderyn tropeçar no pacote, mas não parou para olhar.

—Bridget! —Ordenou ele. —Pare! —Ela correu mais rápido. Seus braços trabalhando. O suor escorria em sua testa. —Bridget! Espera! —Seu coração batia tão forte que seu peito doía e sua garganta ardia pela dificuldade em ofegar por ar. As árvores estavam lá. Tão perto. Se ela só conseguisse dar os últimos passos. —Por todos os deuses, mulher! Pare logo!

Bridget sentiu seu corpo voar pelo ar enquanto ele a alcançava. Ela gritou, pronta para ser esmagada sob seu peso. Em vez disso, ele virou-a no ar, pegando o peso da sua queda. Eles rolaram algumas vezes, parando com seu corpo emaranhado em cima dele.

—Pare, mulher! —Ele rosnou, apertando seus braços enquanto ela lutava para se levantar. Sua respiração áspera se misturou com a dela. Mesmo agora ela o queria. Ela sentiu seu corpo forte ao longo do dela, sentiu pressionar o começo de uma excitação. Se não fosse por todos os olhares que eles estavam recebendo dos habitantes da cidade, ela poderia ter feito isso.

—Deixe... Que eu... Vá. —Ela conseguiu falar através de suspiros.

—O que aconteceu? —Ele exigiu, rolando para se levantar em um movimento gracioso, levando-a com ele. Bridget ficou atônita com sua força e graça, que por um momento, esqueceu-se de protestar. Ele a puxou como uma boneca de pano para dentro da floresta. Quando eles estavam sozinhos, ele parou, mas não a deixou ir.

—Você está louca?

—Sim, eu estou louca! —Ela rosnou. —Claro que estou louca!

—Você não está bem da cabeça? —Caderyn franziu a testa, movendo-se para olhá-la. Ele estendeu a mão para cobrir o lado de seu rosto. —Você tem uma lesão? O que aconteceu? Preciso levá-la a curandeira?

—Eu estou brava. Furiosa. Louca. —Ela gritou. —Eu quero que você fique longe de mim.

—O que eu fiz? —O homem parecia chocado, e ela lamentava.

—Você... —Bridget hesitou. Ela não podia acreditar que estava prestes a dizer isso. —Você se aproveitou de mim. Você me drogou com sua força vital, energia.

—Eu salvei você de sua própria tolice. Você se esfaqueou com uma faca. —Um profundo vinco enrugou sua testa, e seus olhos estreitaram-se. Ele parecia irritado.

—Você me drogou. Duas vezes. —Bridget puxou mais para ficar livre, mas ele não a deixou ir. Seu aperto se intensificou. —Agora, saia antes que você me deixe eufórica novamente. Foi isso que o rei Lucius chamou, não foi? Ele disse que minha euforia desapareceu. Este é o primeiro dia em que pude pensar claramente desde que estive aqui. —Com um grunhido baixo, ele a soltou. Bridget oscilou, tropeçando em seus próprios pés. Caindo forte de bunda, ela grunhiu. Caderyn cruzou os braços sobre o peito, olhando para ela com irritação.

—Todo mundo que vem aqui tem euforia. Aconteceu no mergulho, quando eu salvei sua vida. Euforia é um momento em que podemos explicar o que está acontecendo sem a histeria da emoção. No momento em que seus sentidos voltam, espera-se que a compreensão do que este lugar é, e quem nós somos, mergulhe e seja mais fácil de aceitar.

Bridget mordeu o lábio. Maldito seja! Essa explicação fazia sentido. Ela respirou fundo, não querendo enfrentar a verdadeira questão de dirigir sua raiva. Seu embaraço completo e total sobre seu comportamento indecifrável com ele.

—Oh, e não era para se apressar e me casar antes que eu soubesse melhor? —Ela brincou.

—Você me escolheu. —Seu tom era o mais duro que ela já ouviu.

—Não, eu disse que não queria que você fosse meu guardião.

—Mesma coisa.

—Por que a lógica? —Bridget finalmente acalmou sua respiração, o suficiente para ser capaz de se levantar do chão. Era realmente difícil encontrar seus belos olhos roxos. Eles eram tão antinaturais, uma cor tão malditamente sexy. —E por qual direito você...? —Ele perguntou quando as palavras falharam. —Quando você, você sabe. —Bridget sentiu suas bochechas arderem, e rezou para que pensasse que estava corada por correr. —Você teve sexo comigo.

Suas pálpebras baixaram sobre seus olhos sensuais, e deu-lhe um sorrisinho sexy. Uma estranha expressão atravessou suas feições quando ele a olhou com conhecimento de causa. Será que ele percebeu por que ela estava protestando? Será que ele sabia que ela estava envergonhada de si mesma? Oh, Deus! E o que ele pensava dela? Sua opinião sobre ela tinha que ser baixa.

—Não. —Ele disse com graça. —Você fez amor comigo. Na verdade, você exigiu fazer amor comigo. Seu corpo estava curando, e parecia gostar de drenar minha força vital. Na verdade, eu acredito que você realmente disse que gostava de drenar minha semente de mim também. Você exigiu várias

vezes, todas as noites por uma semana. Chegou ao ponto de eu ter que sair de casa para me recuperar.

—Eu não! E mesmo se eu fiz, é culpa sua. Você poderia ter dito não. Você sabia o que estava acontecendo comigo. Eu realmente não pedi por isso. —Bridget cruzou os braços sobre seu peito, combinando com sua dura postura. Ele arqueou uma sobrancelha, e ela teve um flash de estar sobre seu corpo nu, prendendo-o enquanto ela tomava seu prazer. —Eu não queria. — Certo, era uma mentira enérgica. No entanto, ela estava mantendo um rosto neutro ao dizer isso. Não estava?

—Hum... —Caderyn estendeu a mão para ela e puxou-a contra seu corpo. Antes que ela percebesse o que ele estava fazendo, ele estava de volta, prendendo-a em uma árvore, e estava beijando-a. Era maravilhoso, tão maravilhoso que um gemido tentou passar os lábios dela. Ela engoliu de volta. Depois que sua língua saqueou sua boca, e a deixou sem fôlego querendo mais, ele disse: —Diga-me que você não gostou disso. Diga-me que você não quer que eu faça de novo.

O orgulho obstinado à fez dizer: —Eu não gostei e quero que você me deixe ir neste instante.

Bridget não quis dizer isso. Ela queria que ele a beijasse de novo, para erguê-la contra a árvore. Ela queria saber o que seria dormir com ele quando ela estava plenamente consciente, e pudesse controlar o que ela estava dizendo e fazendo. Seu corpo queimava de desejo, e ela estava tão molhada e dolorida.

—Muito bem. —Caderyn não pareceu satisfeito enquanto ele a deixava ir. Bridget se forçou a afastar-se dele. —Aonde você pensa que está indo?

—As fronteiras. Quero provas de que este lugar é realmente o que você diz que é. —Bridget esfregou os braços para mantê-los de alcançá-lo. Ela tinha que provar um ponto. Que o vilão sexual não era realmente ela, que ela não era apenas uma prostituta insaciável que fazia todas essas coisas com ele. O que ele deve pensar dela!

Oh, Deus, ela poderia morrer agora? Por que fazê-la enfrentar esta mortificação?

—Minha palavra e a palavra de todos aqui não é boa o suficiente para você? —Ele perguntou, seu olhar sombrio. A raiva estava de volta em seu tom, e parecia como se ele quisesse sacudi-la até que ela desmaiasse.

—Não, não é. Não neste caso. Preciso de fatos. Preciso vê-lo com meus próprios olhos para acreditar. —Disse Bridget. Era parcialmente a verdade. Se ela olhasse para os fatos, este lugar sendo Ataran, ilha perdida de Atlântida, faria mais sentido. Todos os fatos apontavam para ela, mas ela queria ver. Além disso, como ela iria levá-los a mostrar seu Fundo do Mar? Aidan lhe dissera que sua perícia científica não era necessária aqui. Caderyn a deixaria ficar de qualquer maneira? Vendo seu rosto duro e sabendo o que ela fez do lugar de uma esposa na história, ela duvidou muito. O medo de que ela fosse esperada para sentar-se como uma dona de casa, a fez ficar furiosa dentro dela. Ela não queria passar a eternidade esfregando os pés, limpando sua casa e costurando suas roupas. Os poços de fogo do Inferno tinham mais atração para ela do que isso.

—Talvez seja porque você não quer acreditar nisso. —Ele respondeu. —Nem tudo o que é real pode ser tocado e visto.

—Como o quê?

—Emoção. —Ele respondeu. Suas mãos fecharam-se em punhos, e ele as colocou em seus quadris em raiva controlada.

—As emoções são apenas substâncias químicas liberadas pelo cérebro. —Disse Bridget, sem acreditar realmente em suas próprias palavras. —Isso é tudo.

—Entendo. —Declarou. Sua boca esticada. —Seu povo. Vocês aproveitaram a luz. Vocês criaram poder. Eu vi essas coisas em seus navios. Mas, se você é qualquer indicação de onde isso trouxe seu tipo, então eu acho que é triste. Você parecia ter se esquecido de confiar em seus instintos, de sentir as coisas pelo que elas são. Algumas coisas só são porque você sabe que elas são, e você tem fé que elas são. Você deve acreditar que Ataran é o

que é, porque seu instinto diz que você pode acreditar em mim. —Ele deu um passo em frente e parou. —Você pode acreditar em mim.

—Por que eu deveria acreditar em você? —Bridget levantou os braços, acenando-os para o lado para abranger a floresta. —Eu não tenho nenhuma razão para acreditar. Toda vez que eu me viro, você está drogando meus sentidos, então eu não tenho nenhum raciocínio ou lógica em minhas ações.

—A euforia da força da minha vida não te droga! —Sua voz soou para que ele estivesse gritando com ela. Um calafrio percorreu sua forma muscular, e ela sabia que ela realmente o deixava louco. —Faz você agir sem inibições, sem medo. Não faz você agir como se você não faria isso. Se você quer algo, você diz que quer. Eu não posso ter de volta o que eu dei a você. Eu salvei sua vida na água, e você estava eufórica. Eu salvei sua vida com a ferida da faca, e você estava eufórica. Mais ainda, porque exigia muito da minha energia para curar uma ferida tão horrenda. Eu não posso controlar isso. Eu não queria drogar você. Eu queria te salvar.

—Caderyn... —A voz de Bridget suavizou e ela não se moveu. O que ela poderia dizer a isso?

—Você é a mulher mais frustrante que eu já vi. Eu não vou tolerar isso... —Ele acenou com a mão para ela, como se ele não pudesse mesmo terminar o pensamento devido à sua extrema exasperação.

Bridget respirou fundo e depois outra vez. Suas palavras sobre salvar sua vida afetaram-na profundamente, mas ela não conseguia pensar na maneira correta de responder sem soar mais arrogante do que ela já tinha. Não era completamente sua culpa que ela estivesse assustada e perdida, ou que ela o quisesse até mesmo agora, e não soubesse como lidar com seu desejo por ele.

Ela tentou diminuir sua irritação com seu tom, mesmo quando ela pediu o que devia. —Eu quero ver as fronteiras, e eu quero ver Cassandra. Quero saber se ela está bem. Por favor, me leve.

Por um longo momento, ele não se moveu. Então, finalmente, Caderyn inclinou a cabeça para ela. —Muito bem, senhora, vamos para a

fronteira. Você verá os limites por si mesma. Talvez então você possa confiar em mim.

—E Cassie? —Ela insistiu. —Por favor, Caderyn. Eu sei que você acha que eu estou sendo irracional, mas eu preciso ver que ela está bem. Você me pede para acreditar tanto na fé cega, e eu simplesmente não posso.

—Ela você verá a tempo. Temos de olhar pela saúde dela, assim como a sua, minha senhora. Se ela sobreviver, você vai encontrá-la novamente.

Caderyn sentiu como se Bridget tivesse rasgado seu coração e pisado nele. Ela não queria se casar com ele. Seu casamento era algo que não podia ser cancelado. Testemunhas ouviram-na dizer as palavras. O rei tinha abençoado a união. Foi feito. Para sempre, ou até a improbabilidade da morte, foi feito.

Ele não tinha certeza do que era pior: O fato de que ela não queria se casar com ele, ou o fato de que ela não queria que ele fizesse amor com ela. A última semana de sua vida foi a mais feliz que ele poderia se lembrar em um longo tempo. Certo, sua esposa era um pouco louca, e ele ficou tão drenado, que mal podia caminhar em linha reta, mas ela o queria. Ele não estava sozinho. A eternidade não parecia uma perspectiva tão sombria. Mas agora, quando ele olhou para ela, ele sabia que não era verdade. Agora, ele estava mais sozinho do que nunca.

Talvez fosse tudo uma mentira. Talvez ela não o quisesse. Talvez o corpo dela estivesse alimentando o dele para sobreviver.

—Talvez eu seja um idiota por tentar fazer isso funcionar. —Ele sussurrou. Mas então, com seu coração na reta, o que mais ele poderia realmente fazer?

—O que? —Bridget olhou para ele, caminhando mais rápido para alcançar seu passo mais longo. Eles estavam voltando para o palácio. Ela só concordou em ir depois que ele prometeu levá-la para as fronteiras com ele. Talvez as vendo por si mesma, ela finalmente aceitaria seu destino, seu futuro.

—Nada. —Não era como se as fronteiras fossem perigosas e ele não tivesse uma casa no campo. Não, Caderyn estava mais preocupado com a viagem para as fronteiras. Para ele, era seguro. Ele era Merr. Mas, havia uma facção pequena que vivia dentro da floresta, longe de sua sociedade, que não daria boas-vindas a Bridget a sua ilha subaquática.

Os atletas olímpicos, como se chamavam, após os deuses do Monte Olimpo, não queria que os seres humanos fossem trazidos para Ataran, pois olhavam para a maldição Merr como uma bênção. Eles acreditavam serem deuses abaixo das ondas, abençoados com imortalidade e poder. Antes que as cavernas do palácio fossem seladas, os atletas olímpicos haviam sido capturados, atraindo seres humanos para sua morte por prazer doente. Foi um tempo difícil para o povo Merr. As lealdades haviam sido divididas. Alguns até hoje ainda culpam os olímpicos pela maldição Merr. Havia aqueles que ainda acreditavam, que um dia, Poseidon desceria e os perdoaria, erguendo-os à luz do sol mais uma vez. Caderyn tinha suas dúvidas, mas era um sonho agradável. Embora, ele fosse mais forte do que a maioria, já que ele era um caçador, ele foi autorizado a subir. Ele tinha visto a luz do sol através da superfície aquosa, tinha visto as cores místicas de magenta e ouro nas ondas acima dele. Ainda assim, não era o mesmo que sentir o calor do sol em seu rosto, vendo a terra e o céu estrelado acima dele enquanto ele montava seu cavalo através do vento.

Por muito tempo, aquelas pequenas sensações de memória ficaram com ele. Quando olhou para Bridget, viu a chance de fazer novas lembranças. Ela seria seu sol, seu vento, suas estrelas.

Isso se os atletas olímpicos não a machucassem primeiro. Mesmo que ela não o amasse, ele a admiraria de longe. Se alguma coisa ele tinha aprendido, é que os séculos podem mudar tudo. Mas, ele também aprendeu que eles podem às vezes mudar nada.

Se os atletas olímpicos encontrarem Bridget, ele não tinha certeza do que fariam com ela. Fazia tanto tempo que ninguém os vira. Havia rumores de que estavam mortos. Ainda mais rumores vieram de que eles estavam vivos e planejavam vingança. Só o tempo diria a verdade, mas Caderyn não desejava saber sacrificando sua esposa.

Ele caminhou mais rápido, muito consciente dos olhares que eles receberam de seu povo. Alguns dos homens casados sorriam gentilmente para ele, acenando com a cabeça no que parecia ser compreensão. Eles estavam tentando dizer a ele que todas as mulheres, todas as esposas, eram assim? Se assim for, seria um milagre qualquer raça sobreviver.

—Então você não está falando comigo agora? —Bridget perguntou, um beicinho em seu tom suave.

Caderyn fechou os olhos e respirou fundo. Agora ela estava fazendo beicinho? Ela estava fazendo a cabeça dele girar? Primeiro ela fugiu, e agora ela estava chateada que ele não estava falando com ela? A mulher não fazia sentido! E, no entanto, não podia culpá-la pelo seu medo e confusão.

Haviam chegado ao portão do palácio, e tinham um pouco de privacidade. Bridget olhou para ele com expectativa. Caderyn olhou ao redor. Podiam ser vistos de baixo, mas não ouvidos. Voltando-se para ela, ele colocou os punhos em seus quadris e exigiu severamente.

—Você é sempre tão contraditória?

—Eu não sei. —Sua voz era fraca. —Você é sempre tão irritante? —Ele não respondeu. Não fazia sentido. Ele só diria algo de que se arrependeria.

—Quando é que podemos ir para as fronteiras?

É o que toda a mulher poderia pensar? As fronteiras? Caderyn tentou lembrar a si mesmo que ela era uma mulher de fatos, e que ela também estava passando por um momento difícil. O lembrete não ajudou seu agravamento. Ela tinha que aprender a confiar nele, e ela tinha que aprender que ela não era o chefe em seu relacionamento. Era uma parceria, e ele não seria ditado.

—O rei tem um banquete planejado para celebrar nosso casamento.
—Disse Caderyn. —Esta noite.

—Nós temos que ir? —Ela perguntou. —Eu não quero ir a um banquete. Quero sair esta noite.

Caderyn forçou uma respiração profunda de ar para dentro de seus pulmões, para estabilizar seu temperamento. Com sua boca apertada, ele disse: —Nós não podemos recusar isso.

Era uma mentira. Eles podiam recusar, e o rei só planejava a celebração para outra ocasião, mas ela precisava ouvir um não algumas vezes se eles quisessem um casamento feliz.

—Nós não somos realmente casados, então podemos. —Disse ela.

—Nós somos casados. Os votos estão feitos. —Caderyn respirou fundo outra vez. Não estava ajudando. Raiva misturada com irritação, até que praticamente derramou. Lá se vai não lutar.

—Não, eles me ouviram dizer que eu não queria um guardião. —Ela raciocinou. —Eu não disse que queria um marido. Você ainda pode sair do casamento, Caderyn, com sua honra intacta, ou o que quer que seja que você está preocupado.

—É a mesma coisa. —Caderyn moveu-se para segui-la, enquanto ela caminhava sob o arco da frente, para o pátio do palácio.

—Não, eu não quero nenhum guardião e nenhum marido. —Bridget franziu o cenho. Ela lhe lançou um olhar de soslaio. Apesar de suas palavras, ele percebeu um pouco de dúvida em sua expressão.

—O que foi? —Caderyn parou, tocando seu braço. —Há algo que você precisa me dizer?

Bridget engoliu nervosamente. Parecia um pequeno peixe encurralado por um tubarão. O herói nele queria resgatá-la e deixá-la fora do gancho. O homem nele recusou a mover-se.

—Eu tenho falado, você não tem escutado? Eu não quero ser sua responsabilidade ou seu dever. Não quero um marido e nem guardião. E, se eu estou lendo sua expressão corretamente, você prefere não ser casado comigo.

—Entenda isso, esposa. Nós somos casados. As palavras foram ditas e a bênção dada. Não podem ser desfeitas.

Seu rosto empalideceu ligeiramente, e seus olhos grandes encheram-se de lágrimas. Caderyn imediatamente se arrependeu por seu tom duro.

—Eu nunca pedi para ser salva ou para vir aqui. Você se lembra disso. —Bridget fungou, limpando os olhos. —Qualquer criatura que você estivesse caçando que destruiu meu navio, talvez tivesse a intenção de destruí-lo. Talvez fosse minha vez de ir. Quem é você para decidir esse destino para mim? Eu tinha uma vida lá em cima. Aqui eu não sou nada. Eu não tenho nada.

Caderyn não conseguia se mexer. Uma vida com ele não era nada. O que mais havia para dizer? A palavra esculpiu um poço oco onde seu coração batia, estrangulando a respiração de sua alma. Lentamente, ele acenou com a cabeça. O que mais ele poderia fazer? Se ela realmente acreditava que um futuro com ele, uma vida com ele não era nada, então acabou. Ele tinha tentado as palavras, e elas não tinham funcionado. Agora parecia que a única opção era tentar o tempo. Sem dizer outra palavra, ele virou as costas para ela e entrou no palácio.

O salão de banquetes estava repleto de simpatizantes. Bridget tentou sorrir para eles, mas era difícil com sua preocupação. Caderyn não falou com ela, não disse nada para responder se queria ou não se casar com ela. Ela não queria ser seu dever. Observando-o por um sinal do que ele estava sentindo, ela ficou desanimada quando ele nem sequer olhou para ela. Desde sua luta,

Bridget sentiu-se horrível. Ela realmente não estava brava com ele por salvar sua vida. Não era como se quisesse se afogar. Mas, ela não queria ser uma esposa só porque não havia outras mulheres para escolher.

Ela desejou que ele tivesse dito algo para ela. Qualquer coisa para tentar convencê-la de que a vida com ele seria mais do que parecia. Seria tolo esperar que ele lhe desse uma razão, além de alguma declaração feita a respeito de por que deve ser com ele?

O banquete que foi preparado para eles era maior do que a primeira noite que ela veio para o salão. Pratos foram empilhados com caranguejo e peixe assado. Havia peixes gigantescos, dez vezes maiores do que qualquer lagosta que ela já tivesse visto. Ela experimentou, maravilhada, regada em um molho de creme.

O único problema que observou, foi como se o peixe fosse pego no Abismo. Sua pele era translúcida, e tinha dentes longos e afiados. Havia tamboril e peixe-víbora com suas iscas ainda presas à cabeça. No mar profundo, estes peixes usaram as atrações brilhantes para atrair outros peixes. Se ela se lembrava corretamente, peixe-víbora, acreditava-se apenas crescer a cerca de um pé de comprimento. O que servia o prato era quase duas vezes o tamanho. Estudando-o, ela o cutucou com o dedo. Caderyn lançou lhe um olhar curioso, e rapidamente retirou a mão.

Bridget teve que admitir que sentisse falta de alimentos como manteiga e queijo. Não havia realmente muito para produtos lácteos, pelo menos não como ela os conhecia. Eles tinham uma pasta de queijo para o pão plano. Era ligeiramente verde na cor. Ele lembrou-lhe de mofo, então ela saltou. Não era de admirar que o Merr parecesse tão saudável. Todos comiam frutas, nozes e frutos do mar. Olhando para a mesa, ela sabia que daria qualquer coisa para um fast food, X-Burger carregado com ketchup, e um lado de deliciosamente gordas batatas fritas. Ah, e um milk-shake de chocolate com pequenos pedaços de brownies nele.

Humm, brownies...

Pequenas tigelas retangulares de pudim foram preparadas, misturadas com nozes e frutas. O homem ao seu lado disse-lhe que era uma iguaria que

só tinha talvez uma ou duas vezes por ano para ocasiões especiais. Bridget queria brincar com o gosto agri-doce do prato. Ela gentilmente empurrou-o para o prato de Caderyn, trocando-o com sua tigela vazia quando ela pensou que ninguém estava olhando. Quando o viu, olhou para ela com surpresa. Bridget lançou-lhe um olhar de culpa. Um pequeno sorriso cruzou seu rosto, o primeiro desde que chegou ao corredor. Sem uma palavra, ele comeu o dela também.

—Bom, não foi? —Perguntou o homem ao seu lado, sorrindo enquanto ele acenou com a cabeça para a tigela vazia que ela tinha tomado de Caderyn.

—Humm. —Bridget disse, balançando a cabeça ligeiramente.

—Quero que conheça alguém. —Disse Caderyn, interrompendo sua mentira sem graça. Ele olhou profundamente em seus olhos. Não era justo que ele fosse tão bonito, e que seus olhos fossem uma cor tão arrebatadora. Ele procurou o dela, e ela fez o possível para manter sua expressão em branco. —Senhora Lyra. Ela é como você. Rigel a salvou na mesma noite.

Isso chamou sua atenção. —Não tínhamos ninguém em nosso barco chamado Lyra.

—Ela era do outro naufrágio. —Disse Caderyn. —Havia duas Scylla que caçamos naquela noite. A primeira atingiu o seu barco. Ela era a única sobrevivente, além de um homem que Lorde Brutus empurrou para longe em uma madeira flutuante. Muito provavelmente, esse homem também se afogou.

Bridget pensou no homem que ela puxara do oceano. Ele vinha vestindo roupas de época, e o barco não era nada além de velas de madeira e lona, pelo menos do que ela tinha visto flutuando na água. Ansiosa, olhou ao redor do corredor. —Lyra está aqui?

—Ali, junto à entrada. —Assentiu Caderyn. —Vou apresentá-las.

Bridget seguiu Caderyn pelo corredor. A mulher tinha cabelo loiro escuro até a cintura e olhos verdes. Ela estava maravilhosamente vestida com

uma túnica românica que prendia sobre os braços para criar mangas escancaradas. Lyra olhou brevemente para Bridget antes de olhar para o chão.

—Rigel. —Disse Caderyn para reconhecer o homem ao lado de Lyra. Rigel era forte como Caderyn. Tinha uns bons olhos cinzentos, mas não sorria para eles. —Posso apresentar minha... —Caderyn olhou para Bridget e pôde ver a preocupação em seu rosto. Depois de uma breve pausa, ele disse: —Lady Bridget.

Rigel arqueou uma sobrancelha. Então, inclinando-se educadamente, disse a Bridget: —Minha senhora, bem-vinda a Ataran. Eu esperava te conhecer. Eu teria vindo mais cedo, mas a minha equipe voltou à pista.

Lyra bufou em desgosto. Bridget pensou nisso. A mulher não olhou para cima.

—Alguma coisa? —Perguntou Caderyn. Bridget viu uma ligeira tensão atravessá-lo. Ela se perguntou se ele estava chateado com a ordem do rei de mantê-lo longe da água.

—Não, falso alarme. —Respondeu Rigel. Ele virou-se para a loira ao seu lado. —Esta é Lady Lyra do Explorador.

—O Explorador? —Perguntou Bridget, estudando a mulher, desesperada por descobrir quem ela era, e o que eles estavam fazendo na água. —É um navio?

Lyra olhou para cima, mas não respondeu.

—Ela não está falando no momento. —Disse Rigel. Ele deu a Lyra um olhar esperançoso, um que ela não parecia ver. —Lyra, Lady Bridget também estava na água naquela noite, como você, em um barco diferente.

—Ah. —Lyra disse, sua mandíbula dura. Sua voz profunda soou amarga, como se ela dissesse: —Então você matou sua família também. —Os lábios de Rigel apertaram-se fortemente, mas ele não disse nada.

—Eu vim e agora eu vou. —Lyra olhou para Bridget. A pobre mulher parecia terrível quando ela se afastou, apesar de seu tom e ações rudes. Bridget poderia bem entender os sentimentos de desamparo e frustração em sua situação.

Rigel suspirou. —Com licença. Eu deveria ir com ela.

Caderyn assentiu. Quando estavam sozinhos, ele perguntou: —O que há de errado com ela?

—Como eu deveria saber? —Bridget olhou para Rigel e Lyra. Ele correu para alcançá-la enquanto a mulher ia adiante dele.

—Há outros resgatados naquela noite além de nós três?

—Não. Só você, Lady Lyra e Lady Cassandra. Rigel esperava que uma vez que você era como ela, você poderia nos dizer o que estava errado com Lady Lyra. —Caderyn admitiu. —Ela não fala muito e não tem comido. Rigel está muito preocupado com ela.

—Como você se sentiria, Caderyn, se você fosse arrastado para a superfície e jogado na terra? —Bridget respirou fundo.

—Eu não sentiria nada. Isso me mataria.

—Bem, então talvez isso também a esteja matando um pouco. —Respondeu Bridget, seu tom suave enquanto tentava fazê-lo entender. Ela suspirou. Lyra tinha desaparecido ao redor de um canto com Rigel bem atrás dela. Finalmente, olhando para trás, ela disse. —Eu fiz a minha aparição e estou cansada. Por favor, posso ir deitar e descansar agora?

Ele olhou para ela por um longo momento antes de acenar com a cabeça.

—Deixe-me saber assim que pudermos ir para as fronteiras. —Sem esperar por sua resposta, ela saiu do corredor.

Capítulo Sete

Caderyn manteve sua palavra e levou Bridget do palácio cedo no dia seguinte. Viajando a pé em direção às fronteiras, eles caminharam pela cidade até a floresta. Foram só os dois, e Caderyn não falou muito. Ele parecia ter muito em sua mente.

Na noite anterior, ele tinha dormido no sofá. Bridget tinha ficado acordada, esperando que ele tentasse entrar no quarto. Claro, ela teria se recusado a ter relações sexuais com ele apenas para provar que ela conhecia a palavra 'Não', mas ela ainda estava desapontada que ele nem ao menos tentou. Aparentemente, ele também sabia a palavra. Maldito seja por ter tirado sua chance de ser a única a mostrar contenção! Ainda assim, enquanto ela estava acordada, “Não” não era o que seu corpo estava dizendo.

Bridget usava um robusto vestido de túnica de lã, nada como o belo sári do dia anterior. Era mais quente, perfeito para viajar. Um longo manto retangular de lã vermelha enrolava a túnica. Foi dito a ela que era para dormir ao ar livre. No entanto, ela estava tentada a pedir algumas dessas calças que Aidan tinha. Os vestidos nem sempre eram os mais práticos dos trajes.

Caderyn tinha deixado sua túnica curta para trás, e ela estava secretamente feliz por isso. Vendo suas pernas nuas, sabendo que ele não usava roupas íntimas sob suas roupas, era pura tortura - uma tortura que ela poderia ficar sem no momento. Ele usava uma camisa de túnica, drapejada com um longo pedaço de lã vermelha. Muitas vezes ela se pegou olhando a bainha de sua toga, desejando que ela fosse corajosa o suficiente para levantá-la e explorar as maravilhas de seu corpo magnífico. Ela teria que lembrar a si mesma que ela estava brava com ele, e lhe negaria sexo da próxima vez que ele tentasse.

Tenho um ponto a provar, afinal. Eu não sou uma prostituta. Eu tenho autocontrole. Bridget suprimiu um gemido. Mas ele tem uma bunda tão grande.

As árvores da floresta não eram realmente diferentes das que ela tinha visto na superfície. O chão era rochoso, coberto com remendos de grama alta e ponteiros ocasionais de flores silvestres. A única diferença era o azul mais escuro do céu. Olhando para cima, ela estudou os céus através das copas das árvores e perguntou:

—De onde vem sua luz do dia? Não há sol, e estamos debaixo do oceano. Por tudo isso, deveria estar escuro aqui, e você deveria ter lâmpadas crescendo fora de você para ver como o peixe pescador.

Caderyn fez uma careta, mas respondeu: —Pela vontade dos deuses. Sempre foi assim.

—E o que acontece à noite? —Ela se perguntou em voz alta, percebendo que ela ainda estaria fora durante a noite. —Isso muda? Fica mais escuro?

—Sim. —A palavra era dura, curta e um pouco rude.

Muito para conversa fiada. Bridget fez uma careta às suas costas. Resmungando, ela disse: —Você não tem que ser tão rude comigo, senhor rabugento.

Nisso ele parou. —Diga-me. Por que me perguntar essas coisas quando você não acredita nas palavras que eu digo? É para me testar? Para me irritar? Algum tipo de diversão?

Bridget engoliu em seco. Ela fez um sinal fraco com a mão e fez um movimento para continuar passando por ele. Seus braços dispararam, parando-a.

—Ou você acredita em mim? —Ele disse, olhando profundamente em seus olhos. Ela viu a sutil coloração de escamas roxas ao longo de suas têmporas, o mesmo que quando ele fez amor com ela, o mesmo que quando ele tinha mudado em sua forma de Tritão. Sempre que ele mostrava seus

sentimentos por alguma coisa, elas apareciam, fosse raiva ou medo. —Você acredita em mim, não é? Então por que estamos aqui? O que está acontecendo? O que é isso tudo?

—Eu... —Bridget suspirou pesadamente em aborrecimento.

—Bem? —Ele exigiu.

—Oh, tudo bem! Eu acredito em você. Você está feliz? Eu acredito em você. Eu acreditei em você por um longo tempo. Muitas coisas só podem ser explicadas por ser uma ilha perdida lançada debaixo do mar. Embora eu esteja tendo dificuldade em engolir tudo isso pelos deuses, eu acredito em você.

Caderyn sorriu, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

—Mas isso não significa que eu tenha que ficar feliz com isso.

Bridget cruzou os braços sobre o peito. —E então me ajude, se eu descobrir que você está mentindo e esta é uma instalação de testes do governo, eu vou chutar sua bunda, Tritão. Você me entendeu?

—Você quer fazer o que na minha bunda? —Ele perguntou, deixando um sorriso meio sexy enrolar em seus lábios. Quando ele olhava para ela desse jeito, era realmente muito adorável para palavras. Droga! Lá ele estava sendo todo sexy e desejável novamente!

Suas bochechas arderam de mortificação por ser lembrada do que haviam feito - o que ela tinha feito tanto. Só que ele não parecia repellido por ela. Ver que ele a desejava, não estava ajudando a sua libido hiperativa.

—Diga-me. —Disse Caderyn sorrindo alegremente ao seu lado, enquanto ele começava a andar de novo. —Por que mentir para ir às fronteiras?

—Porque eu quero vê-las. —Bridget mordeu o lábio, caindo no ritmo. Foi bom, estar ao seu lado, sem a tensão de uma luta entre eles.

—Então, por que não me pediu para te levar? Por que tentou me enganar.

—Tive medo que me dissesse não. —Bridget se aproximou dele quando o caminho se estreitou, contente por ver que ainda se afastavam do palácio.

—Por que eu iria negar-lhe uma coisa muito simples? Você nunca pergunta nada para mim. Eu ficaria feliz em fazê-lo se significava tanto para você. —Era apenas imaginação dela, ou havia um pouco de acusação em seu tom.

—Então, você ficaria bem comigo indo para as fronteiras para ver o Fundo do Mar, na esperança de estudar a vida marinha?

—Sim, você pode estudar tudo o que você desejar. —Caderyn permitiu com um encolher de ombros. —Eu vou trazer de volta criaturas do mar de meus mergulhos, se assim você desejar. Apenas me diga o que você gostaria.

Bridget não pôde evitar a explosão de excitação nela. Ela parou, pulando ligeiramente com entusiasmo contido. Isso era o que ela tinha trabalhado por tanto tempo. Estudo profundo do oceano. Ela acreditou quando ele disse que ele traria o que ela quisesse do oceano. Talvez não fosse o jeito que ela planejava estudá-lo, mas era o que ela queria fazer. Perguntou-se o que seus pais pensariam se ainda estivessem vivos para vê-la.

Balbuciando incontrolavelmente, ela o bombardeou com uma série de perguntas. —Sério? Você vai me trazer espécimes vivos para fora do Abismo? Como o peixe no jantar? Eu adoraria vê-los de perto e pessoalmente, quero dizer, um que não estivesse morto e cozido. Eles são agressivos com você? Eles atacam o Merr debaixo da água? Quais são seus ciclos de vida? Quantas espécies você estima estar lá fora? Alguém os classificou? Você tem registro de seus hábitos de acasalamento? Você...?

Caderyn estudou sua esposa, feliz por vê-la tão feliz. Ele não entendeu metade do que ela lhe pediu, mas contentou-se em deixá-la falar. Nunca pensara que oferecer-se para trazer peixes vivos, quebraria sua barreira gelada, e tão rapidamente.

—Eu definitivamente quero uma daquelas lagostas gigantes. Eu não sei se é isso que você os chama, mas era a coisa grande com os tenazes. É um necrófago ou procura comida...?

O sorriso de Caderyn alargou-se. Ela continuou falando sem parar em sua excitação. Naquele momento, ele sabia que ele lidaria com prazer com as mais horríveis criaturas do oceano, apenas para fazê-la feliz.

—... Eu vi uma vez uma imagem de uma lula de vampiro, *vampyroteuthis infernalis*. Significa calamar vampiro do inferno. Gostaria de dizer que é um dos meus favoritos cefalópodes. Ele pode transformar-se de dentro para fora, e é coberto com fotóforos, para dar-lhe uma bioluminescência azul. Você os viu enquanto caçava? Eu sempre sonhei em ver um desses de perto, mas eles só duram alguns meses em cativeiro. Oh e...

Por todos os deuses! Bridget era linda quando falava sobre sua ciência. O corpo de Caderyn movia-se para ela, sempre se movia para ela. Seus olhos iluminaram-se, brilhando como gemas das paredes da Caverna de Cristal. Ele nunca tinha pensado em todas as criaturas oceânicas, pelo menos desde que elas foram lançadas abaixo da água. Eles estavam lá, e ele costumava nadar.

—... Água-viva, enguia gulper. Eu adoraria saber se as baleias de esperma caem tão profundamente para se alimentar de lulas gigantes. Eu adoraria ver uma baleia e uma lula - uma enorme, a maior lá fora, embora eu não tenha certeza que você seria capaz de trazer esse espécime de volta. Sabemos que as duas espécies lutam, porque vimos cicatrizes nas baleias. E você sabia que as lulas têm os maiores olhos de qualquer criatura na Terra, e nós nunca conseguimos capturar uma viva. Você pode imaginar? Quero dizer, bem, você provavelmente pode, mas...

—Bridget? —Interrompeu Caderyn.

—Sim? —Ela perguntou, piscando rapidamente enquanto olhava para ele.

—Você está falando rápido. —Caderyn estudou suas bochechas coradas.

—Humm-hum. —Ela zumbiu suavemente. Seus olhos mergulharam até sua boca. Sua respiração se aprofundou notoriamente.

—Sim, eu estou. Eu estou...

Caderyn se enrijeceu de surpresa quando ela passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou com força. Ela gemeu suavemente, esfregando a língua ao longo da abertura de seus lábios, incitando-o a separar sua boca para ela. Ele o fez, e foi recompensado com o deslizamento morno, sedoso de sua língua ao longo da dele. Sua mão cravou em suas roupas puxando para ela.

Calor e desejo espalharam-se por ele, erguendo a massa entre suas coxas. Ele duvidava que um dia se cansasse dela, da sensação sedosa de sua buceta enrolada em seu duro comprimento. Ela agarrou suas roupas, tentando levantar a toga e expor seu corpo.

Estavam no meio da floresta. Sabia que não deveria parar, que deveriam continuar caminhando, mas suas mãos tinham mentes próprias enquanto tirava a capa vermelha dos ombros. Seu pacote de suprimentos caiu com ela, e ele deslizou o seu próprio de seu ombro.

—O que foi isso? —Ele perguntou quando ela o deixou respirar.

—Porque eu vou ter uma vida. —Ela disse, inclinando-se para cima para capturar sua boca com a dela. —Estou muito feliz por não ser apenas uma dona de casa reparando roupas e limpando o dia todo.

Bridget não pôde evitar quando o beijou. Ela estava tão feliz. Bem aqui, agora, ela estava feliz. Prazer explodiu sob sua pele em cada lugar que ele tocou. Suas mãos fortes estavam puxando seu vestido, puxando-o para cima, expondo suas pernas antes de deixá-lo cair para cobri-la mais uma vez.

Ela sentiu a pressão de sua ereção no estômago, amarrada por suas roupas. Seu pau já estava tão cheio, tão duro, grosso e poderoso. Ela ficou molhada em resposta, sua buceta praticamente palpitava pela sensação dele dentro dela. Ele nem a tinha tocado ali, e estava muito molhada para ele.

A toga drapejada caiu de seus ombros para pendurar no cinto em torno de sua cintura. Bridget imediatamente foi trabalhar puxando a camisa da túnica sobre sua cabeça. A camisa prendeu os braços para cima, cruzando-os sobre sua cabeça. Ela o manteve preso, apenas a boca exposta sob a camisa.

Ela amava os músculos de seu peito. Eles eram tão firmes, tão suaves e quentes. Bridget beijou seus mamilos, brincando, mordendo de um para o outro, uma vez que ele estava preso diante dela. Sua boca se abriu, esticando-se largamente enquanto tentava sacudir o rosto livre da túnica cobrindo seus olhos. Ela beliscou sua mandíbula e garganta, lambendo-o, beijando-o, sugando sua carne. Ele era tão bom, e cheirava ainda melhor. Seus lábios baixaram, capturando os dela, e ela finalmente soltou a camisa para que ele pudesse puxar para fora dela.

Seus braços fortes a envolveram mais uma vez, puxando-a para perto. Passando as mãos sobre o vestido de lã, ele tocou seus lados, suas costas, seus seios. Gemidos suaves escaparam dela. Era muito bom. Ela pensou que estar com ele sob o feitiço eufórico por uma semana tinha sido sensacional, mas senti-lo enquanto ela tinha uma mente clara, era muito melhor. Mas com a clareza veio pequenos pedaços de medo.

Bridget tentou retardar seu amor. Ela se afastou. —Caderyn, eu...

—Shh. —Ele disse contra sua garganta, beijando seu pulso. Ele aproveitou a distância que colocou entre seus corpos e levantou o vestido sobre a cabeça. Quando ela estava nua, ele se afastou, olhando para sua carne com olhos aquecidos.

Bridget olhou para o caminho da floresta. Caderyn não parecia se importar onde estavam, quando ele inclinou-se para puxar um peito profundamente em sua boca. Ele a chupou com força, sem parecer precisar de ar, enquanto girava a língua em torno de seu mamilo ereto. Seus lábios criaram um selo em seu peito, sugando vigorosamente. Foi uma sensação estranha, mas sentiu-se tão bem, que enfiou as mãos em seu cabelo e manteve-o firme. A pressão de seus beijos profundos disparou flechas de necessidade em linha reta abaixo em seu corpo, a sua buceta molhada.

Caderyn estava com os músculos tão apertados. Cada movimento de seu comprimento firme estava bem definido. Palmas quentes deslizaram até sua bunda, massageando as nádegas, separando-as. Com frustração, empurrou os quadris para mais perto dele, apenas para descobrir que a toga ainda estava presa ao redor de sua cintura, pelo cinto de pano que usava.

Suas unhas raspavam suas costas quando ele afastou sua boca, e continuou a mesma gratificante tortura de chupar o outro peito. Ela jogou a cabeça para trás em êxtase, gritando com espasmos trabalhados de seus seios, até seu sexo apertando. Olhando para baixo, ela observou sua boca em seu corpo. O mamilo abandonado apontava como um farol por mais.

Quando Bridget empurrou seu cabelo para trás, ela viu o sombreado roxo ao lado de seus olhos. Lembrava-lhe como eram diferentes. Em vez de repulsa, a excitava. Como Merr, ele provou ser viril, gracioso e forte. Ela gemeu tão perto do orgasmo, com apenas sua boca e mãos em seu corpo.

Desesperada para tê-lo nu, ela remexeu com o restante de sua roupa, tentando encontrar o cinto nas dobras profundas. Sua ereção dura bateu em suas mãos. Instantaneamente, ela o agarrou, massageando-o através das dobras de lã. Ele fez um barulho suave, desprendendo a boca de seu peito. Seria tão fácil puxar o material para libertá-lo, mas ela não fez enquanto continuava a passar a mão para cima e para baixo, sentindo cada centímetro de seu pau.

Caderyn balançou seus quadris contra sua mão, enquanto segurava o cinto em sua cintura. Ela viu pequenas rugas formando em seus antebraços onde suas barbatanas se erguiam. Então, com um som de triunfo, ele

encontrou o cinto e o puxou. O material deslizou de seus quadris, liberando sua excitação.

Bridget agarrou seu traseiro duro e flexionou sob suas mãos. Ele grunhiu em aprovação antes de colocar seu braço sob suas pernas, e colocá-la em suas roupas descartadas. Ficou espantada com a rapidez com que se movia, a facilidade com que a ergueu, como se nada pesasse. Quase instantaneamente, ele se colocou entre suas coxas abertas.

O material de lã não era suficiente para suavizar o chão duro sob suas costas. Ela não se importava. Alcançando entre eles, ela envolveu sua mão em torno de seu pau. Era tão assustador em largura, que ela sentiu aquele momento de medo e excitação ardendo dentro dela, enquanto ela o guiava para seu corpo. Ela ficou tensa, esperando o primeiro impulso, o momento em que ele iria enchê-la e esticar seu corpo menor para ajustá-lo.

Bridget tinha gostado de estar com ele enquanto estava sob o feitiço eufórico, mas esse momento era muito mais íntimo e especial. Suas inibições estavam de volta, e ela percebeu o quanto estava em jogo. Queria agradá-lo, e tinha medo de não se divertir.

—Você está pensando demais nisso. —Ele sussurrou, beijando sua testa. —Eu posso ver pelo olhar em seu rosto. Apenas aproveite o momento. —Ela gemeu. Ele estava certo. Analisar e pensar demais sempre fora seu problema. —Apenas me sinta, Bridget. —Sua voz era tão leve, tão suave que ela mal ouviu sua súplica. Sua boca caiu sobre a dela, persuasiva e gentil. —Faça amor comigo. Saiba que eu acho que você é linda. Não há nada para se preocupar, nada para você considerar.

Bridget gemeu, suas palavras mexendo em sua mente. Isso era o que ela queria, e o olhar em seu rosto disse que ele queria isso também. Ela puxou seu corpo, arqueando um pouco para ele. Seu pau a abriu quando ele empurrou com confiança dentro dela. Foi tão bom. Sua buceta estava tão pronta para ele, que ele deslizou facilmente em seu creme.

—Ah! —Ela gritou. —Caderyn.

—Sim, você é tão apertada. —Ele gemeu suavemente, apoiando seu peso em suas mãos. —Eu amo como seu corpo me aperta.

—E você é tão grande. —Ela disse quase timidamente, naturalmente abrindo ainda mais suas coxas em sua insistência. Se ela bem lembrava, ele gostava quando ela falava com ele, vocalizando seu desejo. Ele a beijou, fazendo barulhos animais de prazer em sua boca.

Bridget passou as mãos pelas costas e pelos ombros, estendendo a mão para tocar seu cabelo sedoso. Seus pés cravaram na terra rochosa, apoiando seu corpo enquanto ela empurrava para encontrá-lo. Quando ele foi ajustado profundamente, começou a puxar para fora.

—É tão bom. —Ela sussurrou, fechando os olhos brevemente, só para abri-los novamente. Ela adorava ver seu físico forte flexionando e movendo-se, os músculos ondulando sob a superfície de sua pele bronzeada. Naquele momento, sentia-se como no céu.

Caderyn realmente sabia como controlar o impulso de seus quadris, obviamente a partir de seus anos passados nadando debaixo da água. Ele manteve seu pau profundo, trabalhando em círculos rápidos, quase vibrando. A pressão bateu contra o doce ponto em sua passagem, e ele alcançou entre eles, tocando seu clitóris. Bridget agarrou seus braços, segurando firme quando seu primeiro clímax a atingiu. Logo foi seguido por um segundo. Ele continuava movendo-se fundo e rápido, o ritmo desumano em sua intensidade. Ela gozou pela terceira vez, seu corpo sacudindo incontrolavelmente. Caderyn finalmente gozou dentro dela, gemendo e ofegando descontroladamente. Seu corpo esticou-se acima dela, e ele inclinou a cabeça para trás. As suaves ondas do cabelo dele roçaram seus ombros.

Quando sua respiração voltou ao normal, Caderyn recostou-se. Sem sair dela, ele manteve a maior parte de seu peso fora dela, apoiado em seus cotovelos, prendendo-a abaixo dele. Ele se afastou, acariciando seu pescoço com beijos, gemendo em suave contentamento.

Bridget virou o rosto dela de forma tímida quando ele moveu-se para beijá-la. Sua boca roçou o canto de seus lábios. Ela estremeceu de prazer, mas ainda não conseguiu forçar-se a olhar para ele.

—O que é? —Ele perguntou delicadamente, mordiscando o lóbulo da orelha antes de lambar sua orelha. A doce carícia provocou arrepios em sua espinha. Ela estava muito fraca para detê-lo, e, no entanto, o simples toque a estava fazendo voltar a aquecer lentamente, mesmo quando seu corpo precisava de uma pausa para acomodar. Sua forma grande manteve-a quente, mesmo quando a brisa esfriou o brilho claro de suor de sua pele.

—Eu não quero que você pense que eu sou uma... Uma... Que eu sou uma... —Bridget parou, fazendo um som de embaraço. Ela só sabia que seu rosto estava vermelho.

—O quê?

—Eu não quero que você pense que eu sou uma prostituta! —Ela resmungou em sua respiração.

Caderyn levantou a cabeça de seu pescoço e riu. —Você tem que dormir com muitos homens por dinheiro para ser uma prostituta. Por que eu pensaria tal coisa de você? Você não se atirou em nenhum outro, atirou?

—Bem, não... —Ela disse, estreitando os olhos para estudá-lo. Ele beijou ligeiramente o canto de sua boca enquanto ela tentava falar. Sua língua passou por cima de seu lábio inferior, distraíndo-a completamente.

—Mas, humm, eu estive...

—Perfeito. —Ele disse, silenciando-a com um beijo profundo. Quando ele recuou, ele roçou seu nariz ao longo do dela, olhando profundamente em seus olhos. O roxo uma vez mais a atingiu com sua beleza, e ela não podia desviar o olhar. —Você foi perfeita, Bridget. Absolutamente e completamente perfeita. —Bridget sentiu o calor subir a suas bochechas, mas foi com prazer desta vez, não constrangimento. Ela esqueceu tudo sobre suas inseguranças enquanto ela o puxava de volta para um beijo. Este momento foi como ele disse.

Totalmente perfeito.

Depois que eles conseguiram parar de beijar e falar tempo suficiente para se vestir, mais uma vez continuaram pelo caminho. As mãos de Caderyn constantemente desviavam-se para seu corpo, puxando seu quadril para que ela estivesse perto de seu lado, envolvendo seu braço em torno de seu ombro para travessamente colocar uma das mãos sobre seu peito. Ela não se importava que ele a tocasse em possessividade tão aberta, nem se importava com as sensações de prazer que ela tinha quando ele o fazia.

Quando chegou a hora de comer, Caderyn puxou comida de sua mochila, rolando o peixe e o queijo verde em pão plano. Sorrindo, ele disse: —Você inspirou um novo estilo de comer. Todo mundo está embrulhando seus alimentos agora.

Bridget riu. —Certamente alguém já pensou nisso antes.

—É tão simples, você teria pensado assim. —Ele concordou, dando uma mordida. —Às vezes, quando você faz algo de uma maneira por tanto tempo, você não pode ver outras opções.

Bridget observou seu rosto enquanto mastigava, antes de olhar para o queijo verde. Ainda parecia errado. Lentamente, ela tocou a ponta de sua língua nele. Quando ela não amedrontou, ela enfrentou uma pequena mordida. Experimentou por um ângulo diferente. Uma mistura entre suíço e provolone.

—E então? —Perguntou Caderyn, acenando para a comida com expectativa.

—Não é ruim. —Concordou Bridget com um aceno de cabeça satisfeito. —Desde que eu não olhe para a cor. De onde eu venho esse material é branco ou laranja, e verde significa que é muito ruim.

Seu sorriso alargou-se. Ela terminou sua refeição em silêncio, pois estava muito ocupada comendo e desfrutando da beleza tranquila da floresta. Não havia insetos, mas ela achou que ouviu o som de alguns pássaros. Caderyn pegou algumas ervas e deu-lhe várias para mastigar antes de estalar algumas em sua própria boca. Elas tinham gosto de hortelã e os livraram do sabor do peixe em sua boca.

A noite caía. Eles conversaram por um longo tempo, principalmente sobre coisas não importantes, mas foi bom. A tensão entre eles se foi, e o dia parecia passar tão rápido, que ela quase não percebeu que era hora de parar de andar.

Ficou mais escuro, e Caderyn parou para a noite ao longo do caminho, em uma pequena clareira gramínea. Bridget observava o céu com curiosidade. Não havia nenhum pôr-do-sol vívido, mas, mais uma mudança sutil das cores através dos céus subaquáticos. Então, para seu espanto, o que pareciam estrelas, começou a dançar em torno do céu escuro azul-preto. Ocasionalmente, as luzes se separavam, mostrando uma faixa preta passando.

—O que é isso? —Ela perguntou, olhando para Caderyn quando ele começou uma pequena fogueira.

—Chamamos de estrelas do mar. São pequenos peixes brilhantes, que são atraídos pelo calor de nossa cúpula, e iluminam a noite. —Ele sorriu, olhando para cima brevemente. Então, tomando sua capa, ele a pôs no chão junto ao fogo. —Aqui, deite-se ao meu lado. Você pode vê-los melhor. As faixas escuras são geralmente criaturas oceânicas que nadam muito perto e espalham-se.

Bridget olhou para baixo. Era frio, mas não ruim. A lareira alaranjada brilhava sobre seu corpo. A camisa de túnica caiu sobre suas coxas, mas não escondeu a pequena protuberância formando. Ela tirou o manto e se estendeu ao lado dele, apoiando a cabeça no braço dobrado.

A beleza das estrelas do mar empalideceu. Seus olhos olharam para cima, mas sua concentração estava focada em Caderyn. Ela o sentiu virar, e olhou para ele enquanto ele virava de lado, mantendo a cabeça em seu braço.

—Eu não consigo me cansar de você. —Com um suave gemido, ele beijou seu pescoço, bem abaixo de sua orelha. Ela não podia deixar de sorrir. Suas mãos andavam vagando o dia inteiro.

—Eu vejo você, e eu só quero te tocar.

—Então me toque. —Ela sussurrou, virando seu rosto para o dele. Ele a beijou profundamente. Ela segurou sua bochecha, sentindo sua mandíbula mover-se sob seus dedos. Suas respirações misturaram-se. A felicidade brotou dentro dela, e uma risadinha escapou de sua garganta.

—O quê? —Perguntou Caderyn, afastando-se.

—Nada. —Ela sorriu. —Faça amor comigo.

Ansiosamente, ele obedeceu, puxando as roupas de seu corpo e jogando-as de lado. Ela estava deitada de costas, observando-o. Quando ele voltou para ela, seu toque foi gentil. Ele tirou sua roupa, e então, passou a fazer amor com ela lentamente, apenas com a luz do fogo. O calor das chamas acariciava sua pele enquanto o céu continuava a escurecer. Bridget se levantou do seu lado, empurrando Caderyn para beijar seu peito, enquanto ela corria os dedos vagamente sobre sua ereção.

—Eu tenho pensado muito sobre isso ou... Tudo. —Disse Caderyn suavemente, sua respiração acelerando enquanto seus dedos deslizavam para suas bolas, rolando então em sua palma.

Bridget não pôde deixar de rir disso. —Já o fez?

—Humm, sim. —Ele riu. —Quero provar você também.

Bridget estremeceu. Sua mão correu para seu quadril, amassando sua carne.

—Isso é bom? —Lentamente, ela balançou a cabeça, sem palavras enquanto pensava em sua boca se fechando em seu sexo.

—Bom. Eu estava esperando que você dissesse isso.

Caderyn virou-a de costas em um movimento rápido. Ele beijou seus seios, chupando-os quando ele girou seus mamilos com a língua. Então, trabalhando para baixo, ele ansiosamente abriu suas coxas.

Bridget ficou tensa com a antecipação, sem mais se sentir constrangida com Caderyn. Ele a lambeu primeiro, gemendo suavemente, enquanto ele passava a língua sobre suas dobras. Então, quase agressivamente, ele rosnou, e fechou a boca em sua buceta molhada. Seus dedos agarraram seus quadris, puxando-a mais perto enquanto ele entusiasticamente lambeu e chupou seu clitóris.

Bridget agarrou-se ao lado tentando ancorar os dedos na grama macia, enquanto ele praticamente devorava seu sexo. O que lhe faltava na prática, ele mais do que compensou com paixão e entusiasmo. Ela nunca tinha ouvido falar de um homem se divertindo tanto quanto Caderyn. Ele grunhiu e gemeu, tomando sua língua em longos cursos acima de sua fenda, cobrindo cada centímetro. Algumas vezes sua carícia úmida mergulhava mais baixo do que qualquer homem jamais tinha ido. Ele não parecia notar.

—Tem um sabor tão bom. —Ele rosnou, bebendo em seu creme, antes de enfiar sua língua em seu corpo. —Humm, tão viciante.

Bridget o observava espantada. Era muito erótico ver seu belo rosto entre suas coxas, enquanto ele se divertia tanto. Arqueando suas costas, ela se abaixou para ajudá-lo. Ela puxou o queixo, deslizando a boca sobre o clitóris. —Ah... Ah chupa.

Ele prontamente obrigou seus lindos olhos a erguer-se para encontrar os dela, antes de rolar arrebatadamente para trás em sua cabeça. Ela agachou-se no chão enquanto ele fechou a boca sobre a carne sensível. Ele sugou profundamente, passando a língua por seu clitóris. Um dedo empurrou para dentro de seu corpo, ondulando ligeiramente, batendo automaticamente naquele ponto doce.

Bridget gritou. Era demais. Sensações a inundaram até que ela estava agarrando suas mãos acima de sua cabeça para ficar longe de sua boca agradável. Ele não desistiu, e ela ficou feliz por isso. Um intenso orgasmo a

atingiu, balançando-a até o âmago. Quando ela foi reduzida a uma tremulante massa de sílabas incoerentes, ele parou de chupar e olhou para ela.

Um sorriso orgulhoso espalhou-se por suas feições, como se soubesse que tinha feito um bom trabalho. Bridget estava muito cansada para mover-se. Seu coração martelava violentamente, e tudo que ela podia fazer era olhar para ele com um olhar atordoado em seu rosto. Ele beliscou levemente sua barriga, fazendo seus quadris tremerem, antes de rastejar sobre ela.

—Humm. —Ele disse, beijando seu pescoço. —Faremos isso muitas vezes.

—Ah-ha-mm-oh. —Era tudo o que Bridget poderia dizer. Até seus ossos pareciam ter se transformado em líquido, derretendo em um mar de puro êxtase.

Sentir-se vagar, vagar pelo seu corpo enquanto Caderyn continuava a ter seu caminho com ela, beijando e explorando onde ele queria. Ela estava fraca, mas de alguma forma conseguiu acariciá-lo. Para seu espanto, ela se excitou novamente. Ela não teria pensado que fosse possível, após um orgasmo tão intenso.

—Você está usando sua euforia em mim de novo para me fazer querer você? —Ela perguntou, antes de soltar um alto e longo gemido de prazer.

—Qualquer euforia será da nossa própria sorte. —Disse ele, esfregando o pau ao longo da fenda. —Estou pronto para estar em você.

Com um rosnado, ela o virou de costas. Apertando os braços, ela o beijou. Seu gosto estava em sua boca, misturado com a erva de hortelã que havia mastigado anteriormente. Era poderosamente sedutor.

Levantando-se, ela abaixou seu corpo sobre o dele, levando-o para o fundo. Ele gemeu. Sentindo-se poderosa, ela o segurou enquanto ela se aproximava dele, acariciando seu corpo lentamente com o dela. Bridget sabia que ele era forte o suficiente para libertar-se, mas ele não lutou contra sua mão em seus pulsos, enquanto ele deixava que ela tivesse seu caminho com

ele. Seus pés se apoiaram quando ele levantou seus quadris do chão, pressionando profundamente dentro dela.

A luz do fogo dançava sobre seu forte abdômen e peito. Ele era lindo. Os sons suaves que ele fazia combinados com a aparência de seu corpo, eram demais. Bridget ficou tensa, tremendo com seu clímax. Caderyn grunhiu, respondendo a sua chamada quando ele entrou dentro dela. Depois, ela deitou-se sobre ele por um longo tempo, apreciando a sensação de sua carne dura sobre seu corpo mais macio.

A brisa fresca da noite atingiu sua pele. Bridget estremeceu quando o brilho fino do suor em seu corpo secou. Caderyn a enrolou e agarrou seu manto para cobri-los. Ela deitou-se ao lado dele, desenhando círculos em seu peito nu.

—Posso te perguntar uma coisa? —Ela perguntou, quebrando o silêncio confortável.

Ele beijou sua têmpora. —Qualquer coisa.

—Vou ficar grávida? Nós não temos usado proteção e, bem, eu apenas quis saber. Não vi crianças por perto.

Caderyn endureceu e sentou-se. Ele virou as costas para ela, esticando os braços acima da cabeça. Seus olhos vagavam sobre suas costas e seu traseiro forte.

—Você quer filhos? Você gostaria de ter uma criança meio-peixe, um percalço genético meio humano?

—Não diga isso. —Disse ela, sentando-se. Bridget passou as mãos pelas costas fortes. —Eu nunca deveria ter te chamado assim. Eu estava assustada e atacando. Eu não acho que você é um acidente genético.

Ele assentiu, mas ainda não olhou para ela. —Você quer um bebê?

—Eu não sei. Honestamente, nunca foi algo que eu considere. —Disse ela. —Você?

—Eu não penso nisso. —Ele parecia triste.

Bridget afastou os cabelos para que pudesse ver seu rosto.

—Caderyn? O que foi?

—As chances de você conceber uma criança são poucas. —Respondeu Caderyn, abatido. —Se você conceber é altamente improvável que você levará o bebê até o seu nascimento, e ainda menos provável que ele viva além desse ponto.

—Eu entendo. —Bridget esfregou sua bochecha ao longo de suas costas, quando ela passou seu braço em torno de seu estômago magro, acariciando seus dedos sobre a crista dura de músculo que ela encontrou lá.

—Se nunca tivermos um filho, não será por falta de tentativa.

Ele olhou para ela, seus olhos lilases questionando. —Isso significa que você está feliz no casamento?

—Eu acho que era um pouco cedo em nosso relacionamento para termos nos casado. Não é como as coisas são feitas de onde eu venho. Mas, se eu tivesse que me casar com alguém, fico feliz que seja você. —Bridget beijou seu ombro, mordendo alegremente. —E, se eu tiver que ficar casada com alguém, eu escolheria ficar casada com você.

—Talvez, com o tempo, eu possa mudar essas palavras. —Caderyn a envolveu em seus braços, puxando-a para perto de seu peito enquanto ele se deitava de novo.

Bridget não disse uma palavra, enquanto olhava para as estrelas do mar dançando. De que outra forma ela poderia ter respondido? Não é como se ela pudesse declarar seu amor por ele. Isso teria sido estúpido, não é? E se ela achasse que talvez ela o amasse? Ou que ela não conseguia pensar em outra pessoa em sua cama se não Caderyn?

Mas, para dizer que ela o amava? Tão cedo?

Bridget fechou os olhos, satisfeita por estar apenas em seus braços. O que ela sentia não era lógico ou racional. Não era algo que ela estivesse disposta a dizer em voz alta. Ainda não. Não sem ele dizendo isso primeiro.

Caderyn segurou a mão de Bridget enquanto a guiava pelo caminho. O assunto das crianças era sempre sensível com os Merr, e ele estava preocupado sobre como ela reagiria ao conhecimento. Na verdade, ele daria quase tudo para ter filhos. Um menino para criar, um homem, uma menina para se preocupar e proteger. Se ela tivesse a aparência da mãe, ele teria que fazer muita proteção.

Caderyn suspirou. Não adiantava pensar nisso. Se tivesse Bridget, seria bastante de uma família.

Olhando seu rosto, ele sorriu ao ver o ligeiro enrolamento em seus lábios. Ela estava mastigando novamente, pensando profundamente. A mulher sempre estava pensando, sempre olhando ao redor de coisas - natureza, o céu, ele. Seus olhos pareciam calcular e planejar, analisar e estudar. Era realmente muito adorável.

—Estamos perto de casa. —Disse ele, entrando em seus pensamentos. Ela piscou, e seu sorriso alargou-se quando lhe levou um momento para se livrar de sua profunda contemplação. Ele fingiu não notar o atraso em sua resposta.

—Sério? —Ela olhou em volta, surpresa. —Maravilhoso, eu não posso esperar. Eu realmente gostaria de um chuveiro e uma cama macia e quente para dormir. Eu acho que eu não fui feita para esta vida de “Homem ao ar livre”. Pelo menos quando eu estava em barcos, eu tinha uma cama e o oceano para me balançar para dormir.

Ele riu. Ela já se queixou do chão duro mais de uma vez desde que eles tinham acordado. Apontando para a floresta, Caderyn disse:—Há um lago por aqui. Podemos parar e descansar se quiser. Deve haver algumas bagas em flor que podemos comer, e você pode nadar se você quiser tomar banho.

—Humm, parece adorável. —Bridget sorriu. —Nadar será a maneira perfeita e preguiçosa enquanto estivermos fora à tarde.

Caderyn abriu o caminho para a floresta, andando mais devagar, enquanto passavam por troncos caídos e cobertos de musgo. Ele levantou automaticamente a mão para ajudá-la. —Mas eu posso pensar em melhores maneiras de passar uma tarde.

Bridget sorriu ante a continuada consideração de Caderyn. Ela pensou que estar casada com um homem antiquado seria horivelmente sufocante. Mas, não era. Ele era doce e atencioso. Havia algo a ser dito sobre um homem que estava constantemente tentando proteger sua mulher. Seja dos perigos do Abismo ou de escorregar em um tronco musgoso. O que o tornava ainda mais doce, era que Caderyn não parecia ter que pensar em fazer as pequenas coisas. Ele simplesmente as fazia automaticamente. Seu marido era um verdadeiro cavalheiro.

Uma tranquilidade entre eles, e Bridget realmente sentia-se confortável com ele. Ele era brincalhão, engraçado, e um amante muito bom. Seu entusiasmo e criatividade eram ilimitados. Às vezes, ela o pegava estudando-a com um olhar diabólico em seu rosto, como se ele estivesse contando os minutos até que ele pudesse tê-la nua novamente. Esse olhar sozinho poderia fazer seu corpo responder. Seu batimento cardíaco acelerava. Seus pulmões arquejavam. Sua buceta ficava tão molhada e dolorida, que apenas andando e pensando sobre sexo com ele, estimulava seu corpo em uma urgência febril.

Como agora. Bridget sorriu, olhando sua parte traseira dura. Ela amava seu traseiro. Que mulher não gostava? E seu abdômen? Tão duro e firme. Era errado ficar feliz pelo Merr não ter muitas mulheres? Ela realmente não queria compartilhá-lo, não que ela pensou que ele faria isso com ela. Mas, ela

gostava de pensar nele como seu delicioso segredinho. Um segredo que ela não tinha ideia.

Bridget lentamente lambeu seus lábios, lembrando a sensação e o gosto de seus beijos. Seu corpo era tão sensível, especialmente seu traseiro. Desde que a euforia havia passado, ela não conseguiu levar a mão de volta para parte de baixo dele. Pensando nisso, ela se perguntou quanto tempo seria antes que ela pudesse tê-lo nu na água.

—Humm... —Ela gemeu suavemente, pensando em lambê-lo na água, na carne apertada de sua parte traseira. Ele olhou por cima do ombro, olhando-a fixamente. Ela deu um sorriso tímido, encolhendo os ombros por ter sido pega. Com uma risada suave, ele virou, continuando a liderar o caminho.

Bridget tirou o manto vermelho. Então, jogando-o sobre sua cabeça para que ele não pudesse ver, ela brincou empurrando o braço de Caderyn enquanto ela corria à frente dele.

Ele riu, puxando-a. Ela olhou para trás, vendo a bagunça que ela tinha feito em seus cabelos castanhos ondulados. Porra, mas o apelo sexual do homem nunca cessava?

Seus olhos estreitaram, e ele deu-lhe um grunhido quando correu atrás dela a perseguindo divertidamente. Bridget gritou e correu pela floresta quando ele aproximou-se em sua perseguição. Ela empurrou para o lado vários galhos baixos de árvores com cuidado, para que eles não se encaixassem de volta em seu rosto, enquanto ela movia-se.

Sem aviso, a floresta abriu-se em uma grande clareira. Costa arenosa levava diretamente em um lago azul escuro. A água era brilhante à luz do dia. Se ela não estivesse observando onde ela estava indo, ela poderia ter corrido direto para ele. As árvores cresciam perto da borda da água, em todos os lados, menos de um. No lado sem árvores, havia um alto penhasco que se erguia sobre a costa, sobressaindo sobre a água.

—Uau, é lindo. —Bridget disse, detectando Caderyn atrás dela. Ele a pegou, envolvendo seus braços ao redor de sua cintura, e inclinando-se para

morder de forma brincalhona em seu pescoço. Antes que ela pudesse reagir, ela ouviu um respingo na água. Caderyn afrouxou seu aperto sobre ela ao som. Ela saiu de seus braços perto da beira do lago, a curiosidade ficando nela. Parando a poucos centímetros da água, ela perguntou: —O que era aquele barulho? Peixe de algum tipo? Há alguma coisa nesta água?

Para responder a sua pergunta, uma cabeça saiu da água. Era uma sereia. Seus longos cabelos negros estavam enfeitados em sua cabeça, e seus olhos verdes brilhavam, quase assustadoramente, enquanto ela olhava para a praia. Bridget estava impressionada ao vê-la, a natureza da cientista tomou controle quando ela tentou um melhor olhar para a mulher.

A sereia não apareceu para vê-los, quando ela levantou suas mãos acima da superfície, e usou-as para puxar seu corpo para cima na borda rochosa. Ela saiu da água em um movimento gracioso. Sua cauda combinava com seus olhos, um verde cintilante à luz do sol. As barbatanas ao longo de seus antebraços eram menores que as de Caderyn. Seus seios nus eram grandes, e ela não fez nenhum movimento para cobri-los quando se recostou na rocha.

Bridget olhou para Caderyn, sentindo-se um pouco ciumenta, enquanto olhava para a mulher bonita e nua. Para sua surpresa, ele estava franzindo a testa para a sereia. Muito tranquilamente, ele disse pelo canto da boca: —Devemos ir, Bridget. Agora mesmo. Antes que elas nos vejam. Apenas recue lentamente e tente não fazer barulho.

Caderyn agarrou seu braço e tentou puxá-la de volta com ele, mas a sereia de olhos verdes tinha os visto. Logo, uma segunda cabeça surgiu na água. Desta vez foi uma sereia ruiva que saiu da lagoa como a primeira, com os olhos da mesma cor brilhante que o cabelo dela. O sombreamento demoníaco fez Bridget tremer de medo. A sereia vermelha sentou-se perto da verde, mergulhando sua cauda vermelha na água em traços preguiçosos.

—Quem são elas? —Bridget perguntou, quando Caderyn novamente puxou seu braço para vir com ele. Ela estava hipnotizada pelas mulheres. Apesar do olhar assustador em seus olhos, eles eram tão bonitos, tão graciosos, cativantes.

—Olímpicas. Elas odeiam humanos, e qualquer coisa que venha deles.
—Caderyn disse em um tom silenciado. Outra sereia surgiu, e depois outra; uma azul e uma violeta. De repente, mais à superfície, até quase uma dúzia de mulheres Merr estavam olhando para os dois. Suas caudas e os olhos, correspondentes a uma variedade de cores. Algumas das mulheres subiram sobre o afloramento da rocha, outras ficaram na água, balançando ao longo da suave agitação da superfície do lago.

—Nós realmente deveríamos começar a correr, Bridget. Agora.

Perguntou Bridget, confusa. —Por quê? Elas são tão...

—Corra! —Caderyn ordenou, sua voz um grito. Ele apertou seu braço. Bridget gritou de surpresa enquanto a apertava, afastando-se dele como um reflexo. Com um olhar de desculpas formando em seu rosto, ele abriu a boca para falar. As palavras nunca saíram de seus lábios.

Nesse momento, uma mão saltou da água limpa. Bridget não tinha visto a sereia nadar tão perto deles. Ela gritou quando a mão a puxou para dentro da lagoa. Os dedos a seguravam com força nas pernas e nos braços, arrastando-a para baixo. A água salgada punha seus olhos e queimava seu nariz, enquanto ela respirava um pouco dela. Ela inundou sua boca aberta enquanto era puxada para baixo da superfície. Ela viu as sereias claramente, seus olhos selvagens de ódio enquanto elas empurravam seu rosto e pescoço, mantendo-a para baixo. Elas socaram seu estômago, fazendo-a estremecer de dor, fazendo-a ofegar como se estivessem tentando forçar a água em seus pulmões para afogá-la. Seus cabelos se aglomeravam sobre ela, bloqueando a luz do sol em uma variedade colorida de seda flutuante.

Seu corpo formigava e queimava. Tinha sido apenas uma questão de segundos antes de ver Caderyn sob a superfície no caos. Ele arrancou as sereias de seu corpo, empurrando e jogando-as na água. Mas havia tantas delas, e levou muito tempo para combater as mulheres. Fracamente, ela as ouviu gritar quando foram jogadas fora. Elas persistiram, voltando para ela, atacando Caderyn de todos os lados, empunhando suas unhas como garras. O sangue do peito nublou a água.

Bridget foi atingida no estômago, com uma rápida bofetada da cauda de uma sereia. Ela ofegou de dor, incapaz de prender a respiração por mais tempo enquanto enchia um pulmão de água salgada. Ela sentiu as sereias de repente soltarem, com seu corpo convulsionando quando a escuridão ameaçou sua mente.

Capítulo Oito

Caderyn olhou fixamente para Bridget, atordado demais para se mover. Seu corpo estava flutuando na água, seu rosto pálido e sua boca frouxa. A ideia de perdê-la o rasgou, tornando difícil puxar água em suas brânquias com o seu coração espremido de medo.

—Estamos muito atrasadas. —Ouvindo uma olímpica dizer.

—Aconteceu. Estamos muito atrasadas!

—Vamos. —Respondeu outra, o tom gotejando raiva e ódio. —Não há mais nada que possamos fazer aqui.

Caderyn sentiu as sereias nadarem para longe dele, amaldiçoando-o, odiando-o. Ele não se importava com o que pensavam dele. Os sentimentos eram mútuos. Ele também não gostava delas. As olímpicas eram um grupo horrível de mulheres.

Depravadas, zangadas, assassinas e, provavelmente, insanas.

Ele ainda não podia se mover, enquanto seu corpo lentamente flutuava em direção à superfície. As feridas em seu peito na água salgada doíam, mas ele ignorou a dor. Seus cortes curariam logo, o suficiente, deixando para trás nenhuma cicatriz. Assim como a lança na coxa que ele recebeu do homem no barco de Bridget.

A pele de Bridget era uma horrível sombra de branco e azul com círculos enegrecidos, formada sob seus olhos fechados, mas ela estava respirando a água através de suas brânquias.

Caderyn parou. Brânquias, Bridget tinha brânquias?

Já?

Seu vestido de lã flutuava ao redor dela, onde seus joelhos deveriam estar, revelando uma bela cauda azul prateada. Ela flutuava debaixo dela, debaixo d'água, movendo-se levemente com a corrente. Suas barbatanas ainda não haviam saído de sua pele. Ela estava se transformando. Ele não poderia levá-la do lago até que acabasse, ou poderia matá-la. Seu corpo não estava pronto para levar a água e o ar em seus pulmões tão rápido.

Caderyn nadou até Bridget e segurou-a contra o peito com cuidado, para manter a cabeça sob a superfície. Seu cabelo comprido fazia cócegas em seus braços, tão macios quando o envolvia. Ele subiu para ver o litoral, olhando ao redor. As olímpicas haviam desaparecido, mas havia indubitavelmente mais na floresta, observando a água para ver o que faria com a recém-formada mulher Merr.

Ele amaldiçoou silenciosamente para si mesmo. As mulheres não deveriam estar na lagoa. Elas nunca tinham vindo aqui antes - pelo menos não que ele soubesse. Elas ficavam presas na floresta profunda, vivendo sua miserável existência e amuando a solidão. Por que elas estavam aqui agora? Por que elas fizeram isso? Poderiam tê-la matado. Pelos pensamentos telepáticos que ele tinha pegado delas, matá-la era exatamente o que elas queriam fazer.

Saber que ele quase perdeu Bridget rasgou suas entranhas, lavando-o em ondas de medo, mesmo que estivesse tudo acabado. Ele a apertou com mais força. Se Bridget não tivesse se transformado, ela estaria morta. Ele deveria ter sido mais cuidadoso, mas como ele sabia que as atletas olímpicas ousariam atacá-la? E em sua terra? Ele estava muito ocupado tentando escutá-los sem ser percebido, o que era mais difícil, senão impossível de fazer, e ele não tinha feito Bridget fugir rápido o suficiente.

Mesmo quando estava feliz com a nova transformação de sua esposa, ele também estava assustado. Como ela tomaria o conhecimento de sua nova forma? Será que ela ficaria brava que nenhum deles lhe tivesse dito isso? Será que ela odiaria o que ela se tornou?

Perturbação genética mutante.

Caderyn engoliu em seco. Ela pediu desculpas pelas palavras, mas elas ainda doíam, ainda permaneciam no fundo de sua mente, levando medo em seu coração. Ela o aceitou em sua cama, em seu corpo, mas ela aceitaria ser como ele? Já tinha passado por tantas coisas. Quase morrendo, perdendo todos os seus amigos de cima, uma nova vida, um novo casamento, uma nova terra e pessoas. Esta mudança quebraria sua sanidade? Seria este o último empurrão para o abismo da loucura? Ou ele estava analisando tudo demais? Talvez tudo desse certo.

Sim, muito bem.

Perfeitamente bem.

Por todos os deuses, por favor, não me odeie, Bridget. Por favor, não fique brava.

Ele puxou-a mais forte em seus braços, sentindo o toque de sua bela e nova cauda contra a sua. Não havia nada que pudesse fazer senão segurá-la debaixo de água, enquanto esperava a transformação terminar.

Querida e doce esposa, por favor, não me odeie por isso.

Bridget ergueu-se completamente acordada, tentando automaticamente respirar com a água em seus pulmões. Pareciam pesados e cheios, estranhamente a pressão parecia quase cavernosa em seu peito. Com medo, ela percebeu que estava debaixo da água. Balançando, ela tentou chegar à superfície. Não adiantava. Mãos seguraram-na para baixo, e mesmo que ela lutasse contra elas, elas não afrouxariam. Sua boca abriu e ela automaticamente tentou respirar sobre a água salgada que ardia em sua língua. Seus dedos agarraram as mãos que a seguravam, mas elas ainda não a soltaram.

—*Relaxe.* —Ela ouviu em sua cabeça. —*Relaxe, Bridget, relaxe. Você não está machucada.*

Por que ela não estava morta?

Bridget lutou com mais força, apesar do tom calmante das palavras. Ela tinha que chegar à superfície. Ela precisava de ar. Seu cabelo comprido flutuava em seu rosto, temporariamente cegando-a para tudo mais. Jogando a cabeça para frente e para trás violentamente, ela tentou limpar sua visão para ver.

—*Bridget, relaxe. Eu não vou te machucar. Você está segura. Por favor, confie em mim. Você está segura.*

Ela parou, pensando: —*Caderyn? É Caderyn? Caderyn! Caderyn! Ajude-me! Ajude-me, estou debaixo da água. Socorro.*

—*Estou aqui.* —Ouvindo-o dizer, tão claro como se ele tivesse dito as palavras em voz alta para ela. Seu cabelo voltou para a água, e seu rosto concentrou-se em seus olhos. Ele parecia um anjo, a luz de cima da superfície brilhando sob as ondas para acariciar sobre sua pele.

—*Ajude-me. Por favor, Caderyn.* —Seu corpo inteiro tremeu, quando ela implorou. Ela estendeu a mão, agarrando seus ombros e segurando-os forte. —*O que há de errado comigo? O que está acontecendo?*

—*Shh, calma.* —Ele a acalmou. —*Concentre-se em mim. Tente relaxar e olhar nos meus olhos. Você está segura, Bridget.*

Ele a puxou para perto do peito. Bridget engasgou na água. Seu corpo doía por toda parte, e estava terrivelmente duro.

—*Feche a boca.* —Ele a instruiu. Bridget o fez, e instantaneamente se sentiu melhor. A sensação de afogamento cessou, deixando apenas pressão. —*É isso aí. Você vai se acostumar com isso, eu prometo. Seu corpo sabe o que fazer naturalmente. Não há necessidade de você lutar contra isso.*

—*É fácil para você dizer.* —Pensou. Ela ouviu seu riso e ela percebeu que ele podia ouvir tudo na sua cabeça. —*O que está acontecendo comigo? Eu não entendo.*

—*Você está mudando.* —Caderyn tocou seu rosto, acariciando sua bochecha suavemente, enquanto ele sorria hesitante para ela. Ele olhou para sua boca, como se quisesse beijá-la. Ele não o fez.

Bridget começou a tremer mais uma vez. —*Deixe-me ir. Quero sair da água agora.*

—*Está quase acabando. Tente relaxar.*

—*O que está quase acabando? O que você fez comigo?* —Bridget empurrou contra seu peito. Ela sentiu seu braço agarrá-la. Caderyn estremeceu, deixando-a de costas no comprimento dos braços. O sangue fluía ao redor deles na água. Seu braço estava cortado e sangrando, mas ele não parecia se importar quando ele a puxou para longe do borrão carmesim. Ela olhou para o antebraço. Uma pequena barbatana azul havia se formado ali e ela o cortou com ele.

Os olhos de Caderyn flutuaram sobre seu corpo. Um olhar estranho passou por suas feições. Bridget estava com muito medo de olhar mais longe do que seu antebraço. Tinha a sensação de que sabia o que estava acontecendo.

—*Acontece com todos quando vêm aqui.* —Disse Caderyn. —*Não esperávamos que isso acontecesse tão rapidamente com você. Você tinha tanta coisa para se ajustar, que não achamos uma boa ideia dizer a você imediatamente.*

—*O que acontece?* —Bridget tremeu. Ela não se sentia bem. Seus olhos viam muito claramente na água, como se estivesse em terra. —*O que há de errado com o meu braço? Por que eu tenho uma... Uma...?*

Os olhos de Caderyn voltaram a olhar para baixo, sem responder. Suas mãos ficaram em seus braços, mas ele a segurou no comprimento do braço. A ferida no braço parou de sangrar.

Lentamente, ela virou-se para olhar por seu corpo. A túnica moveu-se ao redor dela, e ela a puxou para cima. Suas pernas tinham desaparecido, substituídas por uma longa cauda azul prateada. Ela tinha suspeitado que fosse o que ele queria dizer quando disse “acontece com todos”, mas ver realmente era mais do que ela tinha sido preparada para lidar.

Bridget entrou em pânico e tentou chutar suas pernas. A cauda flutuou para frente e para trás, girando ambos na água. Puxando com toda sua força, ela tentou separar as pernas, de volta em duas unidades separadas. Sua cauda só se movia de um lado para o outro cada vez mais violentamente. A água fria contra suas escamas parecia estranha, tão sensível à mudança mais sutil das correntes e temperaturas.

—*Oh, oh!* —Foi tudo que ela conseguiu dizer, enquanto continuava a tentar separar as pernas. Não adiantava. A cauda apenas chicoteava para trás e para frente, para trás e para frente. Agarrando os antebraços de Caderyn, seus dedos estavam ao lado de suas escamas afiadas, enquanto ela continuava pensando: —*Oh, oh !*

A mão de Caderyn cobriu sua bochecha, tentando atrair seu olhar para seu olhar firme. —*Você está linda, Bridget.*

—*Eu sou um... Um...* —A boca de Bridget se abriu e ela tentou ofegar. Não adiantava. Seus pulmões não funcionariam. Ela agarrou seu pescoço. Seus dedos deslizaram por uma guelra. —*Sou um peixe.*

—*Você é uma Merr.* —Corrigiu Caderyn, sua voz paciente, suave.

—*Sou uma sereia. Oh meu Deus! Isto não pode estar acontecendo. Simplesmente não.*

—*Você é uma Merr.*

Bridget olhou para seus braços, girando-os para ver as barbatanas que sobressaiam de sua pele. Ela sentiu a água roçar contra elas como fez com a sua nova cauda. Elas eram parte dela.

—*Quero sair da água agora.* —Disse ela fracamente. —*Por favor, Caderyn.*

—*Prometa-me que não vai aparecer até eu dizer que está tudo bem.* —
Bridget assentiu com a cabeça.

—*Eu prometo. Apenas me tire da água. Quero meu corpo de volta. Por favor, Caderyn. Por favor.*

Ele a estudou por um momento antes de acenar com a cabeça.

—*Quero meu corpo de volta.* —Ela pensou novamente, continuando a implorar através da ligação telepática que compartilhavam. Bridget ficou tensa, e sentiu um ataque de pânico vindo.

Caderyn nadou ao seu redor, seus braços fortes varrendo a água. Ela sentiu sua mão subir seu vestido molhado, correndo sobre seu corpo. Atônita demais para se mover, ela mal registrou o toque. Depois de examiná-la, ele finalmente disse: —*Está tudo bem. Você está pronta.*

Caderyn puxou-a para a margem. Ela tentou ajudar, mas estava muito descoordenada sob a água para nadar em linha reta. Parando, ele a abraçou enquanto os levantava em direção à superfície. Bridget tossiu violentamente, cuspiendo automaticamente a água salgada de sua boca quando ela expeliu de seu corpo.

—*Você vai aprender a não respirar na água.* —Disse ele. —*Da próxima vez será mais fácil para você.*

Bridget estava muito entorpecida para responder. Ele a ajudou a ir para a praia. Caderyn tirou a água de suas pernas. Quando seus membros começaram a se transformar, ele se inclinou e fez o mesmo com ela. Seu vestido ficou no caminho.

Com as pernas para trás, ele se ajoelhou no chão e trabalhou o vestido sobre sua cabeça. Bridget olhou para seu corpo tremendo violentamente, enquanto a brisa batia em sua pele. Sua cauda se foi, e antes que ela soubesse, tinha pernas novamente.

—Aqui está você. —Acalmou Caderyn. Ele envolveu seu corpo no material vermelho de seu manto seco. —Tudo voltou ao normal.

—Normal?

Ele chamou seu corpo se transformando em um peixe de normal? Bridget não conseguia pensar. Isso desafiava toda a lógica, tudo sobre este mundo desafiava a razão. Ela gostava de respostas. Gostava do conforto dos fatos. Isso não poderia estar acontecendo. Simplesmente chegar a um lugar não poderia geneticamente alterar um ser humano em uma sereia.

—As olímpicas fizeram isso comigo? —Bridget olhou para ele, precisando de uma razão. Sua voz estava rouca por engolir a água do mar. Caderyn estava nu. Pela primeira vez, ela não olhou para o corpo. —Elas me envenenaram ou algo assim?

—Não, elas te deixaram ir. —Ele pegou sua toga, deslizando-a enquanto deixava o peito nu. Tomou a camisa de túnica e a enrolou sobre o cabelo molhado.

—Por que elas me deixaram ir? — Perguntou Bridget.

Caderyn não respondeu enquanto a levantava em seus braços e a carregava para dentro da floresta. Segurando-a perto, ele disse: —Tente descansar. Você teve um dia muito longo. Vou te levar para casa. Você estará a salvo lá. Eu prometo.

Caderyn estava preocupado. Bridget não fez um som o caminho inteiro para casa. Na verdade, ela mal se moveu em seus braços enquanto ele a carregava por todo o caminho. Havia tanto que ele queria dizer a ela, mas ele não conseguia pensar por onde começar.

Sua casa de campo não estava longe da lagoa. Na verdade, ele tecnicamente era o proprietário da lagoa e da floresta circundante. Embora ele deixasse os viajantes usá-los livremente, esta era a primeira vez que ele já tinha visto as olímpicas lá. Fazia um tempo desde que ele esteve em casa,

tanto tempo que ele não conseguia se lembrar de quando. Certamente, seus cuidadores teriam dito a ele se as mulheres estivessem nas proximidades.

Sua propriedade rural era muito maior do que sua casa no palácio. Uma das vantagens de ser um caçador era que ele tinha cuidadores e criados. Ao contrário dos seres humanos, o Merr não escravizava e os criados trabalhavam livremente, indo e vindo em seu próprio lazer.

Caderyn levou Bridget até os degraus de pedra que levavam à porta da frente. As colunas se estendiam por ambos os lados, apoiando o telhado e protegendo o pórtico. A casa era velha, mas bem cuidada. Como seus cuidadores viviam na propriedade, a casa estava destrancada.

A porta conduziu a uma entrada pequena e, além disso, era um grande átrio. Um buraco construído no telhado filtrava água de chuva fresca em uma piscina no chão. Além de alguns bancos, o átrio era estéril.

Passando o átrio estava um jardim e a sala de jantar. Caderyn ouviu uma gargalhada no jardim, mas ignorou-a enquanto levava Bridget às câmaras de dormir. O som seria apenas o zelador e sua esposa. Ele teria tempo para cumprimentá-los mais tarde. Primeiro, ele queria ter certeza de que Bridget estaria bem cuidada.

Caderyn ficou satisfeito por encontrar seu quarto limpo recentemente, e cheirando como as ervas do átrio. A decoração era simples e ao seu gosto. Um cobertor dourado estava na cama grande. Era bordado com o símbolo feroz de um dragão estilizado do mar.

Afrescos⁶ foram pintados nas paredes brancas, formando retângulos perfeitos ao redor da sala com quadros emoldurados. As cenas eram do mundo da superfície. O oceano de cima, uma montanha, uma representação de Atlas ao pôr do sol. Se não fosse a parede, ele duvidava que ele se lembrasse de como era um pôr-do-sol da superfície.

Bridget adormeceu em seus braços enquanto caminhavam para casa. Ele a deitou na cama, manobrando suavemente seu corpo para que ela estivesse debaixo das cobertas. Azul sombreou o exterior de seus olhos, o

único testemunho visível de sua mudança. Caderyn estudou seu belo rosto por um longo tempo, feliz por descansar pacificamente.

Fechando a porta do quarto atrás dele quando ele saiu, ele caminhou até os jardins. Sirius, seu zelador, estava beijando sua esposa em um dos bancos. Afra olhou para cima com surpresa, mas estava envergonhada de ser vista no colo de seu marido.

—Meu senhor! —Afra disse, sorrindo. Seu cabelo loiro estava cortado curto em torno de sua cabeça. Era um estilo estranho para uma mulher Merr, mas Afra muitas vezes fazia coisas que não eram consideradas normais. —Nós não sabíamos que você estava vindo. —Sirius viu Caderyn olhando para a cabeça de Afra e riu. —Ela me desafiou e perdeu. Acho que ela pensou que eu a deixaria ganhar se ameaçasse cortar seu cabelo.

Caderyn riu baixinho e sacudiu a cabeça. Sirius também cortou o cabelo.

—Eu não queria que ela se sentisse sozinha. —Disse o zelador simplesmente, eriçando suas curtas brânquias. Afra riu quando ela saiu do colo do marido. Ambos se levantaram. Por algum tempo Sirius disse: —Bem-vindo de volta, meu senhor.

—Obrigado. —Disse Caderyn enquanto entrava nos jardins fechados. Caminhos de pedra atravessavam os arbustos e as árvores. Havia um teto sobre a cabeça. Ele deixava entrar luz suficiente para ajudar as plantas a crescer, sem deixar as flores delicadas superaquecer. Uma brisa mais fria entrou de uma porta aberta. O ar era doce com o cheiro de bagas e flores. —Faz muito tempo que não venho em casa.

Afra olhou para a planta que estava olhando e sorriu. —Meu novo projeto. Eu transportei algumas bagas selvagens da lagoa e estou tentando cruzá-las com as bagas da casa. Poderia fazer um novo fruto comestível.

—E quase nos matar como fez com o último. —Provocou Sirius.

—Ah! —Afra lhe lançou um olhar horrorizado. —Não foi tão ruim assim.

—Tinha o sabor de bunda de peixe. —Sirius reclamou, batendo os lábios.

Sua esposa arranhou seu rosto e balançou a cabeça.

—Você tem sorte que eu gosto de você. —Sirius piscou. Caderyn sorriu, balançando a cabeça em sua brincadeira. Secretamente, ele estava com ciúmes do amor que tão obviamente fluía entre eles. Seu vínculo era tão forte que podia sobreviver à eternidade. Já tinha.

Caderyn pensou em Bridget, sabendo que uma eternidade não era tempo suficiente para passar com ela.

—O que há de novo com você, meu senhor? —Sirius perguntou. Seu rosto iluminou com interesse. —Alguma história de caçada?

—Os catadores trouxeram algo de interessante? —Afra acrescentou, sorrindo com expectativa. As histórias da caça e os catadores eram o tópico favorito da conversa entre os povos de Merr. As coisas do mundo exterior eram de grande interesse para muitos. Sempre que havia alguma informação de nova descoberta, Aidan escrevia um resumo do que era, e enviava uma publicação para que as pessoas pudessem ler.

—Hum. —Caderyn não pôde evitar seu pequeno sorriso enquanto tocava uma folha em uma planta próxima. —Eu encontrei algo no oceano e trouxe de volta.

Eles olharam para ele com interesse, esperando.

—Ela está no meu quarto. —Disse Caderyn.

A mandíbula de Sirius caiu ligeiramente. —Uma mulher? Você trouxe de volta uma mulher do oceano? E ela sobreviveu ao mergulho?

—No seu quarto, você disse? —Acrescentou Afra. Tanto o marido como a mulher se entreolharam em choque antes de voltarem para ele.

—Sim, minha esposa, Bridget. —Disse Caderyn. Seu sorriso apagou. — Nós viemos da lagoa. As Olímpicas estavam lá e a arrastaram para baixo.

—Olímpicas? —Sirius e Afra disseram em uníssono, franzindo a testa enquanto ainda pareciam surpresos.

—Você tem certeza? Você as viu? —Perguntou Afra.

Caderyn assentiu com a cabeça em afirmação.

—O que elas estão fazendo aqui? —Sirius balançou a cabeça, xingando suavemente.

—Lady Bridget está ferida? —Afra deu um passo à frente. —É por isso que ela está na cama?

—Elas a deixaram ir depois de puxá-la debaixo da água. Ela sofreu a mudança. —Caderyn respirou fundo. —Ela ainda tinha que estar preparada para isso, e não sabia que isso aconteceria.

—Ninguém lhe contou? —Afra perguntou.

Caderyn balançou a cabeça negando, novamente tocando a folha, passando o dedo pela espinha ao longo do centro. —Ela só esteve aqui por duas semanas. Nenhum de nós achava que ela precisava saber tão cedo. Ela teve um tempo bastante difícil para aceitar o que e quem nós somos. Era minha esperança que talvez falar com uma mulher Merr amigável acalmaria seus medos.

Afra e Sirius concordaram com a cabeça. Duas semanas era um tempo muito pequeno para a maioria sofrer a mudança.

—Vou falar com ela. —Disse Afra. —Não se preocupe. Ela vai se ajustar com o tempo. Tudo o que parece ter por aqui é tempo.

—Ela acordou debaixo da água. —Continuou Caderyn. Seu estômago se aninhou em preocupação. Ele ainda podia imaginar o olhar de horror em seu rosto enquanto lutava para chegar à superfície. Tinha sido difícil segurá-la debaixo de água. Mas ele precisava. Se tivesse subido muito cedo, teria morrido.

—Não se preocupe, meu senhor. —Afra acalmou-lhe, acariciando-lhe o ombro. —E não pense muito nisso. Seu corpo humano morreu para que seu

corpo Merr pudesse viver. Era o destino que aconteceria. Acontece a todos eles quando eles descem. É para que ela possa viver aqui.

—Seu rosto. —Sussurrou Caderyn. —Quando ela acordou, seu rosto estava tão assustado. Ela estava tão assustada. Não deveria ter acontecido assim. Ela deveria está preparada para isso, alertada sobre o que aconteceria. Eu deveria ter...

—Shh, é o suficiente. —Afra o acalmou, batendo em seu braço.

—Vamos cuidar bem dela, milorde. Ela está sã e salva. Nenhuma quantidade de preocupação e preparação pode tornar a mudança mais fácil. Acho que às vezes é pior se eles sabem de antemão, porque então eles se debruçam sobre isso e preocupam-se. Como você pode preparar alguém para se afogar?

Caderyn sabia que ela estava tentando fazê-lo se sentir melhor. Lentamente ele acenou com a cabeça, significando que ele tinha ouvido suas palavras e as tinha escutado.

—Agora, venha, diga-nos o que mais foi puxado do oceano enquanto eu preparo algo para você comer. —Disse Sirius.

—Bem, há outras duas. —Disse Caderyn, sabendo que a notícia seria de grande interesse para eles. Ele sabia que seus amigos estavam tentando distrair seus pensamentos e apreciando.

Bridget ofegou, sentando na cama, os olhos arregalados enquanto olhava em volta para se orientar. Ela sentiu o ar entrar em seus pulmões, e rapidamente empurrou as cobertas para estudar seu corpo. Um grosso cobertor dourado estava enrolado em torno dela, mas as pernas dela saiam debaixo dele. Ela tocou suas coxas para ter certeza de que eram reais. Torcendo os antebraços, ela viu que eles eram lisos. Apenas para ter certeza

de que estava bem, ela passou os dedos sobre eles. Nada. Sem nadadeiras. Sem cauda. Ela tocou seu pescoço. Sem brânquias.

—Eu não sou uma sereia. —Ela sussurrou, tomando grandes respirações de ar, apreciando a sensação dele em seus pulmões como nunca antes. —Eu não sou uma sereia. Não aconteceu.

Uma lágrima escorregou de seus olhos, fazendo uma trilha quente em sua bochecha. Seu cabelo estava úmido, e sua garganta estava dolorida. Ela sabia que dizer em voz alta não mudaria a verdade. Seu corpo tinha mudado.

Enterrando o rosto em suas mãos, ela gemeu: —Oh, Deus, eu sou uma sereia.

Tremendo, Bridget correu para a borda da cama e levantou-se. O casaco vermelho que usara antes estava úmido, mas ela o colocou sobre seu corpo o melhor que pôde para esconder sua nudez. Seus pés estavam nus, e ela só podia adivinhar que suas sandálias haviam sido perdidas na lagoa. Lembrando os olhares de ódio das outras sereias, ela estremeceu. Elas a queriam morta.

O quarto era grande, sem janelas. Luz suave filtrava acima. Havia uma lareira e queimava tochas na parede. O quarto é belo, mas ela estava cansada de ver pinturas.

Não demorou muito para ela descobrir que ela estava na casa de campo de Caderyn, nas fronteiras. Seu corpo rígido, ela andou no quarto e puxou a porta, espreitando para fora em um quarto quase vazio. Embora ouvisse vozes fracas, não conseguia ver ninguém.

Ao sair do quarto, notou que havia uma grande piscina no chão. Ela deu a volta, olhando para dentro. A água parecia ser profunda. Os pisos eram azulejos de pedra, com redemoinhos de mármore. As paredes eram lisas com afrescos pintados em falso arco nas entradas. As cenas eram do povo Merr e outras criaturas subaquáticas e paisagens.

Andando na direção do som das vozes, ela ouviu Caderyn dizer: —Elas a deixaram ir. Ela sofreu a mudança.

Sua voz tornou-se abafada como se ele virasse a cabeça de sua direção. Bridget se aproximou, tentando ouvir.

—Ela ainda tinha que estar preparada para isso, e não sabia que isso aconteceria. —Disse Caderyn.

—Ninguém lhe contou? —Perguntou uma voz mais suave.

—Ela só esteve aqui por duas semanas. Nenhum de nós pensou que ela precisava saber.

Bridget respirou fundo, tentando não chorar. Ela não queria ouvir mais. Ele sabia o que aconteceria com ela, o que ela se tornaria, e ele não disse a ela? Todos sabiam e ninguém pensou em dizer? O rei, a curandeira, ou Aidan? Nada disso doía tanto quanto seu marido mantendo isso dela.

Caderyn não lhe dizer a verdade era o mesmo que ele mentindo para ela, tanto quanto ela estava preocupada. Como ele não poderia dizer que ela se transformaria em uma sereia? Como ele poderia manter algo tão importante dela?

Tudo o que tinha acontecido desde aquela noite fatídica no barco a consumia. Ela estava confusa, magoada, triste. Sentindo como se sua vida tivesse sido arrancada de seu controle, Bridget correu para uma porta. Ela precisava sair de lá. Ela precisava pensar.

A porta conduzia a uma cozinha retangular com uma pequena ilha no meio. Ela se virou. Então, vendo uma entrada pequena, ela cruzou tão inquietamente quanto ela poderia, e deslizando através da frente para o exterior.

Uma vez fora da casa, ela correu inclinada para as árvores com um pensamento nadando em sua cabeça. Ela tinha que se afastar dele. Caderyn sabia e ele não disse a ela. Tinha que pensar em tudo isso, longe da influência sexy de Caderyn. Ela precisava de lógica.

Chegando à beira da floresta, Bridget olhou para trás. A casa ficava no campo, parecendo um antigo edifício de mármore saindo da Roma antiga. Era bonita, mas ela estava muito entorpecida para ser movida por ela. Ela tinha

sido forçada a aceitar muito recentemente, e tinha dado mais saltos de fé do que jamais tinha tomado em sua vida. Essa coisa de emoção era dura e confusa, e ela não tinha certeza se gostava de sentir-se varrida em um turbilhão.

—Eu sou uma cientista, maldição. —Ela sussurrou. Bridget não sabia como lidar com tudo. Virando-se, ela continuou a correr sem saber onde estava indo, ou o que estava fazendo. Nada mais fazia sentido. Tudo o que sabia era que queria ir para casa.

—Humm, bem, olha o que encontramos vagando pela floresta.

Bridget parou de andar. A voz sensual foi seguida por uma rodada de risos femininos. O som não era agradável.

Em sua pressa de fugir de Caderyn, ela se perdera e não tinha ideia de quanto tempo tinha andado. Olhando em volta das árvores, ela observou enquanto a sereia ruiva com os misteriosos olhos correspondentes saía da floresta. A mulher usava uma pequena túnica verde. Era tão translúcida, que mostrava seu corpo nu. Ele flutuava preguiçosamente na brisa. Quando ela pisou no chão, seus pés descalços não fizeram nenhum barulho.

—O que você quer comigo? —Bridget afastou-se das mulheres, assustada. Essas sereias haviam tentado matá-la. Será que elas agora iam tentar terminar o trabalho?

—Você tem sorte, humana. —Um dedo cutucou suas costas por trás. Bridget sacudiu de surpresa e girou ao redor. A sereia de cabelos negros, com os grandes seios, a estudou. Ela também usava quase nenhuma roupa, enquanto seu vestido azul fluía em seu corpo apto. —Você foi abençoada com a mudança antes que pudéssemos chegar até você.

—Antes que pudéssemos matá-la. —Acrescentou outra, rindo entre as árvores. Mais risos ressoaram sobre o caminho, e logo a pequena área estava transbordando de belas mulheres olímpicas.

—Os deuses escolheram abençoá-la com nosso presente. —Disse a ruiva, com os olhos brilhando, assustadoramente, como os de um demônio. A mão da mulher aproximou-se da bochecha de Bridget, mas ela não a tocou.

—Deixe-me em paz. —Sussurrou Bridget, desejando que as palavras fossem mais fortes. Umidade acumulava em seus olhos, ameaçando lágrimas de caírem. Estava apavorada. —Não quero nada com você. Eu não fiz nada. Apenas me deixe em paz.

—Mas nós queremos você. —Disse uma loira, beijando os lábios dela.

—Maia, por que ela está sendo tão má conosco?

Maia, a sereia de cabelos escuros em azul translúcido, riu. Ela estendeu a mão, acariciando o cabelo de Bridget, alisando-a. Amuando os lábios, ela disse: —Ela está com medo. Você não está humana?

—Ela não é mais uma humana. —Corrigiu a outra.

Bridget afastou-se do toque da sereia.

—Sou Maia. —Disse Maia. Ela apontou para a sereia ruiva. —Essa é Lotis.

Bridget olhou, mas não reconheceu. Lotis piscou, franzindo os lábios para dar um beijo. Bridget estremeceu com o olhar frio no rosto da mulher. Não havia afeto lá.

—Marica. —Disse Maia, apontando para uma loira. Então, movendo seu dedo mais rápido para apontar ao redor do grupo, ela disse: —Ambrosia, Calliope, Dryope, Electra, Carmenta, Ásia, Eudora, Ladona, Neda, Pirene, Thetis, Thisoa, Styx.

—E você é? —Perguntou Styx, enquanto Maia interrompia suas apresentações.

Bridget não respondeu. Elas realmente esperavam que ela se lembrasse de todos esses nomes? Elas realmente esperavam que ela se importasse? Tudo que ela queria era ir para casa.

—Ela perguntou seu nome. —Disse Lotis, sua voz apertada com uma crescente raiva.

—Seu nome. —Exigiu Maia.

—Bridget. —Sussurrou Bridget, apenas para repetir com mais força: —Bridget.

Lotis sorriu, embora não alcançasse seus olhos. —Isso foi tão difícil, Bridget?

Bridget deu um pequeno movimento de cabeça.

—Electra. —Insistiu Maia.

Bridget olhou para a sereia delgada que aproximou da chamada. A mulher estendeu os braços e abriu a boca. Um som bonito, como nenhum outro que Bridget tinha ouvido veio da garganta da Olímpica. Foi fascinante, tão fascinante que levou Bridget um momento para perceber, que Electra estava cantando seu nome, uma e outra vez.

—*Bridg-et, Bridg-et.* —A voz de Electra estava vibrando, levantando e caindo, tecendo um transe sobre os sentidos de Bridget, como uma nuvem que nublava seu cérebro com puro prazer. O entorpecimento percorreu seus membros, até que ela não conseguiu sentir nada.

—*Bridg-et. Bridg-et.*

—Você não tem que nos temer agora. —Disse Maia. Ela alcançou com calma, quase amorosamente, pela bochecha de Bridget.

—Nós sentimos a confusão em você, a raiva. Você está ferida. Você não entende o que está acontecendo com você. Podemos ajudá-la, Bridget. Podemos ser sua nova família. Podemos mostrar-lhe o verdadeiro poder de seus novos dons.

—*Bridg-et, Bridg-et.*

—Queremos ajudá-la. —Lotis tocou seu ombro. —Por favor, deixe-nos ajudá-la.

—Sim. —Acrescentou outra. —Vamos ajudá-la.

—Sim. —Disse outra, até que todas pareciam estar falando ao mesmo tempo.

—Sim, Bridget.

—Vamos ajudá-la.

Os tons calmantes eram apenas audíveis sobre a voz incrível de Electra. —*Bridg-et. Bridg-et.*

Bridget esqueceu tudo, todo mundo. Nada importava senão seguir aquela voz. Não havia mais tristeza, medo ou preocupação. Encontrou-se andando em direção aos braços estendidos da cantora. Uma mão tocou seu ombro e seu manto vermelho de lã foi puxado de seus ombros. Ficou nua.

—*Bridg-et, Bridg-et.*

—Nós queremos você Bridget. —Maia sussurrou em seu ouvido. A voz dela foi acompanhada pelas outras. —Queremos que você se junte a nós.

—Venha conosco.

—Esteja conosco.

—Junte-se a nós.

Bridget continuou a olhar para Electra enquanto a mulher a tomava pelas mãos. A sereia continuou a cantar, andando para trás enquanto conduzia Bridget para a floresta. Bridget não sentia nada além da música. Nenhuma parte dela queria lutar contra ela, e ela não tinha ideia de quanto tempo elas viajaram antes de chegar a um penhasco rochoso dentro da floresta.

Electra puxou Bridget para uma plataforma de madeira ao lado do fundo do penhasco. A plataforma foi lentamente puxada para cima, como um elevador rústico, quando as levantou do chão ao longo do lado do penhasco. Acima delas, ao longo da abertura da caverna, mais mulheres olhavam para ela.

A velha plataforma de madeira rangeu, mas ela não estava com medo, porque a voz estava lá para confortá-la. Finalmente, o rangido parou, e a plataforma foi ao lado de uma entrada de caverna, muita alta do chão. Era muito alto para saltar, mas não importava. Ela não tinha pensamentos de escapar.

A caverna abriu-se em uma caverna longa, coberta em descansos de salão costurados de lona de navios. Era um paraíso rochoso - bonito e sedutor, assim como as mulheres que o possuíam. Um material fino e lustroso fluía sobre as paredes de pedra, combinando com os vestidos das olímpicas. Muitas das mulheres usavam os mesmos vestidos transparentes que seus captores. Os braceletes enlaçavam os braços, e os colares de conchas adornavam o pescoço. Outras usavam fitas, tecidas em torno de seus cabelos longos e braçadeiras. Essas mulheres pareciam muito guerreiras amazônicas de lendas.

—*Bridg-et, Bridg-et.* —Electra cantou, nunca parando.

—Bem-vinda ao Monte Olympus. —Maia disse, sorrindo com orgulho quando ela abriu os braços para cercar a área.

Uma pequena cachoeira pingava de uma abertura na pedra, escorrendo em uma longa piscina que se enrolava ao redor da caverna. Aqueles na lagoa descansavam suas caudas balançando na água. Olhos se viraram para olhar para ela. Bridget olhou para trás, mas a música de Electra a deixou sem medo.

De repente, Electra parou de cantar. A nuvem começou a se erguer por um breve momento, antes que outra pessoa pegasse a melodia.

—*Bridg-et, Bridg-et.*

Várias olímpicas aproximaram-se pedindo a Bridget que as seguissem até a piscina. Elas a levaram para dentro. A água fria tocou sua carne e, logo que ela foi até a cintura profunda, suas pernas transformaram-se em uma cauda. A sereia também se transformou, puxando-a mais para dentro da piscina. Enquanto seus braços se molhavam, as barbatanas saíam de sua pele. A névoa da música estava ao seu redor, e ela não lutou enquanto a puxavam para baixo da superfície da água salgada. Ela manteve a boca fechada, sem deixá-la entrar. As sereias nadaram ao redor dela, fazendo cambalhotas na água, girando artisticamente como nadadoras sincronizadas. A música continuou em sua cabeça enquanto indicavam para ela nadar com elas. Era desajeitada no início, enquanto ela movia-se bruscamente em seu novo corpo, mas logo Bridget estava deslizando através da água com facilidade.

Depois de algum tempo passou as brincadeira de natação e exploração da parte superior da piscina, foi entregue a Bridget um sabão. Lavou a pele enquanto as sereias a ajudavam a limpar o cabelo. Quando terminaram, ela foi levada da piscina. Seus braços foram esfregados com óleo de perfume e lhe foi dado um vestido translúcido de azul e verde. Alguém escovou seu cabelo quando outra deslizou um colar de casco em volta de seu pescoço. Não havia nada sexual no modo como as sereias a tocavam. Era mais como se ela fosse seu novo animal de estimação, e elas estavam brincando de vesti-la.

—*Bridg-et, Bridg-et.* —A música continuou, apanhada por outra, e depois por outra, quando elas pareciam passar seu nome dentro do grupo.

Quando terminaram de mimá-la, a música parou. As sereias olharam para ela com expectativa. Bridget sentiu a tensão voltar ao seu pescoço e ombros. Seu estômago se entrelaçou com preocupação, e ela se sentiu um pouco doente. Olhando ao redor, ela estremeceu. O perigo agora era se ela era uma delas? Elas a trataram com bondade, apesar do fato de que originalmente haviam tentado matá-la.

—Agora, você parece uma verdadeira olímpica, uma deusa. —Uma mulher sussurrou em sua orelha por trás.

—Mostre-a. —Ordenou Maia. A maneira como as outras olhavam Maia com reverência e um toque de medo, Bridget assumiu que a mulher era sua líder. —Mostre a ela a deusa que ela pode ser.

Um espelho grande, velho foi trazido adiante. Era um pouco oxidado, e parecia que tinha sido puxado do oceano há muito tempo. Bridget olhou para seu reflexo. Ela parecia com as olímpicas. Sua pele brilhando por causa do óleo, seu cabelo puxado para os lados e tecido com uma faixa de prata fina. Um colar pendia em seu pescoço, e um bracelete tecia sobre seu braço.

—Você não precisa ser prisioneira de Atlas. —Disse Maia, tocando os ombros de Bridget, acariciando-os levemente como se fosse uma preciosa boneca de porcelana. —Existem outras maneiras. Maneiras melhores. Nossa maneira. Deixe-nos mostrar-lhe que você é uma deusa entre os Merr. Junte-se a nós.

—Aqui você estará livre. —Acrescentou Lotis, juntando-as à frente do espelho. —Você pode ir e vir como quiser. Você comandará seu futuro. Diga-nos, qual é o seu sonho? Que dor há em seu coração?

Maia fechou os olhos, sorrindo ligeiramente. Quando falou, era como se tivesse lido a mente de Bridget. —Você deseja estudar o oceano. Você quer vê-lo por si mesmo. Esqueça as fronteiras. Aqui você pode nadar além das fronteiras. Aqui você pode ver todas as maravilhas e mistérios por si mesma.

—Podemos ensiná-la. —Disse Lotis. —Nós podemos protegê-la.

—Junte-se a nós. —Insistiu Maia. —Não haverá segredos guardados de você.

—Não seja prisioneira do Atlas. —Disse Electra. As mulheres se aglomeraram ao redor dela enquanto Bridget olhava para o espelho. A oferta delas era tentadora, mas quando pensava em Caderyn, ficava triste.

—Junia, leve Lysander e as outras. —Disse Maia. —Mostre-lhe o poder que ela exercerá, muito mais poder do que um homem.

Junia, uma morena parecida com um duende, pulou e desapareceu na caverna lateral. Bridget observou onde ela tinha desaparecido. Quando a mulher voltou, ela estava levando seis homens lindos.

—Você não precisa dele. —Maia sussurrou, dirigindo Bridget para frente dos homens. Cada um deles era um espécime muito fino de beleza masculina. Seus corpos sólidos brilhavam com óleo e usavam somente tanga. —Por que se contentar com um homem quando você pode ter a sua escolha? Tudo o que ele tem a lhe oferecer, temos aqui e muito mais.

—Nossos escravos vão fazer o que quiserem. —Disse Lotis. Ela passou a mão pelas costas enquanto andava em volta deles. Bridget ficou sem dúvida com o papel desses homens na sociedade olímpica. Eram apenas brinquedos, brinquedos sexuais usados para os prazeres das sereias. E dos olhares em seus rostos, os homens não pareciam se importar muito com seu papel. —Seus corpos estão sempre dispostos a servir.

—Somos criaturas muito sexuais, Bridget. Nós obtemos nossa força da liberação sexual. Estes homens diante de você são alguns dos nossos melhores escravos, mas há outros se eles não são do seu gosto. Seu único propósito é agradar suas amantes. E, acredite em mim quando eu lhe digo, eles vão cuidar para que você nunca precise de força. —Maia sorriu. As outras sereias riram levemente. —Eles foram criados com vigor. Seus corpos foram moldados e ajustados com exercícios obrigatórios para mantê-los em perfeita forma e saúde. Se você quiser, você pode até levar vários para sua cama.

—Minha rainha. —Disse um homem alto, ajoelhando diante de Bridget. Ele era muito atraente em sua tanga. Músculos esculpidos e bronzeados ondulavam ao longo de seu corpo, enquanto ele movia-se. O escravo era de fato um exemplo de perfeição física masculina, mas além de olhar para ele como se fosse uma pintura, Bridget não se sentia atraída por ele. Ele inclinou a cabeça, antes de olhar em seus olhos. —Sou Lysander. Estamos aqui para o seu prazer.

—Minha rainha. —Disse o segundo homem na fila, também ajoelhado. Ele lançou-lhe um olhar sensual, estreitando os olhos enquanto olhava

atrevidamente para seu corpo, parando para olhar seus seios. Bridget resistiu ao desejo de se esconder, muito consciente da transparência de seu vestido indecente.

—Eu sou Asar, estou aqui para o seu prazer.

—Minha rainha, sou Fabius. Deixe-me dar-lhe prazer. —Fabius estava obviamente já excitado. Bridget voltou sua atenção rapidamente para longe de sua apertada tanga.

Os homens continuaram a se ajoelhar diante dela, inclinando a cabeça. Quando a olhavam, estava em puro convite sexual.

—Minha rainha, eu sou Damion. Deixe-me agradá-la. —Damion lambeu seus lábios, deixando seus olhos descerem até o meio de seu corpo.

As coxas de Bridget apertaram-se, fechando-se. Um pequeno tremor irrompeu em seu estômago, não foi desagradável e definitivamente não foi bem-vindo.

—Minha rainha, eu sou Horus, estou aqui para o seu prazer.

Bridget estava muito ocupada tentando fugir das insinuações dos outros homens, que ela não viu o olhar que Horus lhe deu.

—Minha rainha, eu sou Ari. Permita-me que a agrade.

Apesar de sua aversão por toda a situação, ela se sentia excitada. Era um desejo estranho que a enchia, uma necessidade de tocar e ser tocada. Mas, ela não queria os homens ante ela. Ela queria Caderyn.

Caderyn.

Embora fosse tentador passar a eternidade sendo adorada por seis homens bonitos, nunca tendo que sentir tristeza ou confusão, Bridget olhou para Maia e perguntou: —E se eu recusar?

—Nossos escravos vão mudar de ideia. —Disse Maia, indicando aos homens. —Dê uma chance a eles antes de dizer essas coisas.

—Se não? —Perguntou Bridget. —E então? O que vai acontecer comigo?

Maia franziu o cenho, obviamente não gostando da pergunta. Insistente, ela disse através dos lábios apertados. —Eles vão embora.

Bridget olhou ao redor da caverna. Os "escravos" a olharam com expectativa. Por que fugiu de Caderyn? Forçando um olhar de indiferença, disse a Maia: —Já fiquei satisfeita várias vezes hoje antes de me encontrar na floresta. Prefiro comer.

Maia sorriu, enquanto acenava com a mão. Os homens foram levados de volta pelo caminho que vieram, mais fundo na caverna. Maia tocou a bochecha de Bridget e olhou-a nos olhos. Maia sorriu, mantendo seu olhar cintilante sobre Bridget, enquanto ela ordenava. —Ambrosia, traga comida para a nossa nova irmã. Deixe-a jantar enquanto a vejo e descubro seu novo nome, um nome digno de uma deusa.

Bridget desviou o olhar primeiro. Maia a deixou ir. Neda, da floresta, avançou e se reapresentou. Levou Bridget a um travesseiro e pediu-lhe que se sentasse no chão. Os olhos de Maia ficaram sobre ela, estudando seus cabelos, seus olhos, sua pele, até mesmo seus seios, como ela parecia considerar qual nome ela daria a mais nova olímpica.

Bridget tentou o seu melhor para ignorar a rainha quando ela foi servida. A sua refeição em um pedaço plano de concha gigante. Era uma salada de algas frondosas, coberta de bagas e nozes da floresta. Fechando os olhos, ela tentou fingir que era um X-Burger. Não deu certo. O sabor estranho da alga era tão avassalador, ela sufocou mal capaz de engolir.

—É preciso algum tempo para se acostumar. —Neda sussurrou gentilmente enquanto olhava para as algas. —Mas nos dá força e muito poder. Com o tempo você irá apreciá-lo.

—Que tipo de poder? —Perguntou Bridget.

—Neda. —Exigiu Maia. Ela balançou a cabeça. Neda se curvou e afastou-se lentamente de Bridget.

O som da água escorrendo da cachoeira encheu o silêncio. Bridget comeu, pegando as bagas e as nozes enquanto tentava não provar o sabor de algas nelas. Ambrosia pegou o prato de concha ainda cheio de algas e jogou-o na piscina.

—As mergulhadoras da noite. —Ordenou Maia suavemente. —Vão.

Várias das mulheres que usavam tachas puxaram suas roupas e mergulharam na piscina. Elas não voltaram.

—Para onde elas foram? —Perguntou Bridget.

—O oceano. —Disse Maia. —O Rei Lucius acha que ele tem o único portal para o mundo exterior, mas encontramos este.

—Nós dissemos que você estaria livre aqui. —Murmurou Lotis, sentando-se ao lado dela. Ela começou a brincar com os cabelos de Bridget. — Logo vamos levá-la para o oceano, quando estiver pronta. Você pode estudar tudo o que quiser. Ao contrário dos Merr, nós mantemos nossas promessas. Nós lhe daremos uma eternidade.

—*Caderyn*. —Pensou Bridget, desejando-o desesperadamente. Ela sentiu-se sendo puxada sob o feitiço da sereia, e ela não gostou. Por que ela fugiu? Por que ela não tinha ficado e lidado com seus problemas? Se ela fosse mais forte, estaria com ele.

—Não pense nele. —Sussurrou Lotis. —Somos sua família agora, Bridget. Os senhores do Atlas jamais a respeitarão. Eles tentarão aprisioná-la às suas leis, aos seus caminhos. Você realmente deseja viver sob a tirania? Ou prefere ser livre para viver uma eternidade no poder, no controle de sua vida, fazendo o que quiser quando quiser fazer? Considere o que lhe oferecemos. O oceano inteiro como seu playground, homens para lhe dar prazer, irmãs para proteger e lutar por você.

—Vamos ensinar tudo o que você precisa saber mais do que o Merr jamais poderia. —Acrescentou Styx, sentando-se aos pés de Bridget. A sereia colocou a cabeça suavemente contra a perna de Bridget, esfregando sua bochecha afetuosamente para frente e para trás.

—Nós seremos sua família. Seremos suas irmãs. Vamos cuidar de você.

—Vamos amar você. —Disse Lotis, com voz suave. —Por favor, vamos amar você, Bridget.

Capítulo Nove

Bridget foi embora. Ela o deixou.

Caderyn não podia acreditar que ela realmente o deixaria, enquanto olhava para a cama vazia. Ele esperou no jardim com Sirius e Afra, alcançando sua propriedade e contando histórias da caça. Eles estavam mais curiosos para saber como ele tinha encontrado Bridget, e como os outros foram derrubados também.

Com a mudança de sua esposa, logo ele poderia se comunicar telepaticamente com ela. Ele também seria capaz de sentir o que ela sentia. Isso é, se ela realmente o aceitasse como seu marido. Obviamente, ela ainda tinha que aceitar a vida deles juntos, porque ele não sentira que ela o deixaria.

Correu até a porta da frente, com seu coração preso em sua garganta, ele puxou-a e correu para fora. Sirius e Afra estavam bem atrás dele.

—Meu senhor? —Sirius perguntou.

—O que aconteceu? —Afra acrescentou.

—Ela se foi. —Caderyn olhou para eles e ordenou: —Afra cheque a casa para ter certeza de que ela não está aqui. Sirius vá para o sul até as fronteiras. Vou verificar a floresta. Ela não poderia ter ido muito longe a pé enfraquecida.

Caderyn não esperou uma resposta enquanto corria para a floresta, sabendo que seus amigos o ajudariam. Quando ele se aproximou da linha da árvore, ele detectou a leve impressão de seus pés descalços no caminho enquanto a procurava. Os dedos dos pés pressionaram profundamente,

significando que ela fugiu dele. Seu estômago se apertou quando ele correu pelo caminho, procurando por ela ao longo da floresta.

Por que o deixaria? Sem palavra. Sem razão.

Bem, talvez ela tivesse suas razões. Talvez ela tivesse levado a descoberta de seu novo eu mais difícil do que ele pensou que ela faria. Era o que eles eram? Tão repulsivos? Ser uma Merr, sua companheira, sua esposa, seu amor, era tão horrível destino? Por que ela estava resistindo?

Descobrendo seu manto vermelho caído no chão, ele correu mais rápido, parando quando chegou a ele. Ele o agarrou, esmagando-o em seu punho enquanto olhava ao redor. O caminho estava cheio de pegadas. Vendo um colar de conchas, que estava escondido debaixo da capa, ele prendeu a respiração.

Olímpicas.

—Não. —Ele ofegou, seu pior medo, percebeu. —Por todos os deuses! Não. Por favor, não!

Não havia como dizer o que as mulheres loucas fariam com Bridget agora que a tinham. Não tinha dúvida de que haviam deixado o colar de propósito.

Sua esposa era agora Merr, uma delas, mas ela também era recentemente humana. As olímpicas tentariam matá-la? Pediriam a ela para se juntar a elas? Bridget se juntaria a elas? Elas a torturariam? A levariam até a superfície mortal para morrer uma morte cruel? Havia apenas uma abertura para o oceano, mas e se tivessem encontrado outra maneira? Embora fosse improvável, o medo o dominou. Não havia maneira de saber.

—*Caderyn*.

A voz de Bridget estava fraca, mas ele ouviu. Estava viva. Por enquanto, ela estava viva. A dor em seu peito aliviou, e ele respirou fundo. Ele tinha que encontrá-la. Sem ela, ele não estava inteiro. Tinha-se tornado toda a sua vida.

—Bridget...

Caderyn largou o manto no chão e jogou o colar de conchas em cima dele. Se Sirius e Afra viessem procurá-lo, eles o veriam, e saberiam o que tinha acontecido. Indo na direção que seus instintos lhe disseram que sua voz tinha vindo, Caderyn tomou à floresta. Ninguém sabia ao certo onde as Olímpicas viviam, mas ele estava determinado a descobrir.

Caderyn se amaldiçoou por ser um tolo. Ele deveria ter ficado ao lado de sua esposa. Ele deveria ter sido capaz de protegê-la. Saber que ele tinha falhado fez com que seu coração quase parasse de bater em seu peito. Ele a amava, a amava desde a primeira vez que viu seus olhos azuis olhando para ele, enquanto seu navio afundava ao redor deles. Os deuses o abençoaram naquela noite, depois de todos esses anos, e ele falhou.

—Bridget. —Ele sussurrou, uma e outra vez, desejando que ela ouvisse.

—Bridget, por favor. Fale comigo. Diga-me onde posso encontrá-la.

Tudo o que aconteceu entre eles brilhava através de sua mente - o naufrágio, a declaração de casamento, sua ferida e a gloriosa semana passada a curá-la. Ela estava sob um estado de euforia, mas ela ainda agia como agiria, sem inibições. Ela o queria naquela semana, e estava quase convencido de que o amava. Suas palavras ecoaram em sua cabeça.

Eu acho que é um pouco cedo em nosso relacionamento para ter se casado. Não é como as coisas são feitas de onde eu venho. Mas, se eu tinha que me casar com alguém, fico feliz que seja com você. E, se eu tiver que ficar casada com alguém, eu escolheria ficar casada com você.

Não eram as palavras que ele queria ouvir, mas tinham-lhe dado esperança para o futuro. Quando os deuses a enviaram para ele, deixando-a sobreviver no oceano, ele aceitou que eles sabiam o que estavam fazendo. Ele tinha sido atraído por ela desde o início, mas tinha esperado um sinal certo para saber com certeza que ela foi feita para ele. Quase o matou pensar que poderia ter pertencido ao rei. Mas, pela vontade dos deuses, Bridget o escolheu.

Ela era linda, sua esposa. Mesmo agora, através de todo o seu medo, ele sentiu desejo por ela. Os Merr eram pessoas apaixonadas, e toda a sua paixão era para ela. Ele queria passar o resto de seus dias fazendo amor com ela, caçando os mares para fazê-la orgulhosa de ser sua esposa. Ele queria honrá-la com cada ação, estimá-la com cada beijo.

Basta pensar em seus lábios macios, beijando seu estômago, sugando seu pau, o fez ficar duro. Sua luxúria combinava com a dele, e ele deleitava-se no fato de que ela poderia satisfazer completamente seus desejos apaixonados. Mas agora não era o momento para tais coisas. Ele ignorou sua excitação, procurando sem parar a floresta para encontrá-la, correndo mais duramente até que seus pulmões quase explodiram.

Caderyn desejava que Bridget pudesse aceitar a vontade dos deuses tão facilmente quanto ele, mas estava disposto a dar-lhe tempo, a deixar que ela se ajustasse lentamente. Eles viveriam para sempre e ele poderia ser paciente. Era uma das razões pelas quais todos haviam decidido não lhe dizer o seu destino, para deixá-la ficar acostumada a ser um ser humano em seu mundo, antes de saber que ela era uma "sereia" em seu mundo.

Foi difícil não lhe dizer que ele tinha planejado levá-la para o Abismo para mostrar a ela tudo o que ela desejava ver. Mas fazê-lo, seria revelar o que ela se tornaria. Ela precisava aceitar Ataran primeiro. Ela precisava aceitá-lo. Mas, apesar de toda a sua cautela com ela, talvez ainda tivesse falhado. Mesmo agora, podia ser tarde demais.

—*Bridget!* —Pensou, chamando-a com todo o seu ser. Ele rezou para que ela ouvisse seu chamado, que ela pudesse aceitá-lo como seu marido e responder por meio de sua ligação. —*Bridget!*

Bridget ouviu seu nome sussurrar suavemente em sua cabeça como um pensamento consciente, só que não foi produzido por seu próprio

cérebro. Ela endureceu, escutando atentamente, mantendo sua mente em branco. Soava como Caderyn, mas o barulho era tão fraco que era difícil ter certeza. Seu corpo formigava e era quase como se ela pudesse senti-lo procurando por ela.

Sentada no longo travesseiro, olhou ao redor. Muitos das olimpianas dormiam em torno do assoalho da caverna em almofadas similares. Algumas, como Maia e Lotis, voltaram para onde estavam os escravos. Pelos olhares nos rostos das mulheres, estava tudo muito claro o que elas queriam. O que quer que acontecesse, ela nunca se entregaria aos homens bonitos. Seu corpo era para Caderyn, e só Caderyn. Enquanto ela olhava para os homens, ela sabia disso no fundo do coração. Ela queria Caderyn.

Ela também percebeu que ela nunca poderia passar uma eternidade no Monte Olimpo, cercado pela amargura e raiva das mulheres olímpicas. As sereias falavam belas palavras de liberdade, mas Bridget descobriu a verdade que elas tentaram esconder. Eram todas criaturas infelizes e cínicas, que desejavam trazê-la à sua miséria auto imposta. Havia algo escuro logo abaixo da superfície cintilante do Monte Olimpo. Era uma fraqueza que as olímpicas tentavam esconder demais. Bridget não sabia como ela detectou, mas ela o fez. As olímpicas poderiam tentá-la com a aventura, a chance de estudar o mar livremente, com prazeres sexuais em abundância e criados para esperar de quatro. Mas havia algo com que elas não podiam tentá-la e isso era amor.

Bridget levantou-se lentamente do travesseiro da cama, tentando não acordar os outros. Ela ouvia com todo seu coração, tentando ouvir Caderyn ligar para ela. Olhando em volta, ela fez uma pausa, vendo se alguém se movia.

—Caderyn, estou aqui. Eu preciso de você. Eu te escuto. Por favor, fale comigo.

Era tão simples, tão claro para ela agora que enfrentava para sempre ficar sem ele. Ela amava Caderyn e sentia falta dele. Tinha sido difícil de admitir completamente. Talvez por isso ela tivesse fugido dele. Ela estava com muito medo de amá-lo, de aceitar uma nova vida e um novo mundo tão

rapidamente depois de seu naufrágio. Não era lógico se apaixonar tão rápido, confiar nos sentimentos do coração.

—Mas, o amor não é razoável. Nem sempre faz sentido. —Ela sussurrou suavemente para si mesma. Uma sereia se virou e Bridget rapidamente cobriu sua boca. Teria de ser um pouco mais cuidadosa para não arruinar sua única oportunidade de escapar.

Se ela tivesse apenas escutado seu coração e não sua cabeça estaria com Caderyn agora. Seu corpo o conhecera desde aquele primeiro momento. Reconheceu-o como sua alma gêmea. Por mais estranha que fossem aquelas palavras, era o que era. Ele era seu companheiro, seu marido, sua outra metade. E ela era uma tola por não perceber e aceitar.

Ela segurou seu vestido em seu corpo. O material transparente oferecia-lhe pouco calor, mas Bridget descobriu que se ajustava mais facilmente ao frio desde a sua transformação em sereia.

Sereia. Era tão surreal, mesmo agora. Fora todos os anos que sonhava com o oceano, o povo Merr nunca era algo que ela esperava descobrir.

Alguém gemeu suavemente, e Bridget congelou no meio do passo, olhando freneticamente ao redor. Ela mordeu o lábio, com medo. Elas não podiam pegá-la fugindo! Neda se sentou e olhou curiosamente para ela. Bridget esperou, seu corpo tenso e pronto para correr, pois estava certa de que a mulher acordaria toda a caverna. Para sua surpresa, Neda sorriu tristemente e balançou a cabeça uma vez.

—Obrigada. —Disse Bridget com um pequeno sorriso de agradecimento. Neda fez sinal para que Bridget fosse para a entrada da caverna. Bridget obedeceu, movendo-se mais uma vez ao redor das sereias dormindo.

Enquanto caminhava para a noite, seu corpo endureceu como se a advertisse que havia perigo. Sua pele formigava de antecipação, pronta para ser pega por trás, esperando que Neda a traísse aos outros. O ataque nunca chegou.

Ela olhou ao redor. As estrelas do mar nadavam acima, deslizando em círculos sem rumo nos céus submarinos. Raias negras passavam, espalhando as manchas de luz. Olhando para o lado do penhasco, ela congelou. Talvez Neda a tivesse deixado ir porque a sereia sabia que não havia escapatória.

Fechando os olhos, ela pensou: —*Caderyn, se alguma vez você esteve pensando em me salvar, agora seria um bom momento para ajudar.*

Ela abriu um olho, olhando em volta da floresta escura. Nada. Engolindo nervosamente, ela respirou fundo e depois outra vez.

—*Caderyn!*

Mesmo assim, não havia sinal de que a tivesse ouvido.

O elevador rústico estava amarrado firmemente e Bridget não se atrevia a fazer o barulho necessário para liberá-lo. Lentamente, ela se abaixou sobre o lado do penhasco. Seus pés descalços tentaram encontrar o pé, enquanto ela correu os dedos dos pés sobre a parede irregular do penhasco. Depois de alguma luta, Bridget se segurou e se abaixou sobre o lado. Seu estômago se contraiu de medo, e ela teve que se concentrar para que seus membros ainda não tremessem. Foi lento, mas ela conseguiu fazê-lo a poucos metros do topo.

—*Bridget? Bridget!*

O corpo inteiro de Bridget se sobressaltou ao ouvir a voz de Caderyn tão alta em sua cabeça. Sua mão escorregou do penhasco e ela perdeu o apoio. Caindo para trás, ela gritou automaticamente em pavor enquanto ela despencava em direção ao chão.

—Eu tenho você. —Disse Caderyn, logo antes de pegá-la. Seu corpo bateu contra o dele, derrubando-o no chão. O corpo dele amorteceu sua queda, mas ainda estava tão duro como aço, e seu corpo sacudiu com o impacto. A respiração foi derrubada de seu corpo e ela não podia sequer engasgar.

O caos soou acima deles. As olímpicas foram despertadas por seu grito. Ela as ouviu gritando e correndo para acima deles.

Bridget olhou para Caderyn, seu corpo duro e perfeito, apertado contra o dela. Finalmente, ela foi capaz de puxar uma lufada de ar. Ele ainda usava apenas uma toga, e sua mão automaticamente amassou em seu peito nu. Desesperada por dizer o único pensamento que precisava ser dito, ela deixou escapar: —Eu te amo.

—Eu sei. —Respondeu ele. Ele a beijou brevemente, e olhou por cima do ombro para a abertura da caverna. —Precisamos ir agora.

Bridget olhou por cima do ombro. As sereias estavam apontando para ela, gritando de indignação. Maia empurrou a multidão e olhou para eles enquanto gritava: —Bridget! Pense no que está fazendo!

—Me tire daqui. —Sussurrou Bridget. Ela saiu de Caderyn e ele pôs-se de pé, puxando-a para cima.

—Pegue-a! —Ordenou Maia.

—Quantos estão lá em cima? —Ele perguntou, olhando para a caverna. Parecia como se ele contemplasse combatê-los.

—Muitas. —Respondeu Bridget. —Muitas mesmo. Deveríamos correr.

—Tudo bem, então. —Caderyn segurou sua mão, puxando-a para trás enquanto eles correriam para a floresta. Chamando por cima do ombro, ele disse a ela: —A propósito, eu também te amo.

Bridget sentiu como se o seu coração explodisse com felicidade e alegria em suas palavras. Eles se abaixaram sob um galho de árvore. As olímpicas gritavam de raiva, continuando a perseguição. Bridget ouviu os pés triturando as folhas do chão da floresta.

—Desculpe por ter fugido. —Disse Bridget, ofegante enquanto corriam mais depressa. —Eu estava com medo e confusa. Eu só precisava de algum tempo para pensar sobre tudo o que aconteceu. Mas eu fiz tudo errado. Fui estúpida...

—Bridget! —Maia gritou, interrompendo suas desculpas. —Você é uma de nós. Você sabe o que você é. Oferecemos tudo o que você sempre quis. Não seja tola, Bridget. Volte para nós!

Caderyn e Bridget ignoraram a mulher enquanto continuavam. Ela apertou sua mão com mais força. —Fui estúpida em deixar você, Caderyn. Eu nunca deveria ter ido assim.

—Eu sei tudo isso. Eu sei por que você fez isso. —Caderyn pulou sobre um tronco, rapidamente mudando de direção. —É minha culpa. Eu sinto muito. Eu devia ter falado sobre a transformação. Deveria ter sido honesto com você e ter contado tudo desde o início. Eu só não sabia como.

De repente, Caderyn parou, puxando-a para a proteção de um afloramento de árvores. Ele a abraçou contra seu peito, e ela sentiu seu coração batendo violentamente contra sua bochecha. Quando olhou para cima, seu rosto estava virado para a distância, olhando para as olímpicas.

—Eu não corri por causa da transformação. —Disse Bridget suavemente, olhando para ele, respirando com dificuldade. Ela podia olhar para seu rosto para sempre. —Eu corri porque eu estava com medo de como eu me sentia por você. Sinto muito, Caderyn. Eu pensei que você mentiu para mim, e eu estava apaixonada por você. Eu só precisava fugir e pensar. Eu não consigo pensar quando você está perto de mim. Bem, eu não consigo pensar em nada de lógico, de qualquer forma. Quer dizer, naturalmente eu posso pensar...

—Eu entendo. Está tudo bem. —Disse ele.

—Mas...

—*Humm, shh.* —Ele gemeu, dando-lhe um beijo rápido. Puxando-a para trás, ele disse. —Não insista mais nisso. Agora, vamos lá. Depressa. Eu as ouvi indo para o caminho errado.

Ele a levou através da floresta, não correndo tão rápido quanto antes. Quando chegaram ao caminho, Caderyn diminuiu ainda mais. Ele inclinou a cabeça para o lado.

—O que você está fazendo? Precisamos ir. —Disse Bridget, tentando correr e puxar seu braço ao mesmo tempo. —Eu não quero voltar lá, nunca. Há muitas delas para lutar.

—Está tudo bem. Você está segura. Elas não nos seguirão até aqui. Estamos muito perto das outras propriedades. —Respondeu Caderyn, embora caminhasse com um passo brusco, segurando a mão dela na sua.

—Essas mulheres eram tão amargas. —Disse Bridget. —Eu não aguentava ficar mais perto delas. —Eles sorriram. —Mas por dentro, era como se eu pudesse sentir o que elas sentiam, e elas são tão infelizes.

—Eu sei. —Respondeu Caderyn. —As olímpicas ficaram loucas há muito tempo. A Rainha Maia, como ela chama a si mesma, odiava que nós recusamos deixá-la caçar humanos como esporte e artefatos. Ela gostava de atraí-los para o oceano e afogá-los para tomar suas posses.

—As velhas histórias. —Sussurrou Bridget, lembrando-se dos poucos mitos que havia lido sobre sereias.

—Houve uma grande briga, e ela correu do Atlas para a floresta. Lá elas viveram em isolamento.

—Então, acho que você deveria saber alguma coisa. Elas têm uma saída para o oceano de sua caverna. Algumas das mulheres saíram esta noite para o mergulho noturno. —Disse Bridget.

Nesse momento, Caderyn fez uma pausa. —Você tem certeza? Você viu isso?

—Sim. —Ela assentiu. —Eu vi. Elas também têm escravos.

Caderyn franziu a testa ligeiramente. —Hum, nós sabemos sobre isso.

—Oh —Disse Bridget. —Bem, por que você não tenta liberá-los?

—Você o fez? Quero dizer, eles tiveram você...? —Caderyn engoliu visivelmente. Ele parecia tão adorável ciumento, que ela não pode se conter, e o tirou de sua miséria com uma resposta.

—Eu nunca poderia estar com ninguém além de você. Eles teriam que me matar primeiro. —Ela disse, beijando-o suavemente em sua boca.

Seus olhos caíram sobre sua roupa transparente. Ele se inclinou para olhar melhor. —O que você está vestindo?

—Quase uma coisa. —Ela riu com o olhar fumegante em seus olhos, sem sentir nenhum embaraço em sua atenção. Havia apenas desejo em sua expressão para ela.

—Humm. —Caderyn mordeu o lábio antes de jurar. —Por todos os deuses! Você é linda.

Bridget olhou por cima do ombro, olhando para ver se as olímpicas estavam em qualquer lugar à vista. Seu corpo aqueceu em resposta ao seu tom baixo e sensual. —Nós realmente precisamos seguir em frente.

Ele assentiu. —Tudo bem. Você anda à minha frente. Eu vou... Ah... Cuidar de suas costas. Quer dizer, eu vou andar atrás de seu...

Bridget bateu no braço dele e agarrou sua mão. Com ele, ela não estava tão assustada com as sereias, mas isso não significava que ela era estúpida o suficiente para ficar ao redor, e arriscar delas encontrá-la. —Tentativa agradável, falador. Agora vamos.

Eles correram pelo caminho em direção à casa de Caderyn. Vendo sua estrutura majestosa delineada pela luz das estrelas do mar, ela finalmente se sentiu segura novamente. Caderyn olhou para baixo por cima de sua roupa, seus olhos vagando por seus seios.

—Deixe-me dizer a Sirius e Afra que você está segura. Estão preocupados.

—Sirius e Afra?

—Os cuidadores. Eles são como uma família. Quando estou no palácio, eles cuidam dessa propriedade para mim. —Caderyn estendeu a mão para pegar seu peito, apenas para afastar-se.

—Sim, vai demorar apenas um segundo. Espere dentro da porta por mim e eu pegarei um manto para você.

—Eu não deveria me apresentar a eles?

Caderyn voltou a olhá-la, o rosto de um homem faminto.

—Ah, não. Não, tudo bem. Você pode encontrá-los mais tarde - muito mais tarde.

Bridget assentiu com a cabeça, secretamente grata por não ter que ser levada pela casa nua. Já tinha estado nervosa o suficiente para ser vista nua pelo antro cheio de mulheres loucas. Ele a levou até a entrada de sua casa olhou para ela, gemeu suavemente, beijou-a e então correu para o átrio. Bridget reprimiu uma gargalhada ante sua ânsia. Mas ela entendia bem. Ela não podia esperar até que ela pudesse estar segura em seus braços. Em menos de um minuto, Caderyn estava ao seu lado, segurando um manto verde no peito. Ela estendeu a mão para tirá-lo dele, mas ele habilmente passou por ela fora da casa sem deixá-la ter.

—Caderyn? —Ela perguntou, seguindo-o. —O que você está fazendo? Para onde você está me levando?

—Você está cansada?

—Um pouco. Toda essa situação tem começado realmente a bombear meu sangue. —Bridget o seguiu.

—Mas você está muito cansada? —O lado de seus lábios estava enrolado em sentido sedutor.

Bridget viu-se corada. —Por quê? Onde estamos indo?

—Quero lhe mostrar uma coisa. —Caderyn a conduziu até a parte de trás de sua casa. Uma cerca longa a protegia da vista. Ele abriu um portão secreto. Bridget se abaixou e entrou. Depois de atravessar o portão, ele levou-a para o quintal.

Bridget ofegou. As estrelas do mar pareciam estar mais próximas. Atravessou o amplo e aberto pátio, atraída pelas luzes que dançavam. Eles chegaram tão perto que ela sentiu como se ela pudesse tocá-las.

—O que é isso? —Ela perguntou admirada.

—Nossas fronteiras. —Disse Caderyn. Com as árvores e a casa, ela não tinha sido capaz de ver o limite antes de entrar no quintal. Ela nunca teria imaginado que estavam tão perto. Quando ela estendeu os dedos, a estrela do mar era quase tão grande quanto sua mão. Estava tão perto que ela podia ver seus olhos negros olhando para ela, como se estivessem curiosos.

—Este é o seu quintal? —Ela não tocou, mas correu a mão a vários centímetros da estrela. Seguiu seus dedos ondulantes.

—Este é o nosso quintal. —Ele corrigiu. —Tudo o que tenho é seu, Bridget.

Ela sorriu, olhando para ele antes de voltar para a estrela.

—Posso tocá-la? —Ela perguntou, com medo de que ela furasse um buraco no lado, e fizesse com que todo o oceano viesse inundando-se sobre eles.

—Sim. —Caderyn ergueu a mão e correu contra uma barreira invisível entre eles e as estrelas do mar. As pequenas criaturas sacudiram um pouco como peixe em um tanque, se espalhando para deixar uma trilha negra atrás de sua mão. Mas, as pequenas criaturas logo se estabeleceram quando se acostumaram com a presença de Caderyn. Elas nadaram de volta, olhando para ele com a mesma curiosidade.

Os dedos de Bridget tremeram, enquanto ela alcançava sua mão só para descobrir que a barreira parecia como vidro úmido ao toque. Ela colocou um pouco de pressão, testando sua força, mas não conseguiu atravessá-la. —Isso é incrível. Eu nunca vi nada parecido. É quase como se estivéssemos em um aquário gigante e eles estão olhando para nós.

Ela olhou para Caderyn. Ele parecia confuso, mas ela não explicou. Ela não queria entrar no conceito de tanques de peixes no momento.

Bridget deu um passo para trás, olhando em volta com admiração.

—O oceano é tão bonito. Eu não posso acreditar que estou realmente vendo criaturas do Abismo. Eu sonhei sobre isso desde que eu era uma menina.

—Sim, é quase a coisa mais linda que já vi. —Sua voz baixou, ficando rouca.

—Quase?

Caderyn olhou para o seu corpo, deixando seu olhar se atrasar em seus seios mal escondidos pelo vestido transparente. —Humm, quase. Vejo uma coisa melhor diante de mim.

Ela corou de prazer.

Caderyn fechou os olhos e abaixou a cabeça. Ele parecia estar concentrado. Bridget voltou-se para a barreira. As estrelas do mar se espalharam e um grande olho, quase um pé de comprimento, passou nadando.

—Oh! —Ela puxou sua mão para trás, instantaneamente agarrando Caderyn. —Isso me assustou. O que é que foi isso? O que você fez?

Caderyn riu. —Quero dar-lhe tudo que você sempre quis.

Ela não se moveu, olhando para a barreira.

—É a lula que você pediu, minha senhora. Nós tendemos a pensar nelas como pragas grandes e feias. Mais frequentemente, elas só ficam no nosso caminho quando estamos caçando.

A criatura aproximou-se do vidro e seu gigantesco corpo vagou lentamente. Primeiro seu olho grande, depois seu corpo gelatinoso, suas pernas e, finalmente, seus dois tentáculos grandes. Bridget observava com espanto, seu corpo tremendo de excitação. A lula tinha que ter no mínimo três metros de comprimento.

—É tão... —Ela respirou fundo, tremendo quando ela estendeu a mão para ele. —É tão bonito, tão grande. Eu nunca pensei que eu veria de perto não assim, não vivo. Não posso acreditar.

Os grandes tentáculos continuavam pelo vidro, aparentemente sem fim de comprimento.

—Você o chamou para nós? —Ela perguntou, tocando levemente o copo enquanto a criatura flutuava.

—Sim, eu fiz e com o tempo você vai aprender a chamar todas as criaturas para as fronteiras também. —Disse ele. —Isso te agrada, Bridget?

Ela assentiu, sorrindo, maravilhada com o poderoso oceano na ponta dos dedos. —É tudo que eu sempre sonhei quando era criança.

—Eu chamaria outras criaturas para você ver, mas eu não posso sentir mais nenhuma delas.

Bridget fechou os olhos, tentando detectar qualquer coisa no oceano. Estava confusa e vaga, mas ela tinha a impressão de frieza e escuridão.

—Venha para mim. —Pensou, tentando convocar uma criatura marinha própria. —Venha aqui, criaturas do mar. Aqui, garoto. Vamos. Venha para Bridget. Deixe-me vê-lo.

—Humm, de bom grado, meu amor. —Caderyn rosnou, envolvendo seus braços em torno de sua cintura por trás e suavemente mordendo seu pescoço. —Você pode me chamar para você quando quiser. Sempre irei.

Bridget deu uma risadinha enquanto seus dentes roçavam sua carne, fazendo-lhe cócegas com suas carícias leves. Caderyn fez pequenos ruídos como se ele devorasse seu corpo todo.

De repente, um peixe pequeno, horrivelmente feio apareceu perto do limite de vidro, olhando para eles. Sua boca se abriu de par em par, mostrando seus dentes afiados como se quisesse mordê-la. Então, balançando violentamente sua nádega traseira enquanto tentava atravessar a

fronteira, espalhava as estrelas do mar. Um grande círculo escuro se formou na cúpula à sua volta.

—Argh, esse foi a que eu chamei? —Ela perguntou, rindo. —Por que você pegou a lula fresca e eu fico com o menor?

—Eles são realmente inofensivos para qualquer coisa maior do que eles. Eles parecem ferozes, mas esse tipo só mordisca um pouco. —Disse Caderyn, prestando mais atenção ao seu pescoço do que ao pequeno peixe que ela convocou.

—Ahh tipo como você, hein? —Bridget provocou. Seus beijos eram tão bons. Ela os sentiu todo o caminho até seus dedos do pé, num turbilhão de paixão em seu sangue, fazendo com que o prazer de seu toque despertasse cada centímetro de seu corpo para ele. Suas coxas apertaram-se em desejo, prontas para senti-lo profundamente, enquanto a umidade acumulava-se entre suas coxas.

—Não tenho ideia do que você está falando, minha senhora. —Disse ele, mordiscando a garganta inteira antes de soltá-la o suficiente para deixar cair o manto no chão, fazendo-lhes uma cama.

As bochechas de Bridget aqueceram de prazer. Caderyn deu um olhar significativo para o manto, e arqueou uma sobrancelha enquanto apertava os lábios com significado.

Ela arqueou uma sobrancelha, imitando sua expressão. —Sente sorte esta noite?

Os olhos de Caderyn percorreram seu corpo novamente, e todo o seu ser respondeu ao olhar aquecido. —Sim, eu sinto que sou o homem mais sortudo que já nasceu.

Suas coxas umedeceram. Apenas um olhar, um toque, era tudo o que precisava, para seu corpo estar pronto para ele. Ela perguntou-se se sempre seria assim.

—Então isso faria de mim a mulher mais sortuda.

Ele sorriu, como se soubesse o efeito que ele tinha sobre ela, e a puxou para seu abraço. —Eu realmente espero.

Bridget envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. Olhando profundamente em seus olhos, ela estremeceu quando ele roçou seus lábios nos dela, tomando seu tempo enquanto suavemente sugava seu lábio entre os seus. Vagarosamente ele aprofundou o toque, deixando sua língua passar em parte da abertura de sua boca.

Bridget ofegava em excitação, passando as mãos no cabelo dele e puxando-o mais firmemente contra ela. Ela sentiu cada curva de seu corpo no dela. Ele era um encaixe perfeito. Os planos duros de seus músculos eram lindos e firmes, tão fortes e viris. Ela amava seu corpo, a pura virtude física dele.

Havia um medo persistente dentro dela, e ela sentiu um medo correspondente dentro dele. Seus braços apertaram ao redor dela, puxando seu rubor para sua ereção. Eles aprofundaram o beijo, derramando todo o medo e desespero do longo dia nele.

—Fiquei tão assustada que você não viria atrás de mim, que não me encontraria. —Sussurrou ela.

—Eu sempre virei atrás de você, e passaria a eternidade procurando se eu tivesse que fazer. —Os movimentos de Caderyn tornaram-se mais urgentes. Ele afastou-se, puxando seu corpo no dela e gemeu. —Eu realmente não gosto das Olímpicas, mas eu admiro seu gosto por roupas. Você se importaria se mantivéssemos esse vestido para ocasiões especiais?

—Ocasões especiais? —Ela riu.

—Sim, como todas as noites e talvez alguns dias, também. —Ele sorriu, balançando a cabeça ansiosamente, com uma expressão esperançosa em seu rosto. Suavemente, ele jurou. —Por todos os deuses, você é tudo o que eu poderia sonhar.

—Oh, você gosta desse vestido, não é? —Bridget não pôde deixar de rir. —Espere até eu ter umas palavrinhas com os alfaiates. Vou fazer com que façam coisas com as quais você apenas sonhou.

Talvez dando aos alfaiates padrões de lingerie modernas, seria um passatempo perfeito para seu tempo entre os Merr. Tinha a sensação de que muitos dos homens a agradeceriam por seus esforços.

Beijando sua sobrançelha, suas bochechas, e então seus lábios, Caderyn disse em sua mente. —*Você está segura. Agora que nós conectamos nossas mentes e nossos corações, ninguém pode tomá-la de mim outra vez. Sentirei se tentarem.*

—*Todos vão ouvir meus pensamentos?* —Perguntou Bridget, preocupada.

Ele riu e aprofundou o beijo até que ela não conseguiu falar. —*Só na nossa forma Merr. Nesta forma, só nos leremos uns aos outros.*

—*Ótimo.* —Disse Bridget, relaxando um pouco. —*Porque há alguns pensamentos que eu não preciso que mais ninguém ouça.*

Caderyn gemeu, varrendo-a de seus pés apenas para colocá-la gentilmente no manto. A grama macia foi feita para uma cama agradável. Ele esfregou as mãos sobre seu corpo, provocando-a através do vestido fino, antes de puxá-lo acima de sua cabeça e jogá-lo de lado. Sério? Que pensamentos?

—*Na maior parte é sobre sua grande bunda.* —Admitiu ela.

Ele se afastou e ela viu sua surpresa. —*Minha bunda?*

—*Humm, deliciosa.* —Bridget assentiu. Como poderia o homem não saber que ele tinha uma bunda grande, do tipo que as mulheres se derreteriam.

—Derreteriam? —Ele olhou por cima do ombro, como se olhasse para o seu próprio traseiro. Bridget ofegou. Ela realmente tinha que observar seus pensamentos. —Então você gosta da minha bunda, muito, hein?

Sentiu-o mudar o peso suavemente, soube que estava flexionando os músculos ao longo de sua bunda.

—Ah. —Ela repreendeu brincando, seus olhos se alargando. O homem era positivamente incorrigível. —Saia da minha cabeça, caso contrário não haverá mistério entre nós.

—Ahh de jeito nenhum. —Ele sussurrou em seu ouvido. —Isso é muito bom. Diga-me, esposa, o que mais você gosta?

—Antes que ela pudesse parar, um pensamento apareceu em sua cabeça. —*Chupando seu pau duro e grosso. Ah! Quer dizer, ir para baixo em você e dar-lhe... Ah... Prazer.*

Caderyn gemeu, instantaneamente, pressionando seus quadris para frente, balançando suavemente. Sua ereção estava escondida por sua túnica, mas ela podia sentir seu comprimento grosso muito bem.

—Por todos os deuses, é sexy quando você pensa coisas assim. Espero que você tenha esses pensamentos muitas vezes. Eu adoraria ouvir todos eles.

Caderyn beijou entre seus seios, movendo-se lentamente para cima de um montículo para passar a língua ao longo de seu mamilo ereto. Ele girou, beliscando e acalmando-os com a boca quente. Ela arqueou, tentando levá-lo a tomá-los mais profundo, para acabar com o desejo que isso mexeu dentro deles. Ele se obrigou, sugando o globo flexível profundamente.

Depois que ele tinha completamente conquistado seu peito, ele lambeu até seu estômago, contornando seu umbigo antes de mover-se entre suas coxas. Os sons animalistas de puro prazer escaparam de sua garganta, enquanto ele forçava suas coxas com força. Bridget estremeceu. Seu corpo lembrando muito bem do quanto ele gostava de beijá-la até o clímax. A respiração quente soprou sobre sua buceta. Seu clitóris se retorceu, e ela ficou tensa, pronta para aquele primeiro toque íntimo de sua boca em seu sexo molhado.

—Alguém pode nos ver aqui? —Bridget respirou pesadamente, preocupada com os cuidadores encontrando-os em uma posição tão sórdida. Não era a primeira impressão que queria fazer aos amigos.

—Eu cuidei disso para termos privacidade hoje noite. Ninguém vai nos incomodar. —Ele rosnou. —Agora, o que é esta fixação que você tem de olhar para minha bunda. É isso? —Ele passou a ponta da língua sobre sua fenda levemente. —Humm, delicioso. Eu quero mais.

—Ah. —Bridget ofegou, quando foi atingida por ondas de choque de luxúria.

Caderyn a lambeu uma e outra vez, gemendo apaixonadamente. Cada passagem trazia sua boca mais perto, sua língua mais completamente ao longo de seu sexo. Com um golpe arrojado, ele arrastou sua língua ao longo de todo o comprimento de sua fenda. Ela sacudiu quando alcançou seu clitóris, mas ele não ficou lá enquanto ele se voltava para baixo. A ponta de sua longa língua mergulhou dentro de sua buceta, balançando em suas profundezas contra o doce ponto de sua excitação.

—Ah! Ah! —Era tudo que ela podia dizer enquanto agarrava suas coxas, erguendo suas pernas abertas mais ainda, e mantendo-as separadas.

—Por favor, por favor, mais. Deixe-me ter isso. Eu preciso sentir sua boca chupando meu clitóris. Oh, por favor, sim. Não pare. Sim. Sim. Sim. Sim!

Ansiosamente, sua boca obedeceu quando ele fechou os lábios sobre o clitóris. Sua língua desenhava suas dobras para lambe seu creme. Bridget se sacudiu, batendo em sua cabeça com a coxa. Ele gemeu, renovando seu apoio em suas pernas enquanto ele as segurava abertas, agarrando-as enquanto puxava seu clitóris em sua boca faminta. Caderyn bebeu seu gosto. Ele era muito forte, não havia como escapar do prazer que ele lhe dava, mesmo que se intensificasse até o ponto em que ela pensasse que explodiria em um milhão de pequenos pedaços.

—*Tão bom, tão bom.* —Seus pensamentos fluíram sobre ela. —*Você tem um gosto tão bom.*

Bridget arqueou-se do chão, e ele manobrou seu corpo para que sua coxa pendesse sobre seus ombros. Caderyn empurrou a língua para cima de sua passagem lisa, trabalhando-a dentro e fora em um ritmo surpreendente. Seu nariz bateu ao longo de suas dobras atingindo seu clitóris. Ela sentiu-se perto de gozar. Puxando sua cabeça, ela moveu sua boca até seu clitóris e implorou. —*Aqui. Faça aqui. Chupe-me aqui.*

Caderyn obedeceu, prendendo a boca sobre ela, e sugando enquanto sua língua girava. Bridget ofegou, tensa quase que imediatamente. —*Sim, sim, assim. Oh sim. Mais forte. Mais forte!*

A língua de Caderyn pressionou mais forte, e Bridget gritou quando ela gozou, encharcando seu queixo com seu clímax. Enquanto ela tremia em sua libertação, ele se afastou, mergulhando seus dedos para substituir sua boca em seu corpo. Ele empurrou um dedo grosso nela, acariciando violentamente para manter seu corpo em um passo febril.

Bridget tinha acabado de gozar e ainda queria mais. Sentia-se insaciável. Apoiada em suas mãos, ela as afastou para ajustar sua posição. Ela ficou de frente à fronteira, de quatro. As estrelas do mar nadavam diante dela, românticas como luz de velas, e bastante exóticas para contemplar.

—Mais. —Ela exigiu. Empurrando sua bunda para o ar, ela ofereceu seu corpo para seu marido. —*Eu quero mais. Preciso sentir você dentro de mim.*

Olhando por cima do ombro, viu Caderyn puxar a túnica. O material cobria suas costas quando ele trouxe seu pau para roçar ao longo da fenda dela. Sentindo a cabeça de sua ereção tão grande e quente, ela empurrou seus quadris para trás, tomando tudo com um impulso. Seu corpo o ajustou, apertando firmemente ao redor de seu pau grande. Constantemente se surpreendia com o quanto seu pau espesso esticava sua buceta.

Ele agarrou seus quadris, puxando e empurrando em um ritmo lento e profundo. As estrelas do mar ficaram turvas, até que ela só podia ver manchas de luz dançando dentro de sua visão. Seus dedos agarraram a grama enquanto observava seus seios sacudirem com cada impulso dominante. Os

grunhidos de prazer de Caderyn caíam sobre ela. Ela apertou os músculos de sua passagem, apertando-o ainda mais. Seu ritmo vacilou.

—Ahhh-oh. —Ele gritou surpreso com a tensão, não se movendo. Bridget fez de novo, apertando-o com força. Era bom estar tão cheia. —Por todos os deuses, mulher!

—Foda-me! —Ela ordenou. —Você gosta disso, não é?

Caderyn uivou enquanto ele cavalgava forte, batendo nela por trás. Ela ouviu os pensamentos frenéticos em sua cabeça, palavras incoerentes de prazer. —... *Apertada... Bom... aye, aye... Assim... Foda... Foda!*

Bridget ficou tensa, muito excitada por saber o que ele estava pensando. Não havia fronteiras entre eles. Sentiu o que ele sentia, ouvia o que ele pensava.

—Foda-me, mais forte, Caderyn, mais forte. —Disse ela, deixando que uma série de pensamentos sujos filtrasse em sua mente, para que pudesse ouvi-los. —*Eu quero seu pau. Leve-me. Dê isso para mim. Nunca me deixe ir. Nunca pare.*

A tensão construída. Bridget alcançou seu clitóris, esfregando-o em círculos enquanto aproximava-se do clímax. Sabendo quão apertado ele gostava, ela manteve os músculos apertados ao longo de seu pau. Caderyn gemeu alto. Seu corpo espasmando com prazer intenso e o começo da liberação. Ele ficou tenso, mas não parou quando seu corpo o agarrou. Ela sabia que ele estava gozando dentro dela, dando-lhe a sua semente, mesmo quando ele continuou a bombear seus quadris para dar-lhe um clímax completo.

Bridget cravou os dedos no chão enquanto era agitada por tremores de gratificação. Ele, o que sentia, era maravilhoso. Ela nunca quis que eles terminassem. Seu pescoço enfraqueceu, e sua cabeça caiu para frente.

—*Mais.* —Disse Caderyn, ainda embutido dentro dela. —*Eu quero mais. Desta vez dentro do seu doce rabo.*

Seu polegar deslizou acima de sua fenda rosada e apertada, enterrada entre suas nádegas. Ele o sondou levemente quando retirou seu pau de sua buceta. As terminações nervosas em seu traseiro saltaram para a vida. Seu corpo inteiro estava entorpecido pelo prazer que ele havia dado a ela, e ainda conseguiu despertá-la mais uma vez. Bridget caiu em seus cotovelos, sua bunda no ar enquanto ele suavemente esfregava seu corpo sensível - tocando seu sexo, mesmo enquanto ele sondava sua bunda. Cada vez que ele roçava seu clitóris inchado, ela sacudia com pequenos tremores.

Finalmente recuperando o fôlego, ela empurrou para cima. Seus dedos deslizaram um pouco mais profundamente em seu ânus, mas ela não se importou. Foi bom. Ela balançou em sua mão para um bom ajuste, quando ela sentou-se para trás. Balançando, seu corpo para suas costas, ela o deixou foder seu traseiro com seu dedo. Inclinando a cabeça em seu peito, ela disse: —Deite-se. Quero te chupar primeiro.

Caderyn puxou sua mão e imediatamente obedeceu, com um olhar de pura alegria e antecipação em seu rosto. Bridget afastou as coxas. Ele já estava a meio mastro, e ela o acariciou com as mãos e o rosto, beijando-o suavemente da cabeça do pau até a raiz. Ela chupou as bolas em sua boca antes de deixar ir, e viajar de volta até a ponta.

Alcançando entre suas próprias coxas, ela molhou seu dedo em sua excitação, acariciando-se algumas vezes antes de mover-se para sua bunda apertada. Ela sabia o que ele gostava, e não estava mais envergonhada com a ideia de dar a ele. Quase no momento em que ela sondou sua bunda apertada, seu pau saltou para a vida plena, enchendo sua boca.

Bridget sondou suas nádegas apertadas, apreciando a maneira como ele se contorcia de prazer. Ele tinha o corpo de um deus e ela gostava de olhar para ele. Empurrando seu dedo para dentro, ela o rodeou, imitando os movimentos que ele tinha feito nela, enquanto ela colocava suas bolas em sua palma.

Caderyn se esticou, empurrando para baixo enquanto empurrava contra sua mão. Ela chupou-o em sua boca, deixando-o criar seu próprio ritmo contra ela.

—*Eu te amo.* —Ele disse uma e outra vez. Em voz alta continuou a gemer de prazer, as palavras quase incoerentes. Seu estômago se esticou. —*Eu te amo. Eu te amo.*

Agora que estava relaxado, deslizou um segundo dedo para dentro. Seu pau se contorceu em sua boca, mas ele se conteve, se recusando a ir.

—Suba. —Ordenou ele.

Bridget ansiosamente fez o que ele disse, virando-se ao subir sobre seu corpo. De frente para as pernas, ela o levou para dentro de sua buceta. Ela se inclinou para frente, dobrando seu eixo para que ele se afastasse de sua cabeça. Seus joelhos apoiavam seu peso e suas mãos estavam livres para brincar com suas bolas e bunda. Trabalhando seu corpo sensível sobre o dele, ela o levou em um lento ritmo constante. Caderyn usou a posição a seu favor, quando ele também encontrou seu ânus e deu prazer a ela com seus dedos. Ela ofegou, quase não conseguiu respirar enquanto ela balançava para cima e para baixo, para cima e para baixo, ao longo de seu corpo. Não demorou muito para que ambos gozassem forte e junto.

Mais tarde, Caderyn levantou-a do chão em seus braços. Bridget estava tão cansada, que mal conseguia mover-se. Ela colocou os braços contra o peito dele, confiando que ele não a deixaria cair, enquanto aconchegava-se em seu calor. Entrando na casa pela porta dos fundos, ele disse a ela: —Não se preocupe se alguém nos vir dentro da casa. Ninguém nos incomodará hoje à noite.

Bridget estava muito saciada para se importar no momento, se o mundo inteiro os observasse. Levando-a através dos jardins para o átrio, ele baixou seu corpo na água fria da piscina. Ela sacudiu surpresa, enquanto ela esperava brotar barbatanas.

Quando ela olhou expectante para suas pernas, realmente temendo por uma fração de segundo que o traço Merr tinha se esgotado, ele simplesmente explicou. —Água doce.

Bridget instantaneamente relaxou. —Oh.

Depois que eles se banharam, levando seu tempo explorando o corpo um do outro, Caderyn levantou-a de volta em seus braços, e a levou para a cama. Colocando seu corpo em torno do dela, ele beijou sua têmpora e disse: —Estou tão feliz que você é minha esposa.

—E eu estou feliz que você é meu marido. Eu te amo, Caderyn.

—Eu também te amo. —Ele sussurrou, enquanto dormiam.

Capítulo Dez

Na manhã seguinte, Afra fez um café da manhã para os recém-casados quando acordaram. Bridget e a mulher se tornaram amigas instantaneamente. Enquanto Sirius e Caderyn conversavam, Afra mostrou a Bridget ao redor da fazenda, explicando onde estava tudo na casa, e como as coisas funcionavam. A mulher estava muito orgulhosa de suas plantas no jardim e, como cientista, Bridget podia apreciar o entusiasmo de Afra pelo seu trabalho.

—*Onde você está?* —Caderyn perguntou, usando a ligação telepática entre eles.

Bridget sorriu vivamente. Ele estava gemendo por algum tempo sobre o quanto a sentia e quanto ele queria abraçá-la.

—*Jardim.* —Ela respondeu, mantendo o rosto neutro enquanto Afra lhe mostrava uma de suas mais novas plantas do projeto que ela criara.

—*Eu quero você.* —Disse Caderyn, e ela podia ouvir a ociosidade do pensamento. —*Eu quero beijar seus seios, lamber pelo estômago como eu fiz na noite passada, para beber seu doce, delicioso...*

—O meu também faz isso. —Disse Afra, antes de gritar: —Caderyn! Deixe sua esposa! Você vai buscá-la de volta em breve. Agora ela está falando comigo!

Bridget percebeu que ela estava corando e olhando para o espaço. Ela sentiu o calor inundar seus traços.

—Acho engraçado deixá-lo nervoso por toda a casa. —Disse Afra. —Eu gostaria de poder dizer que é uma característica que eles crescem com ela, mas não é. Meu marido faz isso comigo o tempo todo. Na verdade, você vai

aprender a bloqueá-lo um pouco. E não se preocupe, você vai se vingar dele por isso. Da próxima vez em que ele estiver falando com o rei, envie-lhe uma imagem mental de si mesma nua no chuveiro. Que ele irá receber. Ou, se ele tem sido realmente desagradável, espere até que ele esteja na frente de um grande grupo de pessoas, como no banquete dando um discurso.

Bridget deu uma risadinha. —Você pode compartilhar imagens com seu marido? Como?

—Sim, com o tempo você aprenderá todos os tipos de truques legais. —Disse Afra. —E como eu disse, com o tempo, você será capaz de bloqueá-lo algumas vezes. Coisa boa também, ou ele saberia cada presente que você tentaria dar a ele. Pode ser doloroso, mas eu gosto de pensar nisso como um desafio.

Depois que Afra terminou sua turnê, Bridget ficou desapontada ao saber que Caderyn precisava voltar para o palácio. Ele queria relatar o movimento das Olimpianas ao rei, e contar-lhe como as sereias tinham seu próprio caminho para o oceano a partir do Monte Olimpo. De acordo com seu marido, os outros caçadores poderiam estar em perigo se as olímpicas estivessem vagando sobre o Abismo livremente. Se eles encontrassem as mulheres, sem saber que poderiam estar lá fora, seu próprio povo poderia se machucar - especialmente agora que Bridget tinha escapado com seu segredo.

Afra os fez um pacote de comida para a viagem. Caderyn e Bridget disseram um adeus aos cuidadores, e partiram por um caminho diferente da floresta, mais distante das olímpicas do que antes.

—Estaremos de volta em breve. —Prometeu Caderyn, enquanto olhava para a fazenda. Ela realmente gostava de lá, gostava de Afra e Sirius. Eles a fizeram sentir-se em casa, mesmo antes de descer para o mundo subaquático.

Bridget apenas assentiu com a cabeça. Eles andaram em silêncio por algum tempo, desfrutando o dia quente e agradável.

—O que há de errado com as olímpicas entrarem no oceano? — Perguntou Bridget. —Por que não as deixarem em paz?

—Aquele grupo foi banido da cidade por uma razão. —Disse Caderyn, com a voz baixa.

—Ei, nós somos uma equipe agora. Eu sou sua esposa, e você deve confiar em mim. —Bridget franziu o cenho para ele.

—Eu confio em você, é só... —Ele suspirou. —É um momento embaraçoso em nossa história, e não gostamos de discutir isso.

—Não é como se eu fosse contar a alguém. —Disse Bridget. —Você pode me dizer.

—Eu sei. —Ele envolveu seu braço em torno de seus ombros e beijou sua têmpora. —As olímpicas costumavam ir à superfície e atrair humanos para suas mortes. Elas faziam com que navios batessem nas rochas cantando canções para tecer um feitiço sobre machos humanos. Algumas até mesmo puxavam os marinheiros para a água para afogá-los, apenas para o prazer doentio de fazê-lo. De algumas das coisas que Aidan nos contou de lendas e mitologia lá de cima, nós Merr, temos a reputação horrível na superfície.

—Espere, eu pensei que você disse que não poderíamos respirar o ar da superfície. —Disse Bridget. —Como é que elas estão atraindo humanos para a morte com a música? Elas nadam pelos navios? Cantam sob a água?

—Não podemos respirar ar da superfície, mas por alguma razão elas podem. Temos tentado por anos descobrir o seu segredo. Elas não podem ficar acordadas ou vão morrer, mas podem subir. Se soubéssemos o segredo, seríamos capazes de salvar mais vidas. Nós tentamos descobrir, enviamos homens em seus grupos implorando para serem escravos. Mas, nós falhamos a cada momento. —Caderyn suspirou. —Finalmente, nós apenas decidimos deixá-las. Contanto que não pudessem entrar no oceano, não poderiam fazer nenhum dano. Mas, agora, com o que você disse sobre sua nova casa, eu odeio pensar sobre o que já poderia estar acontecendo se as olímpicas tomaram algumas de suas velhas formas de afogamento humano.

—A comida, talvez? —Bridget perguntou, de repente, parando em pensamento. —Quando eu estava lá, elas me alimentaram. Uma das mulheres, Neda disse algo sobre as algas que elas tentaram me fazer comer. Foi nojento. Eu não pude fazê-lo.

—Nós testamos seus alimentos. Eles são iguais aos nossos. —Disse Caderyn.

—Não este material. Ele é grosso. Não sei por que elas se incomodam com tudo a escolher no oceano. —Bridget puxou o braço de Caderyn. —Você tem que me deixar coletar e estudar as diferentes plantas lá fora. Eu não posso prometer nada, mas o que temos a perder? Se meu marido vai estar lá em cima caçando... —Bridget arranhou o rosto em preocupação enquanto eles novamente começaram a andar em silêncio pedindo a Caderyn.

—O quê? —Caderyn automaticamente segurou seu cotovelo para ajudá-la sobre um tronco caído. Ela sorriu ante o gesto de cavalheiro. Ele era muito doce com as palavras às vezes.

—Suponho que não vai parar de caçar, não é? —O estômago dela apertou, preocupado com ele e com o mal que ele poderia sofrer em seu trabalho.

—É importante. Por tudo o que sabemos, é a razão pela qual os deuses me abençoaram com você. Como eu poderia parar agora? —Ele beijou sua têmpora. —Não se preocupe. Eu tenho feito isto por séculos.

—Tudo bem. —Ela assentiu, ainda preocupada com ele. Ela o amava. Como ela não podia se preocupar? —Apenas prometa que você vai ter cuidado lá fora.

—Eu sempre tenho.

—Como eu estava dizendo. Se meu marido vai estar lá fora caçando, quero que ele seja protegido. Só de pensar em você preso nessa rede, sabendo quão perto chegamos de matar você... —Ela estremeceu. —Nós éramos apenas um grupo de cientistas com uma rede. E se você se deparar com pescadores de alto mar, homens treinados para transportar as coisas do

oceano? Eu prefiro que você possa respirar o ar da superfície se você tiver que passar por isso. Ou pior, e se um submarino com torpedos o vir e disparar? Não sei, Caderyn. Parece tão perigoso para você subir tão perto da superfície.

—O quê? Submarino? O que é isso?

—Submarino. —Pensando em uma maneira de explicá-lo, ela disse: —As vias humanas militares sob a água, e cada década eles vão mais e mais. É um barco gigante que nada como um peixe.

—Sei que você gostaria de voltar à propriedade rural o mais cedo possível, meu amor, mas eu realmente acho que você deveria considerar trabalhar com Aidan no palácio. —Caderyn parou de caminhar e segurou sua bochecha. —Eu nunca vou mentir para você. Há coisas que vimos no mundo superficial que não entendemos. Se há perigos que você conhece, por favor, nos ajude. Você viu o que a Scylla pode fazer se não caçarmos. Nós temos que caçar, mas seu conhecimento pode nos ajudar. Por favor, pense nisso.

—Claro que vou ajudá-lo, Caderyn. —Disse ela, feliz por ter um senso de propósito. —Claro. Vou contar a Aidan tudo o que sei.

No palácio, Caderyn relatou tudo o que tinha descoberto sobre as olímpicas para o rei. Foi decidido que Bridget imediatamente seria ensinada como navegar no Abismo, para que ela pudesse coletar suas amostras e fazer seus testes ao lado dos cientistas de Merr. Até o momento em que pudesse navegar sozinha, os catadores seriam enviados para recolher para ela. Ela explicou para eles o que ela estava procurando. Embora lhe trouxessem muitas coisas, mas nunca era a planta certa. Ela continuou tentando, porém, determinada a não desistir.

Em seu tempo livre, ela trabalhou com Aidan na sala de artefatos, contando-lhe sobre mundo da superfície. Ele insistia que ela se lembrasse de todos os detalhes, não importa quão pequeno ou insignificante ela pensava

que pudesse ser. Ele fez muitas perguntas e tomou notas intermináveis. O que os humanos comiam? Quais eram os costumes de namoro? De que cor as mulheres pintavam seus rostos? Ela riu, não entendendo como dicas de maquiagem ajudariam a sociedade Merr, mas independentemente, disse-lhe tudo o que ele queria saber. E ele tinha coletado uma quantidade suficiente de dados que ele publicou para que as pessoas Merr pudessem ler as descobertas.

Os alfaiates, mais ansiosos para ouvir das modas mais recentes, insistiram em fazer alguns desenhos. Bridget não era artista, e acabou mais frustrada do que ajudou. Embora, quando ela explicou a camisola especial que ela queria fazer para ela, eles ficaram em um frenesi para trabalhar.

Dentro de um tempo muito curto, seus projetos de lingerie sexy chegaram a todas mulheres de Ataran, e maridos nunca estiveram mais felizes. Na verdade, muitos casais enviaram-lhe agradecimentos com presentes. Ela não tinha certeza do que pensar sobre isso ainda, mas Caderyn assegurou-lhe que estava tudo bem.

Chegou à notícia de que Cassandra estava se adaptando a sua nova vida, embora o relatório fosse vago, e Bridget não podia deixar de se perguntar como era verdade. Ela queria ver a mulher, mas ela não pressionou o assunto, sabendo que seu trabalho no palácio era mais importante. Não era como se ela e Cassandra fossem amigas íntimas, embora Bridget esperasse que elas fossem algum dia. Elas tinham uma coisa muito importante em comum. Ambas vieram do mesmo mundo acima das ondas.

Lyra foi ao campo com Rigel. De acordo com Aidan, ela ainda estava dando ao caçador o tratamento silencioso quando eles partiram. Aidan insistiu que ela iria falar. Bridget ainda não estava cem por cento convencida disso.

Desde que os reis decretaram que Caderyn devia ensiná-la a nadar na água, ele estava dando suas lições. A primeira vez que ele a levou para fora, ela quase não saiu da caverna subaquática antes de entrar em pânico e nadar de volta para a costa. Demorou algum tempo, mas ela se acostumou a sua visão Merr e, de repente, não foi tão assustador.

Com Caderyn, ela se sentia segura. Ele mostrou as coisas com as quais ela só sonhara, embora uma vez ela tenha sido atingida por um tipo incomum de água-viva, e esteve dolorida por quase um dia. Doeu pra caramba, mas ela sabia que não devia chegar muito perto delas novamente. Fundo do Mar era mais maravilhoso e exótico do que jamais imaginaria quando estava na superfície. A paisagem era como a terra, apenas escura e sombria, sempre mudando e mudando com areias de tom azul. Sem contar as picadas de água-viva; ela adorava cada minuto.

Um mês passou e tudo estava bem. Bridget estava se instalando em sua nova vida com Caderyn. Ela trabalhava durante o dia, e achou o que ela fazia novo e gratificante. Faziam amor à noite, abraçando-se depois.

Ele mandava pensamentos maldosos para ela em todas as horas do dia, e ela aceitou o conselho de Afra, e enviou-lhe algumas imagens maliciosas dela própria, enquanto ele estava em conferência com o rei e os outros caçadores. Depois, ele entrava em sua casa, a atirava sobre a parte de trás do sofá e tinha sua maneira muito indomável com ela. Bridget tinha certeza de enviar-lhe tais pensamentos com frequência.

Uma noite, ele deixou o pensamento "muito melhor do que a ninfa do prazer" escorregar durante o sexo. Bridget imediatamente exigiu que ele destrancasse o guarda-roupa. A boneca cibernética foi jogada fora imediatamente. O resto dos brinquedos mostrava promessas, e ela passou a noite torturando-o com cada um deles.

Ela estava tão apaixonada por seu marido, e ele estava apaixonado por ela. Eles estavam muito felizes. Tudo estava perfeito, até o dia em que Caderyn informou que estava saindo para rastrear uma Scylla. Bridget gritou, implorando para que mandasse alguém em seu lugar. Ela não podia evitar. Ela tentou ser forte, mas a ideia de algo acontecendo para arruinar sua vida nova e perfeita a aterrorizava. No final, ele disse que seu trabalho era muito importante para não ir.

—Quatro dias. —Disse Bridget, batendo na mesa para chamar a atenção de Aidan. —Ele está fora há quatro dias.

—Eu já expliquei, Bridget. —Disse Aidan, como ele tinha levado a chamá-la depois que ela ficou furiosa com a coisa de "minha senhora". Ele era o único, no entanto, já que todo mundo parecia gostar de usar seu novo título. Ser esposa de um caçador deu-lhe um pouco de prestígio entre os Merr. Empurrando a mão para o lado para que ele pudesse trabalhar, ele acrescentou: —Eles podem ficar fora por até duas semanas antes que eles precisem voltar. Tenho certeza que está tudo bem.

Bridget franziu as sobrancelhas, mas assentiu com a cabeça em um relutante acordo, enquanto retomava a marcha na sala de artefatos. Esgotada, ela sabia que precisava dormir um pouco. À noite, ela acordou, sentindo falta de Caderyn, preocupada com ele no oceano, querendo abraçá-lo desesperadamente. Solon e Brutus estavam com ele. Brutus geralmente estava em uma equipe diferente, mas Iason estava no campo cuidando de Cassandra. Ambos pareciam bons homens, e tinham excelentes reputações como caçadores.

Bridget conhecia sua reputação, pois ela exigira uma audiência com o rei Lucius para descobrir. O rei ficou chocado com suas perguntas ousadas sobre Brutus e Solon, mas respondeu a todas e cada uma de suas perguntas.

—Quando foi à última vez que você dormiu? —Aidan perguntou, desistindo de seu trabalho para observar seu ritmo.

—Há quatro dias.

—E quanto tempo desde que você comeu? —Ele insistiu. —Você não foi ao salão para jantar. Alguém lhe trouxe comida em sua casa?

—Quatro dias. —Ela repetiu, mastigando nervosamente o lábio.

—Eles tentaram me deixar alguma coisa, mas eu não estava com fome. Eu não consigo fazer nada além de me preocupar com ele. Sinto falta dele.

—Você não pode fazer isso com você, Bridget. Seu marido é um caçador. Isto é o que os caçadores fazem. O que? Toda vez que ele sai você vai morrer de fome e se recusar a dormir? —Aidan franziu o cenho, e ela não conseguiu encontrar seus olhos preocupados. —O que pensaria Caderyn se soubesse que não estava cuidando de si mesma? O que você acha que vai acontecer na próxima vez, se ele estiver lá fora, e tudo o que ele puder fazer é se preocupar se você está ou não cuidando de si mesma corretamente?

—Não posso evitar, Aidan. —disse Bridget. —Sinto falta dele. Sinto tanto a falta dele que meu estômago dói, e eu fico enjoada com o simples pensamento de comida. Eu tento dormir, mas não posso. Ao invés disso, eu só fico acordada olhando para o teto, sentindo falta dele, implorando-o com minha mente para voltar para casa embora eu saiba que ele está muito longe no oceano para ouvir minha “telepatia”. Eu tento comer, mas eu só vomito. Estou doente sem ele. Sinto que falta um pedaço de mim mesma.

—Você está apaixonada. —Disse Aidan, acenando com a cabeça. —As caçadas de Caderyn devem ser mais fáceis para você com o tempo. E, porque você o ama tanto, você deve tentar pensar sobre o que ele gostaria.

Ela fez uma careta, mas não respondeu. Em vez disso, ela ficou mexendo em sua orelha.

—Aqui, vamos levá-la a Althea. —Disse Aidan. —Esperançosamente, ela terá algo para ajudá-la a dormir. Você está horrível, Bridget, você realmente gosta dele. Talvez depois de descansar, você vai se sentir melhor. OK?

Ela lhe lançou um olhar irado. —Bem, você é bom para conversar. Você não vai ganhar nenhum concurso de beleza, Aidan.

Ele arqueou uma sobrancelha, confuso, enquanto olhava para baixo.

Bridget fez sinal para seu rosto e riu suavemente. Era a primeira vez que sorria desde que Caderyn a deixou. —Você manchou tinta preta por toda a sua mandíbula há cerca de uma hora. Parece que vai manchar a pele.

Caderyn seguiu Brutus quando o grande caçador arrastou a Scylla de volta para Ataran. Era estranho caçar com alguém diferente de Iason. Como Brutus era parte dos guerreiros, era altamente capaz em seu trabalho. Na verdade, a escuridão de sua cauda o tornava quase invisível, e altamente eficiente na água.

A caça foi razoavelmente bem, mas Caderyn sentiu imensamente a falta de Bridget. Pensou nela o tempo todo. Sem ela, sentia como se um pedaço de si mesmo estivesse desaparecido.

—*Sou eu, ou essas coisas estão ficando maiores?* — Brutus resmungou. Ele era o maior de todos os três e, sendo o “cara novo” oficial da equipe, ele tinha sido eleito para arrastar a Scylla de volta.

—*Você está ficando mole.* — Solon brincou. — *Todos os guerreiros reclamam como você, Brutus?*

—*Ah! Eu vou te dizer quem ficou mole. O pequeno amante ali.* — Brutus bateu a cauda em direção a Caderyn, enviando uma corrente em sua direção para fazê-lo balançar na água. — *Olhe para ele, com os olhos cheios de corações por uma mulher. Lady Bridget é linda, eu vou concordar com ele, mas ele tem que tentar nos atormentar com pensamentos dela?*

Solon riu. — *Sim, ele é um pouco patético, não é? Embora, eu não me importe com as fotos nuas que ele deixa escapar...*

—*Os dois estão com ciúmes por eu ter encontrado uma esposa.* — Disse Caderyn. Ele recebeu o grito de riso que ele esperava. — *E não lhe envie nenhuma foto nua de nada.*

Brutus abrandou, deixando um peixinho gigante com dentes afiados passar antes de nadar. — *Que os deuses me salvem de um destino como estar apaixonado. Vou escolher minha ninfa de prazer em qualquer dia sobre uma noiva irritante. Quando tiver terminado com ela, poderei desligá-la.*

—*Sim, a ninfa é tão boa quanto qualquer noiva, com certeza.* —Solon riu.

—*Entretanto, vou dar crédito à Lady Bridget por seus vestidos especiais. Comprei para a minha ninfa antes de partir.*

—*Vocês dois são um bando muito triste, comprando presentes para suas ninfas.* —Provocou Caderyn.

—*Pelo menos você pode desligá-la quando você se cansar dela.* — Brutus repetiu com uma piscadela.

—*Sim, ouvi seu comentário lamentável da última vez. Eu apenas escolhi ignorá-lo.* —Caderyn golpeou sua cauda na direção do homem, enviando uma corrente para tirá-lo ligeiramente do curso.

Todos riram de bom humor. Antes de Bridget, Caderyn teria dito a mesma coisa. Agora, ele sabia que tinha sido uma maneira de se proteger da solidão de enfrentar uma eternidade sozinho. Ele não disse nada disso a Solon e Brutus. Ele foi abençoado por sua esposa. Não havia razão para esfregar o fato em uma ferida muito dolorosa. Só podia esperar que seus amigos encontrassem um dia a mesma felicidade que tinha. Caderyn não podia imaginar sua vida sem Bridget.

Eles deslizaram pelas águas geladas em direção às Cavernas de Cristal. Pensando em sua esposa, Caderyn nadou mais rápido. Agarrando a pesada Scylla para ajudar Brutus com sua carga, ele disse: —*Vamos para casa.*

Solon e Brutus riam com mais ânsia, provocando-o durante todo o caminho de volta.

Caderyn franziu o cenho, quando saiu da água. Ele estava chamando Bridget desde que entrou nas cavernas, esperando que ela corresse para

cumprimentá-lo. Surpreendentemente, ela não estava respondendo a sua chamada.

Deixando Solon e Brutus para segurar a Scylla, ele agarrou a capa que ele tinha armazenado na caverna, e rapidamente a embrulhou em torno de seu corpo para esconder sua nudez. Seus dedos tentaram fazer um nó em seu ombro. Ele respirou fundo, animado para ver sua esposa, e preocupado que ela não estava respondendo a ele.

Apressando-se para casa, ele acenou com a cabeça para aqueles a quem passava. A maioria deles queria pará-lo e perguntar sobre a caça. Não havia nada emocionante para contar. Felizmente, nenhum navio naufragou, e a Scylla foi pega com poucos incidentes. Parecia uma eternidade até que ele finalmente pôde entrar em sua casa.

—*Bridget?* —Ele chamou, procurando no quarto. Ela não estava lá. Ao ir ao banheiro, ele disse: —*Bridget? Onde você está?*

Um sentimento doentio desdobrou-se em seu estômago. Ele saiu de sua casa, indo para a sala de artefatos. Estava vazia.

—*Bridget? Onde você está?* —Ele disse, dirigindo seus pensamentos para o palácio. Certamente sua ligação não foi quebrada. Fazia apenas cinco dias que ele saíra do palácio, cinco dias infernais passados sem ela, mas apenas cinco. Seu amor era mais forte do que isso, não era?

Ele correu da sala de artefatos, confiante de que o guarda, Brennus, teria dito a ele se sua esposa estivesse no Abismo. O rei Lucius lhe assegurou que não lhe permitiriam entrar no oceano até que ele voltasse. Sabendo quão teimosa sua esposa podia às vezes ser, franziu o cenho. Não tinha a menor dúvida de que ela poderia convencer os guardas a deixá-la passar. Embora, se tivesse, certamente Brennus teria dito algo a ele quando ele saiu das cavernas. Ainda assim, era um lugar para começar a procurar.

—Caderyn! —Aidan chamou, surpreendendo-o de seus pensamentos. —Você voltou.

—Aidan, onde está minha esposa? —Perguntou Caderyn.

—Ela está com a curandeira. —Respondeu Aidan, aproximando-se. Seus braços estavam carregados de pergaminhos frescos, tachos de tinta e penas.

—Obrigado. —Disse Caderyn. Ao passar, apontou para o rosto de Aidan. —Você tem alguma coisa aí.

—Eu sei. E não vai sair! —Aidan falou atrás dele, bufando.

Caderyn correu para fora em direção a Althea. Abrindo a porta da frente, seu coração apertou dolorosamente em seu peito. Não conseguia ouvir os pensamentos de Bridget. Algo estava errado. Ele só sabia disso.

—Bridget! —Ele gritou. —Althea?

Althea veio do quarto dos fundos. —O que foi? O que está errado? Você me trouxe outro ser humano para cuidar?

—Minha esposa. Onde está a minha esposa? Não consigo ouvi-la. O que aconteceu? —Caderyn fez um movimento para agarrar os ombros da curandeira. Ela o esquivou e apontou para o escritório de trás.

—Atrás... —A mulher começou. Ela não chegou a terminar a frase enquanto Caderyn se apressava perto dela.

Caderyn, lembrando-se da última vez em que Bridget estivera no escritório de Althea, entrou em pânico. Ele correu para seu lado. Seu rosto estava pálido, e estava deitada em uma das camas dos doentes, com os olhos fechados.

—Meu amor. —Ele sussurrou, inclinando-se sobre ela para tocar seu rosto. —O que aconteceu com você?

Justo quando tinha certeza de que ele desmoronaria por causa do medo, seus cílios se abriram e ela olhou para ele. Bocejando, ela se sentou, piscando pesadamente. —Caderyn? É realmente você?

—O que está acontecendo? Por que você está aqui? As olímpicas atacaram? Você saiu para o Abismo? O que...?

Bridget sorriu. Colocando a mão sobre a boca para silenciá-lo, ela saltou da cama, piscando sonolenta mesmo quando ela olhou para ele com alegria. —Não, não, nada disso. Eu estava apenas dormindo.

—Eu me comuniquei com você. —Disse ele, envolvendo-a em seus braços. Ele a apertou com força. —Eu senti tanto sua falta. Por que você não respondeu? Você deveria ter me ouvido, mesmo no sono.

—Se você estiver pronto para me deixar terminar, eu posso responder a isso. —Disse Althea.

Caderyn virou-se para ela, expectante.

—Sua esposa sofre de uma doença muito curiosa para a nossa espécie. Ela precisava dormir e eu dei-lhe algo para ajudá-la. O remédio é o que fez ela não poder ouvir a sua chamada.

—Que doença? Bridget? O que é isso? O que quer que seja, você pode me dizer. —Disse ele.

Bridget tocou seu rosto. —Não fique tão preocupado, querido. Tudo vai ficar bem.

—O que é? —Ele insistiu, se perguntando por que elas não diziam a ele o que estava acontecendo com sua esposa. Ele olhou para trás e para frente entre as duas mulheres, perto de sacudi-las para uma resposta.

Bridget sorriu. —Estou grávida.

Caderyn olhou para ela. Lentamente seu mundo ficou negro.

Bridget observou enquanto os olhos de seu marido ficavam brancos. Ele oscilou, desmaiando completamente. Ela tentou pegar seu peso, mas

Althea puxou-a para trás, acenando para o estômago de Bridget. —Você está num estado delicado. Deixe o homem cair. Ele vai se recuperar facilmente.

Bridget se ajoelhou no chão ao lado dele. —Caderyn? Querido? Meu amor? Caderyn? Você pode me ouvir?

Althea e Bridget examinaram-no, determinando que ele estava bem. Bridget segurou seu rosto em suas palmas. Ela tinha sentido muito a sua falta, era o paraíso apenas ver seu belo rosto de novo.

—Hum. —Pensou Althea, sentando-se de joelhos. —Parece que há algo que pode derrubar um caçador poderoso além do ar da superfície. Eu nunca pensei que veria o dia...

Bridget riu, sacudindo a cabeça. —Podemos acordá-lo? Você tem algo? Sais de cheiro talvez?

—Claro, eu tenho algumas ervas que o acordarão. —Disse a curandeira. —Mas, eu digo para esperarmos para lhe dizer que você está grávida de trigêmeos. Se ele reagir desta maneira por causa de um, três pode matá-lo.

Bridget olhou com os olhos arregalados para Althea. Fracamente, ela gritou. —Trigêmeos?

Althea assentiu com entusiasmo, sorrindo. Bridget engoliu em seco, sentindo-se tonta. Ela caiu no peito do marido, seu mundo se tornou escuro.

Fim



Grupo Rheazea Traduções